



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**

**Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea**

**ANDRÉA CLÁUDIA PIMENTEL NUNES**

**DINÂMICAS FAMILIARES E PERFORMANCES ESTUDANTIS: O OLHAR DO  
EDUCANDO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO**

**Salvador  
2020**

**ANDRÉA CLÁUDIA PIMENTEL NUNES**

**DINÂMICAS FAMILIARES E PERFORMANCES ESTUDANTIS: O OLHAR DO  
EDUCANDO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na  
Sociedade Contemporânea da Universidade Católica  
do Salvador, como requisito para a obtenção do  
Grau de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gilca Oliveira Carrera.

**Salvador  
2020**

N972 Nunes, Andréa Cláudia Pimentel

Dinâmicas familiares e performances estudantis: o olhar do educando de um Instituto Federal de Educação / Andréa Cláudia Pimentel Nunes. – Salvador, 2020.  
133 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Gilca Oliveira Carrera.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

1. Performance 2. Escola 3. Família 4. Fracasso 5. Adolescência I. Carrera, Gilca Oliveira – Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2:37

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Andréa Cláudia Pimentel Nunes**

### **“DINÂMICAS FAMILIARES E PERFORMANCES ESTUDANTIS: O OLHAR DO EDUCANDO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO”**

Dissertação aprovada com requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 30 de março de 2020.

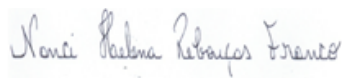
Banca Examinadora:



---

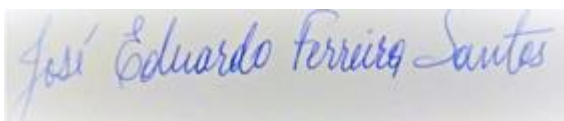
**Drª Gilca Oliveira Carrera**

**Orientador(a) – (UCSAL)**



---

**Drª Nancy Helena Rebouças Franco- (UFBA)**



---

**Drº José Eduardo Ferreira Santos- (UCSAL)**

A educação que se impões aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “enche” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

(Paulo Freire, 1974)

Dedico esse trabalho a todas e a todos aqueles (as) que como eu, não desistem nunca dos seus objetivos nem dos seus sonhos. Tomo emprestadas as palavras de Jim Rohn que sabiamente diz: “Disciplina é a ponte entre metas e realizações”.

## AGRADECIMENTOS

Enfim, é chegado o momento tão esperado. Não foi nada fácil trilhar esse caminho. Confesso que a persistência é minha maior qualidade e graças a ela eu não desisti e aqui estou.

Mas não cheguei até aqui sozinha, trouxe comigo inúmeras pessoas especiais na minha vida. Quero agradecer a todos aqueles que sempre confiaram em mim. Especialmente a Deus, por me encorajar todas as vezes que fraquejei. Sei que Ele tem seus propósitos e nos reserva o melhor momento na hora certa.

Agradeço à minha professora orientadora Dr.<sup>a</sup> Gilca Carrera que acreditou na minha ideia, na minha capacidade, por dedicar as suas orientações, pela paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou na construção desse trabalho. Manifesto aqui minha gratidão eterna por compartilhar sua sabedoria, o seu tempo e experiência.

Agradeço também a meu companheiro de vida Carlos Guimarães que sempre me apoiou e nunca deixou que eu me sentisse pequena diante das negativas que a vida me deu. Ele foi fundamental nesse processo ao ouvir as minhas reclamações, meu choro e meu desespero diante das dificuldades. Tenha certeza que sem o seu apoio e seu amor eu não chegaria até aqui.

Agradeço também as minhas meninas, Isaura, Sara e Bianca por entenderem os momentos de altos e baixos, minhas idas e vidas sempre com palavras de incentivo e com suas presenças acalutando o meu coração e tornando esse momento mais brando.

Bianca, companheira de todas as horas, sempre compreensiva, chegava pra falar comigo e eu nem sempre podia lhe dar atenção. Sempre no quarto diante do computador ou com meus livros lhe dizia: “Rápido filha! Estou estudando.”. Muitas vezes ela deitava ao meu lado em silêncio e sem reclamar só pra ficar perto de mim.

À minha Sarinha que alegra o meu coração toda vez que me telefona e com seu jeitinho carinhoso me chama de mamis ou *mother*. Essa foi parceira na construção dos meus gráficos durante a minha análise de dados. Não cansava de insistir que eu tinha que aprender a trabalhar no Excel, mas aqui pra nós, com uma expert dessas no Excel, quem precisa aprender?

À Isaura, primeira Mestre da nossa família, foi quem mais entendeu esse momento procurando me tranquilizar e me incentivar com palavras doces de motivação. Esta é a responsável por alegrar meu coração ao colocar nos braços meus dois tesouros, meus netinhos, Bernardo e Lívinha. Não posso esquecer os meus genros Danilo, Tiago e Luan, que na realidade são três filhos que Deus me deu e que também sempre procuravam saber como andava o mestrado.

Agradeço a aos meus pais Lucila e Toninho, aos meus amando irmãos Roberto, Lorena e Lucas por terem compreendido minha ausência algumas vezes durante esse tempo de estudo. Tenham certeza que sofri demais por pouco estar com

vocês, mas me fortalecia por saber que seria por pouco tempo e que vocês ficariam orgulhosos de mim. Suas preces mãezinha foram fundamentais para que me fortalecesse e chegar até aqui.

Agradeço também aos meus queridos colegas e principalmente amigos do IFBA, Ana Paula Cordeiro, Alfredo Nascimento, Bruno Miranda, Catarina Damasceno, Chico Reis, Cláudio Mário, Eloisa Pinto, Estela Smolka, Gustavo Leal, José Augusto Júnior, Justo Pascual, Sinval Sacramento e em especial a minha querida amiga Solange Moura que sempre me incentivou e deu suporte na construção do projeto de pesquisa. Vocês são muito especiais e merecem o meu eterno agradecimento.

Aos demais colegas do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, agradeço os momentos de boas risadas, descobertas e pelas trocas e escutas durante esses dois anos. Tenham certeza que os levarei sempre comigo.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, o meu muito obrigado.



## RESUMO

A família e a escola são instituições responsáveis pela performance dos indivíduos em formação. Socialmente se espera que ambas as esferas de proteção contribuam para o desenvolvimento de cidadãos conscientes de sua responsabilidade a partir de valores capazes de transformar a si mesmos e a sociedade que integram. Nesse estudo buscamos investigar de que forma as dinâmicas familiares podem interferir na performance do estudante do 1º ano do Curso de Química do IFBA – Campus Salvador. A fim de levantar o debate sobre as dinâmicas familiares e performances estudantis, buscou-se conhecer “o olhar do educando de um Instituto Federal de Educação”. Para tanto, a pesquisa apresentada trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa que almejou contemplar procedimentos metodológicos que estão associados ao “estudo de campo”, que visam reunir às observações empíricas participativas do cotidiano escolar. Como principal instrumento de coleta de dados, foi aplicada uma *ficha* individual intitulada “Eu e minha família”, na qual os estudantes eram incentivados a descreverem acontecimentos importantes ocorridos no seu ambiente familiar nos últimos oito anos. Participaram da pesquisa 28 estudantes repetentes do 1º ano do Curso de Química do ano de 2018, dentre eles 18 meninas e 10 meninos na faixa etária entre 15 e 18 anos. Como resultado podemos constatar relatos de eventos familiares marcantes tais como, separações, conflitos familiares, bullying, que exercem influência nos comportamentos e depressão, autolesão, ideação suicida, dentre outros que nos fizeram refletir que além dos problemas comuns que acontecem no dia a dia da escola, e que levam a performances escolares insatisfatórias como uma escolarização deficitária, a falta de interesse do estudante e a falta de estudo, as performances são também influenciadas por fatores inerentes ao núcleo familiar e as suas dinâmicas, que podem interferir no aproveitamento escolar, na concentração e dedicação de estudantes.

**Palavras-chave:** Performance. Escola. Família. Fracasso. Adolescência.

## ABSTRACT

The family and the school are institutions responsible for the performance of individuals in training. Socially it is expected that both spheres of protection contribute to the development of citizens aware of their responsibility from values capable of transforming themselves and the society they integrate. In this study find investigate what the form an familiars dynamics can interfere of student performance the 1<sup>st</sup> year of Chemistry Course of IFBA – Campus Salvador. In order to promote the debate about familiars dynamics and student performance, find know the look do student of the Institute Federal of Education. For this purpose, the research presented is about one case study, of a qualitative nature who craved contemplate methodological procedures that are associated with the “camp study”, which aim to bring together participatory empirical observations of school daily life. As the main data collection instrument, an individual record entitled "Me and my family" was applied, in which students were encouraged to describe important events that have occurred in their family environment in the last eight years. As a result we can see reports of remarkable family events such as separates, family conflicts, bullying, which influence behaviors and depression, suicidal self-injury ideation, among others that made us reflect that in addition common problems that happen in school day-to-day, and that lead to unsatisfactory school performances such as a deficient schooling, the lack of interest of the student and the lack of study, the performances are also influenced by inherent factors family nucleus and its dynamics, which can interfere with school performance, concentration and dedication of students.

**Keywords:** Performance. School. Family. Failure. Adolescence.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico I</b>	– Bairros dos estudantes escritos no PAAE no ano de 2018.....	69
<b>Gráfico II</b>	– Escolaridade dos familiares dos estudantes inscritos no PAAE no ano de 2018 .....	71
<b>Gráfico III</b>	– Renda familiar dos estudantes inscritos no PAAE no ano de 2018 .....	72
<b>Gráfico IV</b>	– Distribuição por etnia estudantes escritos no PAAE no ano de 2018 .....	73
<b>Gráfico V</b>	– Distribuição por religião estudantes escritos no PAAE no ano de 2018 .....	74
<b>Gráfico VI</b>	– Indicadores de aprovação (2014, 2016, 2017 e 2018) do curso integrado técnico em química .....	77
<b>Gráfico VII</b>	– Arranjos Familiares .....	84
<b>Gráfico VIII</b>	– Conflitos Vivenciados/ Sentimentos de Culpa.....	86
<b>Gráfico IX</b>	– Problemas emocionais.....	92

## LISTA DE TABELAS

**Tabela I** – Dados do Curso de Química do ano de 2018 das turmas A, B, C e D...77

**Tabela II** – Participantes da Pesquisa.....82

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABDI</b>	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
<b>ATA</b>	Atendimento ao Aluno
<b>BRICS</b>	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
<b>CAPNE</b>	Coordenação de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas
<b>CEFETBA</b>	Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia
<b>CENTEC</b>	Centro de Ensino Tecnológico
<b>CID</b>	Código Internacional de Doenças
<b>CIIF</b>	Curso Introdutório do IFBA
<b>CONSUP</b>	Conselho Superior
<b>DE</b>	Diretoria de Ensino
<b>DEPAE</b>	Departamento Pedagógico de Atenção ao Estudante
<b>DESEL</b>	Departamento de Seleção de Estudante
<b>EAD</b>	Ensino à Distância
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>ENADE</b>	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
<b>ETBA</b>	Escola Técnica da Bahia
<b>ETFBA</b>	Escola Técnica Federal da Bahia
<b>FUNASA</b>	Fundação Nacional de Saúde
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBOPE</b>	Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
<b>ICEIA</b>	Instituto Central de Educação Isaias Alves
<b>IDEB</b>	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

<b>IEESE</b>	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
<b>IFBA</b>	Instituto Federal da Bahia
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>INSPER</b>	Ensino Superior em Negócios, Direito e Engenharia
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>LGBT's</b>	LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNEROS
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>MERCOSUL</b>	Mercado Comum do Sul
<b>MMFDH</b>	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
<b>OCDE</b>	Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PAAE</b>	Programa de Assistência e Apoio ao Estudante
<b>PEA</b>	População Economicamente Ativa
<b>PENAES</b>	Programa Nacional de Assistência Estudantil
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PINA</b>	Projeto de Incentivo a Aprendizagem
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
<b>PPC</b>	Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Química
<b>PROEJA</b>	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
<b>SENAI</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
<b>TALE</b>	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UNICE</b>	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NO CONTEXTO BRASILEIRO.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1</b>	<b>Novas famílias no Brasil .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Família brasileira em meio às muitas transformações sociais, políticas e econômicas.....</b>	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>FAMÍLIA E ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1</b>	<b>Adolescências: aproximações conceituais .....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>O Adolescente como sujeito de direitos.....</b>	<b>40</b>
<b>3.3</b>	<b>Adolescência, escola e família: Performance estudantil .....</b>	<b>42</b>
<b>4</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1</b>	<b>Tipologia da Pesquisa – Estratégia de aproximação dos sujeitos .....</b>	<b>48</b>
<b>4.2</b>	<b>O lócus de Pesquisa.....</b>	<b>48</b>
<b>4.3</b>	<b>Aspectos Éticos .....</b>	<b>50</b>
<b>4.4</b>	<b>Liberdades e garantias individuais dos participantes.....</b>	<b>51</b>
<b>4.5</b>	<b>Critérios de inclusão e de exclusão na amostra .....</b>	<b>51</b>
<b>4.6</b>	<b>Procedimentos de coleta e tratamento de dados .....</b>	<b>52</b>
<b>4.7</b>	<b>Adesão dos sujeitos .....</b>	<b>52</b>
<b>4.8</b>	<b>Instrumentos de coleta.....</b>	<b>53</b>
<b>4.9</b>	<b>Descrição dos participantes .....</b>	<b>54</b>
<b>4.9.1</b>	<b>Faixa etária dos participantes .....</b>	<b>55</b>
<b>5</b>	<b>O IFBA COMO COMUNIDADE ESCOLAR .....</b>	<b>56</b>
<b>5.1</b>	<b>Educação profissional: uma modalidade Histórica .....</b>	<b>56</b>
<b>5.2</b>	<b>Ingresso no IFBA: um símbolo de sucesso. ....</b>	<b>61</b>
<b>5.3</b>	<b>O IFBA visto por dentro .....</b>	<b>63</b>
<b>5.3.1</b>	<b>Características sociais dos estudantes do IFBA.....</b>	<b>63</b>
<b>5.4</b>	<b>O Programa de Assistência e Apoio ao Estudante (PAAE) .....</b>	<b>64</b>
<b>5.5</b>	<b>Situação familiar: um retrato do estudante .....</b>	<b>69</b>
<b>5.6</b>	<b>O IFBA: uma comunidade de diversidade .....</b>	<b>71</b>
<b>5.7</b>	<b>Performances no Curso Técnico de Química do IFBA.....</b>	<b>75</b>
<b>5.8</b>	<b>Adolescência e Performance estudantil no contexto do IFBA .....</b>	<b>79</b>
<b>5.8.1</b>	<b>O Desafio da entrada no campo de pesquisa.....</b>	<b>79</b>



5.8.2	Conhecendo os estudantes .....	81
5.8.3	Contextos familiares e Performance estudantil.....	82
5.8.4	A pressão de se estudar no IFBA .....	88
5.8.5	Processos adoecedores no IFBA e seu impactos na Performance estudantil .....	90
5.8.6	Construção da orientação sexual e performance estudantil .....	97
5.8.7	Luto na adolescência: uma dor mais profunda .....	101
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE 1 - Termo de Anuência</b>	
	<b>APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	
	<b>APÊNDICE 3 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido</b>	
	<b>APÊNDICE 4 - Ficha de Pesquisa</b>	
	<b>APÊNDICE 5 - Termo de Compromisso para Utilização de Dados Secundários</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Em minha experiência docente, dúvidas e inquietações sobressaem à prática como professora licenciada em Desenho e Plástica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e, no momento, atuando como professora de Desenho Técnico no Instituto Federal da Bahia (IFBA) – Campus Salvador. Neste contexto, me vejo envolvida diretamente e presencio manifestações diversas, implicadas em comportamentos, desempenhos, atitudes e valores dos estudantes que incidem não apenas no aproveitamento escolar, mas nas relações sociais estabelecidas, no que aqui chamo de *performance estudantil* desses estudantes que, em sua grande maioria, são adolescentes. Em minhas considerações iniciais, essas performances aparecem como resultado das vivências experimentadas no contexto extra sala de aula que são manifestadas através de atitudes ou desempenhos individuais, que, muitas vezes, prejudicam os resultados escolares e culminam em baixo desempenho (reprovação) e evasão escolar. Para Gonçalves (2004, p. 1):

A performance é uma expressão artística onde o corpo torna-se uma ferramenta de comunicação que toma os objetos, situações e lugares para dar-lhes outros sentidos e empregos. Essa arte ocupa-se do corpo podendo expressar-se verbalmente ou não.

Decerto, o corpo fala muito mais do que se imagina (WEIL; TOMPAKOW, 2015). A linguagem corporal é algo que flui sem filtro e independe do querer se expressar ou do tentar medir as palavras, uma vez que a comunicação faz parte da vida de qualquer indivíduo. É através desta habilidade que compartilhamos mensagens, ideias, afetos e emoções, e quem convive conosco acaba sofrendo influências a partir de crenças, valores, histórias de vida e culturas.

Performance e adolescência relacionam-se estreitamente, uma vez que a adolescência é um período da vida cheio de descobertas e emoções, no qual o jovem está buscando se inserir na sociedade dos adultos. Calligaris (2000) afirma que nessa fase, o conhecimento é ampliado e o adolescente passa a construir teorias ou reconstruir as já existentes, é quando surge o desejo de ser diferente dos demais e de querer revolucionar o mundo com suas ideias. O autor complementa dizendo que, devido à formação da personalidade, os adolescentes procuram

colocar-se em posição igual aos mais velhos, tentando ir além e “transformando o mundo” ao seu redor, momento em que a competitividade passa a ser uma marca.

Nesse período da vida o adolescente procura evidenciar que é autossuficiente e que sabe o que quer, mas deve estar coadunado com a sua família, rotina e conflitos. Wagner e colaboradores (1999) afirmam que para existir uma boa convivência e crescimento familiar e emocional, não necessariamente precisa existir a ausência de conflitos, pelo contrário, para se fortalecer emocionalmente é preciso buscar meios nos quais esses conflitos sejam resolvidos. Acrescentam ainda os autores que, para se ter uma vida familiar saudável é necessário saber mediar e solucionar conflitos, seja nas adversidades – como na agressividade, raiva, hostilidade – mas também nas demonstrações de carinho, ternura e afeto.

Pais (2006) defende a existência de um estatuto da passagem da adolescência para a vida adulta, pontuando que antigamente essa passagem era mais rígida, mas que essas transições nos jovens de hoje são totalmente díspares, porque os jovens não querem mais se limitar as culturas que a sociedade lhes impõe. Os conflitos travados entre pais e filhos agora são mais constantes e necessitam de um bom alicerce familiar pautado em afeto, respeito e compreensão de ambas as partes.

Observa-se que na contemporaneidade tais conflitos avolumam-se à medida que a sociedade se encontra totalmente instável. Bauman (2004, p. 132), afirma que vivemos numa sociedade líquida, caracterizada pela “[...] incerteza em relação ao futuro, fragilidade da posição social e insegurança existencial”. Segundo esse autor, “essa tal insegurança é alimentada pela instabilidade do mercado de trabalho, pelas mudanças constantes do valor atribuído às posições sociais e às competências do passado, bem como pela inconsistência dos compromissos e das parcerias” (p. 132). Ao apresentar o conceito de modernidade líquida, Bauman (2004) acentua a atual fragilidade dos laços humanos tanto nos relacionamentos pessoais quanto familiares.

Para a compreensão desse contexto atual e seus impactos na família, coadunamos com autores que se empenham na pesquisa sobre o ciclo familiar, a exemplo de Carter e McGoldrick (1995), que afirmam ser a família, um grupo social que atravessa diversos ciclos constituídos por muitas etapas que fazem parte da vida. Tais ciclos podem ser considerados como previsíveis – a exemplo do casamento, da adolescência dos filhos, da formação e, imprevisíveis – como o

desemprego, as doenças, as perdas familiares, separação, dentre outros. Esses acontecimentos impactam, de alguma forma, em todos os membros de uma família.

Dentre os diversos ciclos familiares, destacamos o período da adolescência que Sudbrack (2001) denomina um estágio do desenvolvimento humano que provoca intensas mudanças relacionais, especialmente entre pais e filhos. É preciso considerar ainda que no interior da família esses segmentos geracionais se encontram em diferentes processos e, portanto, as transformações que cada indivíduo vivencia alinham-se reciprocamente a essas diferenças. Existe um cruzamento entre o ciclo vital da família e o de seus membros, sendo que cada etapa envolve processos emocionais de transição, bem como mudanças primordiais para dar segmento ao desenvolvimento tanto individual quanto familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Para Lino (2009), a diversidade da dinâmica familiar traduz-se de forma indiscutível na maneira com que seus integrantes se relacionam. Desse modo, o afeto, dentre outros sentimentos imbricados na relação em família passam a ser um obstáculo, tendo em vista que perceber e respeitar as diferenças, as regras e a transferência de valores exigem estratégias complexas de socialização e de respeito à individualidade, aos níveis de desenvolvimento, que variam nos padrões e dinâmicas familiares contemporâneos. Por essas peculiaridades, os novos arranjos familiares trazem consigo novos procedimentos de adaptação, principalmente na escola. Portanto, afirmamos que:

[...] baixa resiliência emocional como desentendimentos com os professores ou colegas, baixo desempenho acadêmico, problemas pessoais ou com a família e amigos e até a depressão podem gerar desinteresse do jovem na escola. Esse desinteresse momentâneo, caso seja rapidamente identificado, solucionado ou compensado com o apoio da comunidade escolar, pode não ter qualquer repercussão de longo prazo (MACEIA, 2019, p. 27).

Em nossa prática docente, temos observado que são inúmeros os motivos que levam os adolescentes a deixarem a escola: a necessidade de ingressar no mercado do trabalho, a gravidez precoce, os problemas familiares, emocionais ou a criminalidade. Outras vezes são motivos relacionados a problemas mais individuais, que requerem mudanças na própria escola. Esse não é um fenômeno particularizado em nenhuma instituição, haja vista que um dos maiores desafios

atualmente vivenciado na escola, sem dúvida, é a baixa performance estudantil que resulta no fracasso e evasão escolar.

As performances dos alunos, talvez por não serem compreendidas devidamente, resultam em afirmações ou conclusões estereotipadas postas as mesas das salas dos professores, ou nos conselhos de classes, sem ao menos haver uma preocupação em se buscar entender o que está acontecendo com aquele adolescente. Qual a sua real situação? Quem ele é? Como é a sua dinâmica familiar? Quais os antecedentes da sua vida escolar? Dentre outras questões inquietantes.

Essas perguntas nos conduziram a questão norteadora desse estudo; que investiga **de que forma as dinâmicas familiares podem interferir na performance do estudante do 1º ano do Curso de Química do IFBA – Campus Salvador?**

Nesse sentido, essa pesquisa tem os seguintes objetivos:

- Analisar as famílias contemporâneas e as eventuais mudanças econômicas, culturais e sociais que as acometeram na última década;
- Investigar quais os principais processos familiares contemporâneos e se estes influenciam, de alguma maneira, na performance estudantis dos alunos em sala de aula;
- Analisar o olhar do estudante sobre si e sobre os processos que acometem sua dinâmica familiar e como estes podem interferir na sua performance dentro da escola;

A observação direta do fenômeno estigmatiza, desresponsabiliza ou isola os sujeitos. Em nossa experiência na comunidade escolar pesquisada, ouvimos dizer que “o aluno é fraco”, “que não tem base”, “que não estuda”, que a família não comparece a escola, que tal aluno “não quer nada” porque só chega atrasado ou falta aula demais. É dessa forma que se é estigmatizado, desvalorizado, e se integra a “lista do fracasso escolar”. Fala-se em fracasso escolar, mas quem são os atores que fracassam no papel de estudante? Por acaso são aqueles, cujos pais também vivenciaram o insucesso escolar e conseqüentemente o insucesso profissional e a impossibilidade de oportunizar a sua prole uma vida digna, de direito a construção de uma história diferente da sua?

Em nossa experiência docente, observamos que muitos dos que fracassam na escola, fazem parte de uma porção bastante generosa da sociedade que, mesmo antes de adentrarem ao espaço escolar, muitos já estão previamente excluídos, isto

é, a margem dos processos produtivos e integram certamente as estatísticas de baixo acesso aos bens e serviço (CANÊDO, 1993).

Como docentes, parece-nos inevitável à nossa prática cotidiana, o estabelecimento do contato direto durante um ou mais anos com a realidade social dos estudantes adolescentes. Não há meio de distanciamento, não tem como fazer de conta que não se está se enxergando o que está acontecendo fora da sala de aula ou mesmo dentro da própria escola. Desse modo, dentre outros pressupostos supomos que muitos resultados insatisfatórios de estudantes são oriundos de contextos familiares diversos – como o desemprego, separação, mortes, quebra de vínculo, violência doméstica, abuso sexual, drogas, álcool dentre outros fenômenos – que podem afetar direta ou indiretamente a performance estudantil e o seu desempenho proveitoso.

A fim de levantar o debate sobre as dinâmicas familiares e performances estudantis, optamos por conhecer “o olhar do educando de um Instituto Federal de Educação” onde desenvolvemos a nossa prática como professora de Desenho Técnico, componente curricular obrigatório para todos os cursos técnicos das modalidades oferecidas pelo IFBA. Tal disciplina tem como objetivo desenvolver a capacidade de visualização, memorização e raciocínio espacial, a fim de resolver graficamente situações problemas do desenho projetivo e não projetivo. Para tanto, o Desenho Técnico busca oferecer conteúdo para a aquisição dos conhecimentos, historicamente contextualizados, dos princípios básicos da geometria plana e espacial, da axonometria<sup>1</sup>, do desenho projetivo e não projetivo, nas suas interfaces com as áreas específicas dos cursos oferecidos pelo Instituto, aplicando-os em projetos e representações gráficas desenvolvidos com diferentes tecnologias e com base nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. Desta forma abordam-se no primeiro capítulo as relações família/escola na contemporaneidade em meio às transformações sociais com um maior enfoque nos processos que envolvem a dinâmica social a partir da década de 1990, que incidirão sobre a vida das famílias no seu cotidiano e repercutirão na escola através das performances estudantis. Neste sentido, o nosso referencial teórico se funda em autores como Vygotsky

---

<sup>1</sup> A representação axonométrica de uma forma situada no espaço resulta de uma projeção única dessa forma no plano de desenho, que designamos por plano axonométrico. Os desenhos em axonometria permitem de forma simples entender uma forma no espaço, sendo por isso usado em processos de design, arquitetura, dentre outros (GONÇALVES, 2018).

(1998); Dessen e Polônia (2007); Freire (1979); Zane (2013); Fagnani (2011); Durham (1982); Oliveira; Marinho-Araújo (2010); Alencar (2006) entre outros. Discute-se sobre as relações contemporâneas e sua fluidez, sobre a importância da família na formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres e principalmente nas transformações políticas e sociais ocorridas na contemporaneidade.

No segundo capítulo abordamos os conceitos relacionados à adolescência numa perspectiva sócio-histórica que busca uma “contraposição às perspectivas deterministas que naturalizam a adolescência, caracterizando-a como uma fase do desenvolvimento humano marcada, essencialmente, pelo amadurecimento bio-fisiológico” (CARRERA; FREITAS, 2018, p. 416), isto é, apenas centrada em mudanças físicas, psicológicas. Contrapondo essa perspectiva, procuramos enfatizar a adolescência “como uma construção social, histórica e cultural, que é permeada pelas contradições do processo histórico no qual se inserem os indivíduos” (p. 416), por isso relacionada às dinâmicas familiares, as performances e ao fracasso escolar. Essa discussão se pauta no diálogo entre a produção de autores como Freire (1991); Marques (2001); Icse, (2010); Villar (2016); Calligaris (2000); e Freitas (2005).

No terceiro capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos, as características do campo de pesquisa, o perfil dos sujeitos e os procedimentos de coleta de dados que nos aproximaram da realidade estudada.

No quarto capítulo apresentaremos os achados da pesquisa a partir das leituras possíveis, dos relatos dos estudantes sobre suas experiências pessoais em família e as vivências que incidem sobre sua performance estudantil.

Sem a pretensão de esgotar as problemáticas que cercam o objeto de pesquisa, concluímos, que as dinâmicas familiares podem interferir nas performances dos estudantes, pois estas se inserem no contexto das relações sociais como um todo, incidindo nas condições subjetivas e objetivas da vida escolar.

## **2 NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NO CONTEXTO BRASILEIRO**

### **2.1 Novas famílias no Brasil**

As concepções históricas construídas sobre família são fruto da experiência humana na vida em sociedade. A partir desse contexto, Lévi-Strauss (1986) afirma que em cada época histórica e em cada sociedade, a vida doméstica assume formas próprias, de modo que a família não é uma instituição natural, mas ratifica-a como socialmente construída de acordo com princípios culturais. É evidente que as transformações sociais, econômicas, culturais e políticas acometem as famílias, não só internamente, mas no que tange a sua composição e também nas relações estabelecidas entre seus membros, às normas de sociabilidade externas existentes, o que enfatiza seu caráter dinâmico.

No mundo ocidental, quando falamos em família, imediatamente pensamos na estrutura composta por pai, mãe e filhos. No nosso imaginário a ideia nuclear de família é muito bem desenhado, o que dificulta muitas vezes entendermos qualquer outra composição. No que diz respeito às novas configurações familiares que povoam a sociedade capitalista, muitas sociedades ainda estão se adaptando as novas conformações que fogem do modelo tradicional.

Nas últimas décadas, os arranjos familiares no Brasil associaram-se a diminuição da fecundidade, devido às mudanças nas relações de gênero e no campo da sexualidade a partir das transformações sociais e econômicas que permeiam essa sociedade. No período de dez anos, muita coisa mudou no que diz respeito à formação familiar. Os arranjos constituídos por casal com filhos reduziram de 52,7% para 45% e, por conseguinte, o crescimento dos casais sem filho aumentou de 14% para 19%. Nas famílias monoparentais femininas, aquelas formadas por mulheres sem cônjuge e com filhos, a proporção passou de 17,9% para 16,2%, nesse mesmo intervalo de tempo (IBGE, 2013).

No Brasil, o tripé pai, mãe e filhos há muito não faz parte da nossa realidade estrutural, pois cada vez mais surgem novos protagonistas como pais e mães solteiros, casais homoafetivos, avós e tios cuidadores, dentre outros (GOMBATA, 2015). Entretanto, observa-se o aumento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres nas últimas décadas. O número de lares chefiados por mulheres, segundo



o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), cresceu de 23% para 40% entre 1995 e 2015 (IPEA, 2015).

As relações afetivas e sociais entre homens e mulheres nos dias atuais mudaram bastante se tornando muitas vezes difíceis de serem socialmente compreendidas. Com novas possibilidades construção da identidade individual algumas rupturas surgem não só na ordem social mais também no plano subjetivo. Antes os papéis de homem e mulher eram previamente definidos; hoje as definições tornaram-se flexíveis, os indivíduos podem exercer seu protagonismo e autonomia no exercício de papéis sociais e gênero que desejam desempenhar na vida privada e pública.

O desenho da Constituição de 1988, definiu a família brasileira, sob influências marcantes da modernidade, antes baseada nos princípios portugueses do sistema patriarcal, conjugal nos quais os laços de sangue e hierarquia eram alicerçados.

Outros modelos familiares também coabitaram o território brasileiro, nesse sentido, de acordo no texto constitucional de 1988, para a formação de uma família reconhece a constituição de vínculos através da união civil ou a partir da existência de laços de afetividade presentes entre os seus membros. Nesse sentido, a família se constitui numa base para que cada membro se desenvolva individualmente e não mais como uma instituição (TAVARES; AUGUSTO, 2015).

Os autores acima assinalam ainda que todas tais transformações se deram a priori pelo princípio da dignidade da pessoa humana, já que atualmente preocupa-se mais com a pessoa, com a sua felicidade e com seus direitos individuais. O matrimônio e seus deveres já não são mais vistos como uma obrigação, o divórcio pode acontecer na medida em que um dos cônjuges deseje ultimar o relacionamento. Ainda que se sobressaia como principal provedor, o homem já não carrega consigo a imagem do chefe de família, cada indivíduo é responsável por suas escolhas e vontades. Na perspectiva atual, os bens materiais não são o foco principal dentro da família, pois o que fortalece os laços familiares são os elementos subjetivos e dependem do movimento independente de cada indivíduo (TAVARES; AUGUSTO, 2015).

Para Duarte (1994), a família é valorizada em todas as camadas sociais brasileiras, porém com significados diferentes. Nas classes mais abastardas a família prevalece como linhagem (prevalecem os interesses materiais), as classes

médias abraçam o modelo da família nuclear, identificada com a modernidade. Já nas classes populares o conceito de família está fundado na laboração doméstica diária e principalmente nas redes de apoio mútuo.

Nas últimas décadas as configurações familiares no Brasil se estenderam e se multiplicaram rapidamente. Vários arranjos começaram a fazer parte do nosso dia-a-dia. Configurações antes nunca imaginadas passaram a ser vistas na nossa rua, no nosso bairro, na escola e dentro da nossa própria família. Os diversos formatos familiares afirma Rendwanski (2012), se deram a partir das mudanças culturais e comportamentais ao longo dos anos. Com a Constituição de 1988 o casamento deixou de ser a única na formação jurídica considerada como família.

Atualmente, a base do casamento é um ato de vontade expresso por meio do consentimento livre de ambos os cônjuges, que se comprometem a estabelecer uma comunidade de vida e a respeitar os direitos e deveres recíprocos, a partir da solenidade que compõe o rito nupcial (RENDWANSKI, 2012, p. 10).

Dessa forma as configurações familiares surgem com os mais variados formatos. Além das famílias nucleares passam a existir as famílias monoparentais chefiadas tanto por mulheres quanto por homens, as homoafetivas (aquelas formadas por duas pessoas do mesmo sexo), a família anaparental (sem pais, formadas apenas por filhos), família simultânea/ paralela (quando o indivíduo mantém dois ou mais núcleos ao mesmo tempo), família eudemonista (família afetiva formada por uma parentalidade socioafetiva) dentre outras (RENDWANSKI, 2012).

## **2.2 Família brasileira em meio às muitas transformações sociais, políticas e econômicas**

Não apenas as questões estruturais, subjetivas ou relacionais envolvem a família, mas também os processos conjunturais diversos interferem em suas dinâmicas. Na contemporaneidade o mundo vem passando por grandes transformações político-sociais e econômicas causadas pelo impacto da globalização, das mudanças ambientais mundiais e pela crise econômica estrutural, resultando no aumento de desigualdades, pobreza extrema, exclusão e privação dos direitos humanos. Tais impactos atingem também o Brasil, país marcado

historicamente pela grande desigualdade social, cultural e econômica e que incide diretamente sobre as condições objetivas de vida da sua população e, consequentemente, sobre os arranjos familiares.

Tomando como marco o intervalo que vai da década de 1990, até 2020, observa-se que num processo histórico de trinta anos, que a sociedade brasileira foi marcada por inúmeras transformações e mudanças nas relações econômicas, sociais e políticas que impactaram nas relações de trabalho, na intervenção estatal e principalmente nos padrões de proteção social que influenciaram na instabilidade da família como principal promotora de bem estar dos indivíduos.

Foi a partir da década de 1990, que se estabeleceram as bases neoliberais que darão sustentação ao estágio capitalista atual que requererão das famílias novos arranjos de sobrevivência frente às muitas crises que afetam o emprego, a renda, a proteção social, a segurança familiar.

Nesse período, Carvalho e Almeida (2003) afiançam que a presença da mulher no mercado de trabalho já estava consolidada como um fato contínuo relacionado ao uso de contraceptivos de forma acessível e popularizada, a vulnerabilidade dos casamentos e o aumento das separações e divórcios. As autoras analisam que diante da crise econômica e das dificuldades enfrentadas pelas famílias, nasciam as “estratégias de sobrevivência” que teriam como objetivo obtenção de ajuda a mulheres e filhos em busca de emprego que complementassem a renda familiar e compensassem os baixos salários recebidos pelo principal provedor, impossibilitado de suprir as necessidades familiares sozinhos.

O fenômeno da monoparentalidade marcou a década de 1990 e trouxe consequências para os dias atuais. A configuração do Censo de 2000 e as demonstrações da PNAD evidenciam que uma em cada quatro famílias brasileira era naquele momento chefiada por mulheres, o que significa um incremento entre os anos de 1991 a 2000.

Também a taxa de fecundidade das mulheres que tinham 2,38 filhos em 2000 foi caindo gradativamente chegando a ser de 1,9 em 2010, reduzindo assim as taxas de natalidade. Entretanto a tendência de fecundidade estava centralizada na faixa etária de mulheres jovens de 15 a 24 anos. Desde o censo de 1991 e 2000, se evidencia que a maternidade vem sendo uma condição cada vez mais tardia.

Nos intervalos demarcados nessas últimas décadas, muitos processos estruturantes foram responsáveis pela alteração nos arranjos familiares

perpassando pela emancipação da mulher que desponta como protagonista da realidade da família na medida em que se transforma em referência do cuidado, da provisão, e das construções dos valores agregadores dos grupos familiares.

Nas pesquisas promovidas pelos Institutos oficiais, ainda que o critério de seleção da pessoa de referência seja subjetivo para cada arranjo, observou-se nas últimas décadas um aumento na indicação da mulher como pessoa de referência da família, em particular nos arranjos formados por casal. Nesses arranjos, quando os casais possuem filho a proporção de arranjos em que a mulher era a pessoa de referência aumentou de 6,8% para 22,5%, de 2005 para 2015. Nos arranjos de casal sem filhos, a tendência foi à mesma, o percentual em que a mulher era a pessoa de referência passou de 8,4% para 22,0% no mesmo período (IBGE, 2016).

Atualmente a mulher vem ameadando variados papéis sociais. O de mãe, a que cuida e educa, e de chefe de família, ou seja, provedora do sustento familiar. Pacheco (2005, p. 67) afirma que a chefia domiciliar/familiar feminina, pode ser considerada em três categorias básicas, sendo elas: aquelas em que não existe a presença do cônjuge; aquelas nas quais a mulher é a responsável pelo sustento do lar, porém há a presença do marido e; aquelas em que se definem pela manutenção junto com a ausência masculina do cônjuge. É socialmente aceita (em razão da tradição patriarcal e nuclear da definição de família que prevaleceu no país) a atribuição ao marido à chefia da família nos arranjos compostos por (marido, esposa, filhos) ou uma extensão dele (marido, esposa, filhos e outros parentes), independente ser este ou não o responsável pelo sustento da família (CARVALHO, 1998 *apud* PACHECO, 2005).

Apesar de nesse intervalo de três décadas, observar-se certa legitimação da mulher como protagonista da família – inclusive em relação à formulação das políticas setoriais<sup>2</sup>, são muitos os desafios que atingem principalmente as mulheres de famílias populares como, por exemplo, o baixo acesso ao mercado de trabalho, a luta contra a discriminação salarial, a ausência ou insuficiência de creches dentre outros elementos que contribuam para a emancipação e autonomia feminina.

Sobre isso, Teixeira (2009), ressalta que a obrigação atribuída às famílias é um problema social, que recai a priori sobre as mulheres, assim como em outros membros mais frágeis nas relações hierarquizadas familiares, essas relações são

---

<sup>2</sup> Sobretudo no sentido que se atribui à família na Política de Assistência Social, como locus de proteção e que tem a mulher como sujeito ativo dessa proteção (PEREIRA, 2006).

tão desiguais e dissimétricas que se fortalecem através de políticas públicas que “naturalizam” esse papel.

Fernandes (2016) assegura que pesquisas demonstram que 80% das crianças brasileiras têm como responsável principal uma mulher e 5,5 milhões não tem o nome paterno no seu registro de nascimento. Os dados são do IBGE (2017) e reiteram a força da presença feminina e da ausência paterna na criação dos filhos.

A pobreza é outra situação que afeta as famílias brasileiras na atualidade principalmente as famílias chefiadas por mulheres das classes populares, quando estas não tem qualificação adequada e desejável para o mercado de trabalho. Como demonstram Rizzini e Pillotti (1995), essa é uma questão histórica e evolutiva no Brasil. Nas últimas décadas o Brasil enquadra-se em uma tendência de desigualdade cada vez maior em relação à distribuição de renda e ao aumento nos níveis de pobreza.

A pobreza é um fenômeno multidimensional e não se caracteriza apenas pela situação de carência material em que os indivíduos não possuem padrões mínimos de acesso a renda, aos bens e aos serviços. Como um conceito amplo, pobreza perpassa pela privação das capacidades básicas, que inclusive, abarcam o acesso à renda, aos bens, aos serviços, e também a cidadania de forma plena (SEM, 2000).

Quando a mulher é pobre e provedora, sua situação é extremamente mais grave ante a dominação e exploração a que são submetidas historicamente, porque a pobreza feminina afeta a mobilidade social da família e influencia na transgeracionalidade das vulnerabilidades.

Essa circunstância se torna agravada quando se observa o crescimento da chefia feminina e as implicações relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho de forma precarizada e com menores rendimentos. As mulheres têm cada vez mais, assumido a maternidade sozinha. Uma pesquisa feita pelo IBGE em 2017 demonstra que em 10 anos o Brasil ganhou 1,1 milhões de famílias compostas por mães solteiras, e que em 2005 o país possuía 10,5 milhões de famílias de mulheres sem maridos e com filhos, morando ou não com outros parentes. Já os dados de 2015, demonstram que o número de arranjos familiares chegou a 11,6 milhões. Não obstante a existência desses números, a representatividade das mães solteiras diminuiu de 18,2% para 16,3% em 2017. Como dito anteriormente, outros tipos de famílias surgiram. Segundo o IBGE (2017) esses dados, são reflexos da dinâmica social e do perfil demográfico do país nos últimos anos.

É fato, que as transformações no mercado de trabalho brasileiro, nesses últimos trinta anos foram fator determinante para as mudanças estruturais familiares como um todo, não apenas acentuando a feminização da pobreza. À maneira como se constituiu o capitalismo no país – com concentração de renda, desigualdades regionais, preservação do latifúndio – formou um mercado segmentado e heterogêneo, tanto no plano regional quanto no nacional. Arandia (1991) fez uma análise sobre o emprego a partir da implantação das políticas neoliberais no Brasil (desde o final dos anos 1980) para se entender a dimensão do problema. O autor declara que paralelo ao fenômeno da oferta e demanda da mão de obra, se constituiu nesse processo histórico uma grande quantidade de trabalhadores despreparados para o mercado, muito mais voltados ao setor informal da economia com empresas familiares, trabalhadores autônomos, a pequenas empresas dentre outras.

Na análise do autor, a subutilização da força de trabalho acentuou-se com o avanço neoliberal em decorrência de fatores mais gerais relacionados ao funcionamento ao cenário econômico brasileiro. Esse processo pode ter como marcador a crise econômica na década de 1980 que tornou mais evidente a dificuldade de colocação da População Economicamente Ativa (PEA) no setor industrial e formal da economia elevando o desemprego, expandindo as relações informais de trabalho e o não acompanhamento dos reajustes à inflação (ARANDIA, 1991).

Alencar (2006, p. 70-71) admite que:

Apesar de algumas mudanças na Legislação trabalhistas estimuladas pela redemocratização do país e consolidadas pela Constituição de 1988, as empresas continuaram a ter muita liberdade para contratar e dispensar mão-de-obra. Nesse quadro de ausência de emprego formal, as ocupações tornam-se polarizadas e heterogêneas. Convive, assim, um núcleo pequeno de trabalhadores com empregos estáveis e relativamente bem remunerados com outro grupo de trabalhadores inseridos em empregos instáveis e mal remunerados.

Ademais o modelo econômico brasileiro implantado a partir de 1990 demarcou um dos períodos mais recessivos da história do país. A concentração de renda estava na mão de poucos alavancando o aumento na desigualdade social e a diminuição dos salários para a maioria da população (GOLDANI, 1994).

As consequências da desigualdade social elevada evidenciou uma população privada de direitos básicos públicos os quais a Constituição já lhes garantia no artigo 6º ao afirmar que:

São direitos sociais a educação, a saúde o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados [...] (BRASIL, 1988).

Os processos políticos, econômicos e sociais iniciados com o advento das políticas neoliberais no Brasil, se impuseram com grande impacto na vida familiar. Neste contexto, a família brasileira se renovou e não foi mais enxergada como uma unidade engessada no tempo. A vida doméstica não foi à única preocupação, a família agora interage com a religião, com o trabalho, com a educação, com as instituições sociais e com processos contemporâneos como imigração, desindustrialização e urbanização (TERUYA, 2010).

Pode-se afirmar que, nesses últimos trinta anos a família brasileira caminhou de acordo com a configuração política que envolveu a sociedade em vários momentos. Desde a década de 1990, a instituição familiar passou a fazer parte da centralidade nas políticas públicas do nosso país. Pereira (2006, p. 29) afirma que “a instituição familiar sempre fez parte integral dos arranjos de proteção social”, acrescentando ainda que, “os governos brasileiros sempre se beneficiaram da participação autonomizada e voluntarista da família na provisão do bem-estar de seus membros” (p. 29). No entanto, nas últimas décadas em função do avanço neoliberal, e, conseqüentemente, da crescente desobrigação do Estado, a família termina por integrar a provisão social partilhada entre o público e o privado, isto é, entre o mercado, e a sociedade (PEREIRA, 2006).

Do ponto de vista político, somente a partir da década de 1990 começou a surgir uma sociedade com novas bases democráticas, que buscou se desvencilhar do cenário anterior de autoritarismo instituído durante o processo ditatorial que promoveu o acirramento da pobreza e tantas outras situações de instabilidades sociais que sucederam muitas transformações e configurações do processo social dos trabalhadores e suas famílias (ALENCAR, 2006).

Os governos que se sucederam na transição para a democratização brasileira foram repletos de particularidades em suas conduções políticas, sociais e econômicas é o que garante Kinzo (2001), ao assegurar que nos anos de afirmação

do neoliberalismo o país foi invadido por uma grande instabilidade econômica, mudando quatro vezes de moeda e tendo seis planos econômicos de estabilização: o Cruzado I (fevereiro de 1986) e Cruzado II (Novembro de 1986), Bresser (1987), Verão (1988), Collor I (1990) e Collor II (1991).

Foram os muitos ajustes econômicos e os processos de reestruturação neoliberal do Estado brasileiro, que começaram a moldar o contexto contemporâneo das políticas sociais. Na busca de se redefinir nas crises de reestruturação do capitalismo, acrescenta Santo (2008), o único caminho a seguir no Brasil era através de reformas liberalizantes de natureza econômica e político-institucionais. Diante dos problemas de crise e hiperinflação, as diretivas neoliberais prevaleceram e colaboram para que o processo de ajuste econômico modificasse totalmente o mercado de trabalho do país, de modo a acirrar o desemprego e o subemprego, a precarização dos direitos trabalhistas e das condições do trabalho, atingindo perversamente a renda familiar e favorecendo dessa forma o empobrecimento das famílias.

Entre os anos 1990 e até o presente se demarca o que o Fagnani (2011) chama de “tensões” entre os paradigmas de Estado mínimo e de Bem-Estar Social, isto é, quando a agenda do Estado mínimo se fortalece e se busca focalização nos mais pobres, que contrariava a incorporação das bases de bem-estar social pensadas na Constituição de 1988.

Apesar da instauração de governos mais democráticos ascenderem entre o período de 2003 a 2016, há uma ambiguidade que marca o processo histórico da sociedade brasileira. De modo geral, o modelo neoliberal implementado no Brasil intensificou a desigualdade social definindo novas formas de exclusão social, atingindo a classe trabalhadora, empurrando segmentos mais vulneráveis para a pobreza e submetendo as famílias a condições de vida e de trabalho excessivamente precárias, e favorecendo o acirramento da questão social através de várias manifestações, como por exemplo, a violência urbana, fenômeno que vem predominando no cotidiano social.

Ainda que no período entre 2003 e 2010<sup>3</sup>, o país tenha experimentado uma “associação entre crescimento econômico e progresso social” (BIANCARELLI, 2014), que impactou no controle da inflação, na redução da dívida pública e na

---

<sup>3</sup> Período conhecido como “a Era Lula”, menção ao período da gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva. .



estabilidade macroeconômica a partir do crescimento do PIB, permitindo cinco anos positivos que resultaram na ampliação das políticas de transferência de renda, (não apenas do Bolsa Família, mas também do Benefício de Prestação Continuada – BPC), na efetivação do sistema de proteção social, na melhoria do salário mínimo, na ampliação do crédito pessoal e do crédito imobiliário, nas condições de vida da maioria da população, esses investimentos não são suficientes na superação das desigualdades históricas que permeiam as desigualdades sociais no país.

Essas transformações societárias evidenciadas nas últimas décadas têm, de maneira excessiva, recaído sobre a família e trazem conotações estruturais (de ordem social, cultural, econômicas e demográficas) que reverberam na sua estrutura e na sua dinâmica, comprometendo as condições de vida dos indivíduos, acirrando a pobreza e intensificando as vulnerabilidades de modo a interferirem na sua função e reprodução social (MIOTO, 2006; PEREIRA, 1998; TEIXEIRA, 2016).

A desestabilização macroeconômica e as demais consequências oriundas da lógica neoliberal (as privatizações e minimização da intervenção estatal, os ajustes econômicos, entre outros processos conjunturais) não se constituem em fatos distantes da realidade cotidiana. Antes, materializadas nas condições de vida e trabalho das classes trabalhadoras, adentram os lares atingindo as famílias e as suas crianças e adolescentes, sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento que dependem, diretamente, da família como esfera de proteção, socialização, integração e cuidado.

### 3 FAMÍLIA E ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

A família é considerada uma entidade plural organizada de forma complexa a partir de sistemas de crenças, valores e práticas sociais diversas que estão associadas às formas como os seus membros se relacionam em sociedade (MINUCHIN, 1985). Por essa razão, Petzold (1996, p. 39) define família como “um grupo social especial, caracterizado por intimidade e por relações intergeracionais”, que se constituem cotidianamente a partir de adaptações diversas que visam à vida comum.

Nesta perspectiva, a família guarda o encargo social de promover as relações entre as gerações, de modo a instrumentalizar os segmentos geracionais mais novos para o convívio social. Assim a família tem a tarefa de promover a interação social básica de crianças e adolescentes com as demais organizações sociais (OSÓRIO, 1996), e, necessariamente com a escola. Neste capítulo abordaremos questões centrais sobre a relação que se estabelece entre a família e a escola na contemporaneidade.

A família é uma das instituições responsáveis por promover a educação e é o primeiro grupo de mediação do indivíduo com ele mesmo e com o “outro” – no mundo social (LÉVINAS, 1982). O papel da família no (des) envolvimento de cada indivíduo é fundamental, uma vez que é no seu seio que são transmitidos os valores morais e éticos que servirão de base para o processo de formação da subjetividade e socialização do sujeito (VYGOTSKY, 1998), as relações familiares são estruturadas por aspectos relacionados à consanguinidade, descendências e similitudes.

A família é constituída como uma unidade de reprodução humana, tendo como referência o reconhecimento pelos grupos sociais, pelos seus integrantes e pela sociedade, e de outro lado, refere-se às normas, referenciais ou padrões comportamentais (DURHAM, 1982).

Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010), a família é responsável pela educação primária. Deste modo lhe compete à orientação da criança a partir dos valores transmitidos que aprimorem o desempenho dos papéis sociais no grupo ao qual faz parte, aprendendo e se desenvolvendo adequadamente.

A partir desse contexto acredita-se que:

É na família que uma criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem e forma o seu estilo de aprender. Nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta. A tarefa dos pais, dos professores e dos familiares é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que, quando essa criança tiver de decidir, saiba como e por que está tomando determinados caminhos ou decisões (PAROLIN, 2007. p. 56).

Já a escola é defendida por Dessen e Polônia (2007) como uma instituição social, com objetivos e metas determinadas, que atua e reinventa os conhecimentos socialmente produzidos, com o propósito de oportunizar e objetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, dentre outras. É a escola que tem o papel de resgatar, além das disciplinas científicas, as noções de participação política e exercício da cidadania, além de promover valores que cooperam para a construção de um mundo mais igualitário.

Nesta perspectiva, a escola deve visar não apenas a absorção de conteúdo, mas deve ir além do ensino bancário (FREIRE, 1979), de modo que persiga a formação do cidadão inserto, crítico e agente de transformação, já que é este um espaço privilegiado e propício ao desenvolvimento de ideias, crenças e valores.

Para Saviani (2005), a escola existe para garantir o alcance de ferramentas que auxiliem no acesso ao saber científico e as bases desse saber. Nesse sentido, para o indivíduo se desenvolver na busca do saber cultural organizado e nos campos distintos do conhecimento é fundamental o aporte da escola. A escola tem o papel como instituição e a socialização do saber estruturado, ou seja, do conhecimento produzido e da cultura instruída. A escola se concatena com a ciência e não com o senso comum.

Para Silva e Ferreira (2014), a atribuição da escola é de extrema significância na vida dos indivíduos, pois vai além da construção do intelectual e da moral. Como instituição tem o dever e o compromisso de inseri-lo socialmente. Depois do ambiente familiar, a escola é a principal instituição na vida do ser humano. Sobre isso Canivez (1991, p. 33) declara que:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por

vínculo de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra.

A família e a escola vêm se transformando ao longo da História. Inevitavelmente, essas transformações se refletem nas dinâmicas escolares e na estrutura familiar. Foram muitos os fatores colaboradores para tais mudanças, que vieram ampliando o papel da família e da escola para dar conta das novas demandas da sociedade. Essas mudanças além de afetarem a sociedade como um todo, sem dúvida interferem no interior da família, principalmente na educação dos filhos se refletindo sob o papel desenvolvido pela escola (SOUZA, 2009).

Ambas as instituições são responsáveis pelo desenvolvimento individual e coletivo, já que o ser humano está em processo constante de socialização no meio em que é parte, isto é, depende da interação entre pares, em que se estabelecem vínculos afetivos e sociais que futuramente irão conduzir as trajetórias pessoais e coletivas no curso histórico das relações sociais e humanas.

Além disso, família e escola são reconhecidas socialmente como parte fundamental do sucesso ou do fracasso escolar. Como entes integradores da sociedade e do Estado (consecutivamente) estas instituições são responsáveis pela educação de crianças e adolescentes, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, em seu artigo primeiro. A parceria Família/Escola ganhou supremacia discursiva quando inúmeros problemas assolaram a realidade das escolas tais como, a violência na escola, à evasão escolar e os elevados índices de reprovação (ZANE, 2013).

Para Dessen e Polônia (2007), a família é o cerne do conhecimento humano, com cultura própria dona de significados e práticas geradora de matriz de relação entre pessoas e de edificação individual e coletiva. Já a escola constitui um contexto multifacetado de evolução e aprendizado, isto é, se constitui num locus que agrega conhecimentos variados, atividades, normas e valores em que perpassam os conflitos, os problemas e as dessemelhanças.

Dentre as instituições e os sujeitos implicados no processo do educar, sobressai-se a escola e a família. Estas são sistemas a que se atribui socialmente a responsabilidade de educar e socializar crianças e jovens. A cooperação entre essas instâncias é fundamental e nenhuma das partes pode se ausentar de sua responsabilidade no processo social do educar. A fórmula ideal para a assertividade

dessa parceria é o trabalho em conjunto, complementando-se uma a outra no desempenhar de seus papéis. À família se atribui o encargo de construção de valores éticos e sociais a seguir. Já a escola assume o papel de apresentar métodos, princípios e regras instrumentais, científicas e sociais que contribuam para a vida em sociedade.

Essas duas instituições partilham funções políticas, sociais e educacionais, uma vez que assistem e constroem à formação do cidadão (REGO, 2003). Ainda que guardem objetivos distintos em muitos aspectos, tais instituições têm como meta apresentar jovens e crianças ao viver em sociedade tornando-os capazes de criticar, participar e produzir na dinâmica das relações sociais (REALI; TANCREDI, 2005).

Nos últimos tempos, inúmeros pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, têm se debruçado a investigar e compreender melhor o nexo que se estabelece entre estes dois contextos está Oliveira e Marinho-Araújo (2010), afirmam que ainda que se mostre de suma relevância, o campo de estudo que trata da parceria família-escola é um tanto novo e contraposto a outras áreas da pesquisa em Educação (EPSTEIN, 2011).

Também há desacordo entre família e escola, e, esses estão nos papéis que essas instâncias desempenham na tarefa de educar, sendo que a escola tem como função, se aprimorar da aquisição dos conhecimentos acumulados historicamente no movimento da sociedade e preparar os indivíduos para a inserção na vida social, enquanto a família tem a tarefa de viabilizar a socialização das crianças, acrescentando o aprendizado de protótipos comportamentais, isto é, a atitudes e valores aceitos pela sociedade (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 101).

Os pais e responsáveis diretos, atualmente, são os grandes influenciadores na vida e no comportamento dos seus filhos. De modo geral, espera-se que o sujeito do amanhã corresponda às influências do meio social o qual está inserido hoje, logo, a família é parte desse meio e torna-se uma das mais importantes direcionadoras do desenvolvimento cognitivo, social e psicológico de seus componentes (ZANE, 2013). Faz-se necessário pontuar que as ingerências exercidas pela instituição família variam de acordo com as transformações inerentes ao próprio âmbito familiar, as quais exigem adaptações constantes nas relações estabelecidas entre os membros que a constituem (SUDBRACK, 2001 *apud* PRATTA; SANTOS, 2007). Isso implica em pensarmos nessas transformações da família na contemporaneidade atravessadas pelas incertezas e efemeridades dos contextos aos quais se insere.

A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9.394/1996) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8.069/90) afirmam que as escola e família precisam se articular, e que os pais têm o direito de conhecer o processo pedagógico, devendo participar da definição das propostas educacionais. Assim, a legislação brasileira amarra não só a obrigatoriedade estatal e social, mas também traz a família como elemento essencial na formação do cidadão e, como tal, indispensável na incumbência determinada nas prerrogativas da Carta Magna do país (MELO, 2017).

Apesar de a legislação brasileira prever a Educação como um direito de todos (BRASIL, 1988, artigo 205) estabelecendo a obrigatoriedade da matrícula a crianças e adolescentes entre 04 e 17 anos, (conforme a alteração da LDB<sup>4</sup>), o acesso, a permanência e o acompanhamento familiar nos processos educativos não é uma realidade da totalidade das crianças e adolescentes brasileiros.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef (2016), o Brasil possui uma população de 206,1 milhões de pessoas, dos quais 57,6 milhões têm menos de 18 anos de idade (Estimativa IBGE para 2016). Mais da metade de todas as crianças e adolescentes do país são afrodescendentes, e um terço dos cerca de 820 mil indígenas é criança. Apesar de se observar que o país tem grandes progressos em relação à população mais jovem, essa ainda é uma das sociedades mais desiguais do mundo. De 1990 a 2015, o percentual de crianças com idade escolar obrigatória fora da escola caiu de 19,6% para 6,5% (PNAD, 2015).

No entanto, mesmo com tantos avanços, em 2015, 2,8 milhões de meninos e meninas ainda estavam fora da escola conforme o Unicef (2016) com base na PNAD 2015. A exclusão escolar tem rosto e endereço: quem está fora da escola são crianças e adolescentes pobres, negros, indígenas e quilombolas. Ainda uma parcela desse contingente tem algum tipo de deficiência. Os dados revelam que grande parte das crianças e dos adolescentes brasileiros vive nas periferias dos grandes centros urbanos, no Semiárido, na Amazônia e na zona rural. Muitos deixam a escola para trabalhar e contribuir com a renda familiar.

A atenção ao fenômeno da exclusão escolar contribui para a aproximação do objeto a partir da nossa experiência docente que evidencia que, é na escola que

---

<sup>4</sup> Através da lei 12.796 de 04 de abril de 2013, que “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências”.

eclode a agressividade entre colegas ou professores, o envolvimento com drogas ou álcool, a autolesão, tristeza ou timidez profunda, reprovação e evasão escolar.

Nessa compreensão, observamos que a eclosão de problemas que afetam o rendimento escolar evidencia um rastro de implicações dos estudantes em processos familiares e comunitários mais complexos. Para Pesce (2009), adolescentes que possuem algum tipo de comportamento agressivo e transgressor, estão tentando denunciar algum tipo de sofrimento como maus tratos, solidão ou outra dor.

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que os conflitos vivenciados pelos estudantes dentro da sua estrutura familiar refletem-se diretamente na sua escolarização, e, por outro lado, a própria escola acaba tornando-se um ambiente que potencializa e amplia esses conflitos, à medida que os indivíduos atingidos por questões de ordem objetivas e subjetivas têm a sua performance estudantil prejudicada, refletindo em seu baixo rendimento e evasão escolar.

Infelizmente, não faltam exemplos de tragédias mundiais em que os protagonistas são jovens estudantes que invadem as escolas de onde são alunos ou ex-alunos atentando contra a vida de colegas, funcionários e, quase sempre sobre as suas também. Nos últimos tempos, pelo menos sete atentados desse tipo mobilizaram o Brasil. Casos como o de Goiânia em 2017, quando um estudante de 14 anos atirou dentro do Colégio Goyases, uma escola particular de ensino fundamental e médio, matando dois estudantes e ferindo outros quatro. A motivação do crime foi atribuída ao *bullying* que o autor dos disparos sofria na escola (ANDRADE, 2019).

Em 2012, em João Pessoa, dois adolescentes de 16 e 13 anos foram apreendidos após um tiroteio na escola estadual Enéas Carvalho. Um deles fez seis disparos ferindo seis pessoas. Em 2011 em São Caetano do Sul (SP), um estudante de apenas dez anos atirou contra a professora na Escola Municipal Alcina Dantas Feijão e, em seguida, atirou na sua própria cabeça e morreu no hospital. Nesse mesmo ano, um homem de 23 anos atirou contra estudantes numa sala de aula lotada na Escola Municipal Tasso da Silva, no bairro de Realengo, Zona Oeste do Rio. Doze crianças morreram e treze ficaram feridas, todas com idade entre doze e quatorze anos. O autor era ex-aluno, que tinha histórico de *bullying* e se suicidou após o ataque.

Em 2003 em Taiúva (SP), um ex-aluno também foi responsável pelo ataque a tiros na Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, quando cinco estudantes, o caseiro, a zeladora e uma professora da instituição ficaram feridos. O autor tinha 18 anos e entrou na escola armado com um revólver calibre 38 e um punhal, fez os disparos e se suicidou. Segundo a polícia, o jovem era vítima de *bullying* escolar. Em Salvador, no ano de 2002, um aluno de 17 anos matou a tiros duas colegas de uma escola particular.

O caso mais recente aconteceu em março de 2019 na cidade de Suzano (SP), onde dois jovens ex-alunos da Escola Raul Brasil, um com 17 e outro com 25 anos, promoveram um massacre na escola vitimando dez pessoas, dentre elas cinco adolescentes, duas funcionárias e o tio de um deles. Os dois autores se suicidaram.

São casos como esses que passam despercebidos no ambiente escolar. São crianças e adolescentes que através de performances e atitudes nada habituais que, na maioria das vezes são invisíveis aos olhos das famílias, dos professores, dos colegas que (praticam o *bullying*) e de todos que trabalham no ambiente escolar.

Problemas de ordem subjetiva, relacionais e objetivas permeiam a relação na escola, isto é, fenômenos como depressão, bullying, separação dos pais, morte, abuso sexual, maus tratos, acidente grave ou doença, entre tantos outros, que refletem em comportamentos que comprometem e desestabilizam a vida pessoal e acadêmica dos estudantes.

### **3.1 Adolescências: aproximações conceituais**

Conceituar adolescência é uma tarefa um tanto complexa, pois, mesmo sendo essa uma noção contemporânea comumente utilizada para demarcar a diferença entre as fases da infância e a adultez, já se observa o acúmulo de várias definições que buscam ressaltar particularidades que cercam essa fase específica do desenvolvimento humano, considerando não apenas os elementos biológicos ou psicológicos, mas os elementos sociais que distinguem os modos de adolecer dos grupos sociais (FREITAS, 2005; SILVA, 2010; LOPES, 2009; FERREIRA; FARIAS, 2010).

Como demonstra Ariès (1978), são remotas as tentativas de se investigar essa etapa da vida cheia de mistérios e curiosidade com objetivo de alcançar a sua compreensão. Segundo o autor, na Idade Média, não existia uma definição clara que



distinguisse a infância da adolescência, isto é, não havia separação entre ser adulto e ser criança. A ideia de infância estava unicamente relacionada à dependência das crianças aos cuidados dos adultos. Desse modo, assim que a criança pudesse viver sem a dedicação constante das mães, começava a participar do mundo dos adultos e de todas as atividades sociais.

Numa compreensão autocêntrica, não existia a preocupação de afastamento das crianças do mundo dos adultos, fosse para preservá-las ou educá-las. Sob esse ponto de vista os adolescentes eram considerados adultos. Somente no início do século XX que o conceito de adolescência e seus caracteres específicos começaram a ser estudados e o conhecimento sobre essa fase do desenvolvimento humano, começou a ser produzido cientificamente. Ao longo desse século se alicerçou a ideia de adolescência como uma fase da vida provida de características particulares, merecedora de um estudo legal e social.

Donzelote (1986), afirma que a adolescência foi descoberta como um processo relacionado à Educação, quando discutida sob a perspectiva das práxis educacionais, quando se buscou um indivíduo higiênico e educado. Nesse sentido, concomitantemente à invenção da adolescência pelo discurso educacional, idealizaram-se também categorias diversas que demandaram a aplicação de novas ferramentas educacionais: a delinquência juvenil e a sexualidade adolescente, as representações dos perigos que circundavam a adolescência, tornando-a socialmente perigosa.

Nesse sentido, Silva e Lopes (2009) consideram que a educação institucionalizada foi um grande elemento que contribuiu para a demarcação abordagens e estratégias demandantes do desenvolvimento infanto-juvenil:

Foram recriadas as instituições apropriadas para o seu amparo e vigilância, tais como escolas modernas, as instituições jurídicas e correccionais designadas para um modelo de homem e de estrutura societária que era produzida, também, para uma *nova família burguesa*, centrada na educação dos seus filhos (SILVA; LOPES, 2009, p. 89).

Numa compressão biopsicologizante, Leite (2016) compreende que a adolescência manifesta-se de modo direto ante a lógica do desenvolvimento humana sendo uma passagem impreterível e comum a todos os indivíduos, marcada por intensas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais. Psicologicamente são evidenciados marcadores observados como características próprias desta fase

que se evidencia mudanças cognitivas resultado da chamada construção da identidade adolescente (LEITE, 2010).

Existem outras linhas de pensamento que contribuem com o arsenal de definições que procuram entendimento das particularidades que envolvem essa fase do desenvolvimento. Outeiral (1994) considera a adolescência um período de crescimento humano caracterizado pela definição da idade. Desse modo, afirma que o seu início como estágio de desenvolvimento específico, acontece com as modificações corporais, a puberdade, prosseguindo até a chegada da maturidade e da responsabilidade social adquirida individualmente.

A duração da adolescência está determinada culturalmente, é o que diz Ribeiro, (2011, p. 10) quando afirma que “apesar do aspecto biológico deste fenômeno, as transformações psíquicas são profundamente influenciado pelo ambiente social e cultural em que o adolescente se encontra inserido”. “É na adolescência que o indivíduo começa a desenvolver suas habilidades, desperta interesses e busca oportunidades, explorando seu futuro, definindo seus objetivos e construindo a sua identidade” (NURMI, 1991 *apud* RIBEIRO, 2011, p. 19). O autor Levinsky (1995) corrobora com Ribeiro (2011) conceituando a adolescência com uma fase de evolução em que a criança aos poucos atinge a vida adulta de acordo com as condições ambientais e sua história de vida.

Carrera e Freitas (2018) conceituam a adolescência como uma construção sócio-histórica, pois entendem que a realidade de cada adolescente é fundada histórica, social e culturalmente através das relações que os sujeitos experimentam no decorrer da sua vida. Ferreira e Souza (2005) partilham desse mesmo pensamento ao afirmarem que, como parte do ciclo vital, a adolescência faz parte do desenvolvimento humano, tendendo a universalização, no entanto conservando a sua individualidade a partir dos experimentos vivenciados no seu cotidiano.

Neste estudo, coadunamos com essa compreensão, pois concebemos que cada pessoa cresce individualmente através do seu cotidiano e da sua realidade dentro do seu próprio mundo social. Dessa forma, adolescer é uma experiência própria construída a partir das vivências individuais nas circunstâncias das ordens sociais mais amplas.

### **3.2 O Adolescente como sujeito de direitos**

São muitas as normativas nacionais e internacionais<sup>5</sup> que se preocupam em proteger crianças e adolescentes. Entre os instrumentos internacionais que dispõe sobre as condições de vida e o bem-estar específico das crianças e adolescentes no âmbito internacional, destacam-se a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU, em que definiu criança como o indivíduo com menos de 21 anos. A Organização Mundial da Saúde – OMS (World Health Organization – WHO), agência da ONU, ratifica do mesmo critério de idade proposta naquela Convenção para a definição de criança.

A proteção ao adolescente é destacada pela vulnerabilidade que esse segmento está exposto no mundo. Sobre essa realidade, o UNICEF realizou um estudo global sobre a adolescência demonstrando que o mundo tem 1,2 bilhões de adolescentes, 90% deles vivendo em países em desenvolvimento. Deste contingente, 71 milhões não estão na escola e 75 milhões estão desempregados, a maioria desta população não está inserida em meios produtivos de geração de renda (UNICEF, 2011).

Sobre o adolescente a OMS os definiu como pessoas com idade entre 10 a 19 anos. Ainda que o termo adolescente não seja referido em convenções internacionais, esse contingente têm os direitos garantidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral da ONU, em 10.12.1948, e em outros acordos e alianças de direitos humanos (SIMÕES; ATHIAS; BOTELHO, 2018).

Também estão assistidos pela Convenção sobre os Direitos da Criança, adolescentes entre de 10 a 17 anos de idade. No âmbito da Convenção, grande parte dos adolescentes está posta na definição de criança. Além disso, esta sobreposição etária também abrange o conceito de jovem, uma vez que na Assembleia Geral da ONU, de 18 de novembro de 1985, definiu como jovem o grupo de pessoas entre 15 e 24 anos de idade.

No Brasil, o ECA na Lei 8.069 de 1990, considera criança a pessoa de até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência o período entre 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos extraordinários e quando descrito na lei, o Estatuto é extensivo até os 21 anos de idade (artigo 121 e 142).

---

<sup>5</sup> Regras Mínimas para os Jovens Privados de Liberdade (1990); Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989); Diretrizes de Riad (1988), Convenção nº 138 OIT - Idade mínima para a admissão em emprego (1976); Regras de Beijing (1985); Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959).

Para muitos autores estudiosos da sociologia da infância como Pilloti e Rizzini (1995), a preocupação mundial com o segmento infanto-juvenil teve o seu apogeu na década de 80 quando a taxa de natalidade aumentou muito. Com a chegada do século XXI surgiu a expressão “onda jovem”, devido à quantidade de jovens no início do século. Nesse momento histórico, os jovens tiveram que enfrentar as mais diversas situações diante de um momento econômico desfavorável e um mercado de trabalho com insuficientes oportunidades, de difícil empregabilidade e estabilidade, além de problemas sociais diversos, especialmente nos centros urbanos (BRASIL, 1999; MATHEUS, 2003).

No Brasil, as mudanças sociais, econômicas e políticas nascidas com os ventos democráticos trazidos pela Constituição de 1988, efetivaram o que muitos estudiosos do Direito da criança e do adolescente chamam de “mudança de paradigma” (COSTA, 2006; MENDEZ, 1998) referindo-se as modificações na legislação infanto-juvenil que alteraram a concepção tutelar do Código de Menores (1927, 1979) para uma compreensão garantista de direitos, a partir da promulgação do ECA.

Como sujeitos de direitos, crianças e adolescentes buscam no cotidiano da sociedade brasileira a afirmação de sua cidadania. No entanto, esse é um desafio dentro de uma sociedade desigual onde não ser adulto pode representar perigo à própria existência. Vulnerabilidades e exposição ao risco são realidades presentes nos elevados índices de violência, mortalidade, exposição ao trabalho e as mais variadas formas de abusos infanto-juvenis.

### **3.3 Adolescência, escola e família: Performance estudantil**

Há muito tempo que a grande preocupação das escolas é a performance desempenhada pelos seus estudantes, isto, é, a materialização do que se produz na escola em forma de sucesso ou de fracasso escolar, até porque alguns autores acreditam que sucesso e fracasso escolar andam paralelamente, e, desta forma, ao se buscar explicar o fracasso discute-se o sucesso e vice versa (PEREIRA, 2005).

Mas o que seria performance? Ao falarmos de performance logo somos remetidos as artes como uma manifestação de ordem estética feita por artistas. No entanto, esta concepção sobre a performance não abrange apenas o mundo das artes manifestas no teatro, nos espetáculos de dança, nos recitais ou nos shows

presentes no mundo moderno (ICLE, 2010). A performance vai muito além dessa perspectiva restrita e se revela de forma essencial na experiência humana (PINEAU, 2005), ganhando representatividade a partir das pesquisas denominadas Estudo das Performances.

Villar (2016) afirma que o tema performance tem inspirado teorias e práticas em diversas áreas do conhecimento como a sociologia, a linguística, a filosofia, a neurologia, as artes cênicas, as artes plásticas, dentre outras. O objetivo desta pesquisa é investigar a performance (desempenho) como comportamento humano, mais especificamente, o comportamento performado dentro da escola e refletido através do sucesso ou do fracasso escolar, tendo como coadjuvante a família e a escola. Dentre alguns autores que atualmente têm se debruçado no estudo da Performance Escolar destacam-se Gilberto Icle, Mônica Torres Bonatto, Marcelo Bonatto Pereira, Luciana Hatmann, Marina Marcondes Machado e Carmina Mendes André.

A discussão sobre essa temática é recente. Surgiu no ano de 1970, através de uma disciplina interdisciplinar intitulada Estudo das Performances (SCHECHNER, 2000, p. 12), que objetivava entender como se davam as performances nas dinâmicas sociais, de modo a investigar o mundo como performance, ultrapassando as expressões artísticas e buscando entender as performances cotidianas e suas interações na vida e na arte.

A utilização do conceito de performance na educação nos permite enxergar além dos saberes e conhecimentos propostos pela instituição escolar. Olhando de forma pedagógica, os teóricos deste campo, Pineau (2005), Garoian (1999), dentre outros, se empenham no estudo das relações entre professores, estudantes e família, e como essas performances são marcadores no processo de escolarização.

Icle, Bonatto e Pereira (2016) acreditam que relacionar performance e escola vai muito além da forma de arte ensinada dentro das escolas, com suas manifestações estéticas e linguagens artísticas. A relação entre performance e educação permite compreender a escola de uma forma mais genérica, a partir de uma observação mais cautelosa no processo de construção do conhecimento da relação estabelecida entre professor e estudante.

Desse modo, é preciso se atentar aos diferentes comportamentos do estudante dentro da escola, junto aos seus colegas e professores e longe do ambiente familiar, procurando entender as práxis escolares e as construções sociais

feitas neste ambiente – como os marcadores de gênero e seus significados sociais, a classe, a etnia, entre outras relações existentes dentro do ambiente escolar – onde deve-se exercitar a tolerância, a empatia e o respeito para com os outros.

Arroyo (2000) afirma que nos enganamos quando queremos estabelecer alguma relação direta entre sucesso/qualidade com aprovação, e fracasso com reprovação. O autor acredita que o fracasso escolar é uma exteriorização do fracasso social e da política da exclusão existente nos processos relevantes de reprodução da lógica, perpassando, desta forma, instituições sociais além da própria escola.

Contudo, Arroyo (2018) garante com essa afirmação que a escola não está isenta da sua responsabilidade, nem seus gestores, professores e todos os processos internos, tais como o currículo, os processos de aprovação ou reprovação. Nessa perspectiva, defende-se que a escola precisa ser entendida enquanto instituição e enquanto materialização da lógica seletiva e excludente que é constituída do sistema seriado dos currículos disciplinares e gradeados.

Na visão desse autor, vivenciamos um sistema escolar defasado voltado aos princípios da modernidade (ARROYO, 2000). Seguindo essa mesma linha de raciocínio, faz-se uma análise importante ao afirmar que:

Nas décadas mais recentes, a estratificação e divisão social do trabalho, os mecanismos competitivos e seletivos de ascensão/exclusão social fizeram dos níveis de escolarização um dos principais critérios de seleção e credenciamento; conseqüentemente, os conteúdos programáticos foram sofisticados e os critérios de excelência foram refinados (ARROYO, 2000, p. 36).

Gomes (2018) assegura que vários são os fatores que podem contribuir para uma *performance* insatisfatória de um estudante dentro da escola, destacando-se os aspectos ambientais, econômicos, sociais, afetivos, psicológicos, emocionais e familiares. Fatores sociais e econômicos podem impedir que os pais deem maior atenção aos cuidados com seus filhos devido à ausência de meios que lhes proporcione uma boa alimentação, vestuário adequado ou transporte, por exemplo.

Fatores físicos e mentais também podem aparecer como limitadores de uma boa *performance*, pois quando o aluno apresenta alguma dificuldade de locomoção, por exemplo, este sofre bem mais, principalmente se a escola não tiver uma boa acessibilidade (GOMES, 2018). A atuação do docente e a forma de condução das

aulas é outro fator que pode ser observado na relação estudante/professor, assim como diversos problemas na instituição, como a falta de pessoal de apoio, a precariedade nas instalações físicas ou a falha no processo de gestão nas políticas públicas.

Sabemos que as realidades e o percurso escolar dos estudantes são diversos. Os estudantes originários da classe trabalhadora são marcados por caminhos escolares deficitários além de numerosas dificuldades de ordem econômica, social e familiar. Faz-se necessário uma maior atenção das escolas para essa realidade (GOIS; ROCHA, 2019). No entanto, aqueles problemas que ocorrem dentro do núcleo familiar de cada estudante, a exemplo do desemprego ou do subemprego dos pais, da separação, das drogas, da violência doméstica dentre outras, acabam afetando não só a vida familiar, como a escolar também.

Ocorre que essas questões, muitas vezes, não deixam rastros e nem sempre o estudante e a sua família têm noção da real dimensão do quanto tal interferência abrange o rendimento escolar. Na verdade, estes processos podem afetar o estudante não apenas na sua *performance* estudantil, mas também na sua saúde física e mental, desencadeando outros tipos de problemas tais como a depressão, a ansiedade, a autolesão e até a ideação suicida, impactando em todos os aspectos da vida desse adolescente dentro de casa e, conseqüentemente, na escola, reverberando em estatísticas de evasão, desistência, e reprovação escolar (GOMES, 2018).

Estudos brasileiros sobre a influência da família no sucesso escolar dos estudantes foram desenvolvidos na mesma direção dos internacionais. Tais estudos se empenharam em investigar como a trajetória do estudante pode estar atrelada a influência e as dinâmicas familiares. Salomon (2001) e Lahire (2004) acreditam que um relacionamento saudável entre a família, a escola e os professores é fator importante para uma boa *performance* estudantil.

Neste mesmo sentido, Polônia (2005) e Paro (2007) afirmam que a influência da família na produção do sucesso escolar do estudante é uma realidade. No entanto, esses mesmos autores salientam que, da mesma forma que contribui para o sucesso, a família pode impulsionar o fracasso escolar quando se distancia da escola e desvaloriza a educação.

Salomon (2001), ao pesquisar a literatura francesa no que diz respeito à trajetória escolar dos estudantes e a relação da escola e a família, observou estudos

evidenciando que quando os pais se envolvem na vida escolar dos seus filhos suas performances são favoráveis, uma vez que os estudantes buscam atender as expectativas dos pais. Quando os estudantes são de classe social desfavorecida, e estão sujeitos a problemas familiares e se encontram sozinhos e sem apoio, estes tem uma maior probabilidade de fracassarem diante das dificuldades no ambiente escolar.

Outro estudo realizado pela mesma autora demonstra que, quando a mãe tem uma melhor escolaridade, os seus filhos tendem a fracassar menos. Desta forma, há de se observar que a família é peça fundamental para que o estudante não fracasse na escola.

O estudo de Chechia e Andrade (2005) indicou que alguns fatores familiares – como o relacionamento entre pais e filhos, a preocupação dos pais com o sucesso dos filhos e o auxílio aos filhos nas tarefas escolares – colaboram com o sucesso escolar dos estudantes. No entanto, para esses autores, a indisciplina aparece como uma causa do fracasso escolar.

A performance estudantil é um tema que interessa não só à escola e a família, mas também aos especialistas em educação, gestores, docentes e às autoridades governamentais. É um assunto discutido por vários autores e que revela desigualdades no acesso e permanência na escola entre grupos socioeconomicamente diferentes (PEREIRA, 2005). Desta forma, o fracasso escolar é multicausal e se expressa através de muitas variáveis. Numa visão ampla de educação e o seu sentido social, concebe-se que quando o estudante fracassa, também fracassam a escola e a família.

Conclui-se, então, que a criança e o adolescente transitam entre a escola e a família e que a difícil relação entre ambas instituições podem prejudicar o desenvolvimento desses indivíduos que estão em condição peculiar de desenvolvimento.

Há uma variedade de influências presentes na relação escola-família, que, muitas vezes, não são percebidas no cotidiano das relações e levam a uma situação de estranhamento entre uma e outra instituição, o que também pode contribuir para a situação de fracasso escolar. Essas intervenções podem ser categorizadas em influências coligadas aos interesses das famílias quanto aos da escola (BISSOTO, 2009). Por essa razão, ressaltamos nesse estudo a importância do encadeamento de uma instituição em relação à outra, da parceria e cumplicidade necessária entre



ambas, de modo que se cooperem em prol do estudante, e que se contribua para uma *performance* estudantil desejada.

## **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 Tipologia da Pesquisa – Estratégia de aproximação dos sujeitos**

A pesquisa apresentada trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa que pretendeu contemplar procedimentos metodológicos que estão associados ao “estudo de campo” (TRIVINÕS, 1987), que visam reunir as observações empíricas participativas sobre o cotidiano escolar.

A pesquisa foi realizada a partir de um instrumento semiestruturado que denominamos *ficha de pesquisa*.

. Essa técnica foi escolhida por permitir a liberdade de expressão do entrevistado e a plena atenção do Pesquisador (GIL, 2010 *apud* PRODANOV; FREITAS, 2013).

Nesse estudo, buscou-se a compreensão das dinâmicas familiares e sua interferência nas performances estudantis a partir das experiências dos sujeitos participantes da pesquisa que foram abordadas através de narrativas nas quais a pesquisadora e entrevistados constantemente interagiram a partir as trajetórias pessoais das relações humanas que se estabeleceram no processo de aproximação.

Nessa perspectiva, a trajetória de vida de umas pessoas, relata na filha de pesquisa, é utilizada pelo método por possibilidade, com riqueza de detalhes, as suas experiências sociais e pessoais fazendo com que se conheçam elementos de sua subjetividade. Para Santos e Santos (2008), ao sujeito é dado à liberdade para discorrer espontaneamente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo sondado pelo entrevistador. Não se confirma a genuinidade dos feitos, o que interessa é a perspectiva do narrador.

### **4.2 O lócus de Pesquisa**

O lócus de pesquisa foi o IFBA – Campus Salvador. Este campus oferece ensino técnico nas modalidades de Ensino Médio Integrado, Subsequente e no nível Superior. O Curso escolhido foi o de Química que integra o Ensino Médio Integrado, que é a modalidade em que o estudante estuda o ensino médio e o ensino técnico

concomitantemente (que até o ano de 2019 tinha duração de quatro anos e a partir do ano de 2020 terá duração de três anos). No curso subsequente, o estudante estuda apenas o curso técnico (com duração de dois anos).

No município de Salvador, são oferecidos os seguintes cursos integrados: Técnico em Automação Industrial, Técnico em Edificações, Técnico em Eletrônica, Técnico em Eletrotécnica, Técnico em Geologia, Técnico em Mecânica, Técnico em Refrigeração e Climatização e Técnico em Química e o curso Técnico em Saneamento – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O Curso Técnico em Química do IFBA é o curso mais concorrido e também, o que oferece maior número de vagas. Talvez a procura intensa seja justificada por fatores objetivos, como maior chance de empregabilidade e renda, mas também por ser a química;

[...] ciência que analisa a matéria e suas transformações, observa-se que ela está presente nos mais diversos espaços da atividade humana, tais como: a indústria alimentícia, indústria têxtil, farmacêutica, combustíveis, produção de produtos agropecuários e muitos outros setores que se beneficiam com a formação de profissionais qualificados para atuarem nestes diversos ramos do mercado de trabalho (IFBA; PPC, 2019, p. 14).

O Curso Médio Integrado ocorre no turno matutino, turno que reúne a maioria dos cursos do Instituto (com exceção do Curso Técnico em Edificações, que ocorre no turno vespertino e o Técnico em Saneamento, que ocorre no turno noturno). Nesta modalidade são oferecidos 25 turmas de primeiro ano, cada uma em média com 40 alunos. Essas turmas são divididas em oito cursos técnicos, num total de 1000 (mil) alunos entre ingressantes e repetentes. Por ser uma escola pertencente à Rede Pública Federal de Ensino, o IFBA atende a um público restrito, com o acesso via processo seletivo promovido pelo próprio Instituto.

A escolha do Curso de Química como objeto de pesquisa se deu por ser nesse ambiente que a pesquisadora atua como professora há alguns anos, ministrando o componente curricular Desenho Técnico. É nesse Curso que a professora vem observando cotidianamente as performances dos adolescentes estudantes do IFBA.

Para melhor conhecimento da população geral de estudantes do IFBA, nos reportaremos ao universo de estudantes inscritos no Programa de Assistência e

Apoio ao Estudante (PAAE). Principal programa de assistência estudantil oferecido pela instituição, que oferece serviços necessários a permanência dos estudantes mais carentes mediante a concessão auxílios e bolsas específicas que em sua efetividade podem interferir sob a permanência e as performances individuais. A opção por retratar o IFBA a partir dos dados oriundos do PAAE está na possibilidade de fazer um recorte em torno da população geral de estudantes inscritos no ano de 2018, período da pesquisa, que contabilizou 920 estudantes. Em nossa compreensão, um recorte menor da população geral, permite-nos conhecer o todo sem maiores prejuízos.

### **4.3 Aspectos Éticos**

Para a realização da pesquisa de campo, asseguramos a prevalência de critérios éticos exigíveis desde a apresentação do projeto de pesquisa originalmente intitulado “Dinâmicas Familiares e Performances Estudantis: O Olhar do Educando de um Instituto Federal de Educação” apresentado ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea que foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 14484719.8.0000.5628) da Universidade Católica do Salvador.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual os sujeitos participantes são adolescentes menores de 18 anos, e por essa razão se fez necessário assegurar a autorização de um dos responsáveis, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). De modo a esclarecer aos participantes o teor da pesquisa, buscamos desenvolver um documento que explicasse o tema bem como os objetivos, a metodologia, as liberdades e garantias de participação de forma clara e direta. Para maior compreensão, utilizamos linguagem simples, sem termos técnicos ou rebuscamento em todos os documentos de acesso dos participantes.

O TCLE foi encaminhado aos pais ou responsáveis através dos estudantes. Com o objetivo de se garantir o caráter voluntário de participação no estudo, também foi solicitada a anuência dos sujeitos da pesquisa através da entrega do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ainda com uma linguagem mais simples e informal contendo os mesmos objetivos do primeiro, para que tivessem conhecimento das nuances da pesquisa e se implicassem na participação.

#### **4.4 Liberdades e garantias individuais dos participantes**

No que tange o processo de amostragem, os sujeitos participantes possuíam total liberdade de negar-se a participar da pesquisa, a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo de exercer a liberdade por sentir-se constrangido ou por motivos outros. Todas as fichas foram tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, não foi solicitado em momento algum que os participantes assinassem seus nomes, de modo que o sigilo da informação e a privacidade de cada participante fossem preservadas.

Os riscos existiam como em qualquer pesquisa que remeta o sujeito a lembranças agradáveis ou não, porém em caso de desconforto, o estudante poderia interromper a sua participação a qualquer momento e seria encaminhado aos cuidados dos psicólogos do próprio Instituto que já estavam cientes da realização da pesquisa.

A pesquisadora tomou todas as precauções necessárias antes e durante a pesquisa esclarecendo todos os procedimentos a serem realizados e se dispondo a ajudar no que fosse preciso em termos de acompanhamento, informações e assistências aos estudantes participantes.

#### **4.5 Critérios de inclusão e de exclusão na amostra**

Para que os estudantes participassem da amostra foram utilizados os seguintes critérios de inclusão:

- Estar devidamente matriculado no primeiro ano da modalidade de Ensino Técnico Integrado do curso Química no ano letivo de 2019;
- Estar repetindo o primeiro ano;
- Estar na faixa etária entre 14 a 18 anos;
- Possuir TCLE assinado por um dos pais ou responsáveis.

Como critério de exclusão nós empregamos:

- Ser Calouro;
- Estudantes que não entregaram o TCLE assinado por um dos pais ou responsáveis;

- Aqueles que mesmo portando o TCLE assinado pelo responsável por algum motivo não quisesse participar da pesquisa.

#### **4.6 Procedimentos de coleta e tratamento de dados**

A pesquisa iniciou-se através da coleta de dados mais ampla, quando se procurou dados genéricos inerentes aos estudantes inscritos no PAAE. Essa amostragem mais detalhada do alunato integrante de um grupo específico de estudantes do IFBA nos possibilitou uma aproximação do contexto mais geral. Em seguida partimos para a análise dos dados coletados em campo através de aplicação do instrumento de pesquisa que dirige esse estudo.

Portanto, para análise de dados dessa pesquisa foram criadas algumas categorias com o objetivo de abranger elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionassem entre si.

Ao término da coleta de dados os instrumentos aplicados foram tratados individualmente, buscando-se identificar categorias de interesse. Além dos conteúdos produzidos pelos estudantes, a pesquisadora também se utilizou de anotações pessoais de seu diário de campo, que registravam elementos observados durante o transcorrer da pesquisa desde os primeiros contatos com as turmas de modo a captar possíveis características não linguísticas, mas a linguagem não verbal, ou seja, a performance de cada aluno. Nesse processo, a observação foi fundamental para se compreender o não dito, pois no processo de análise explora-se não apenas o que é dito, mas também o que não é dito (MACEDO, 2000).

Dessa forma no Diário de Campo foram registrados dados relacionados às principais impressões obtidas nos momentos de contato sejam as reações, emoções, posturas e inclusive as possíveis interferências percebidas no local no qual foi realizado o encontro, haja vista que poderia haver interrupções e ruídos, comuns pelo fato da realização se dá no próprio ambiente escolar.

#### **4.7 Adesão dos sujeitos**

Alguns estudantes no primeiro contato mostraram-se bastante entusiasmados em participar da pesquisa, alguns fizeram perguntas acerca do significado da pesquisa, deram sugestões, outros se emocionaram a ponto de chorarem a medida

que a pesquisadora explicava a pesquisa numa linguagem mais simples e adequada ao público em questão. Outros estudantes não esboçaram nenhuma reação.

Dos 40 alunos pré-selecionados apenas 28 (70%) atendiam os requisitos exigíveis para participar da pesquisa e devolveram o TCLE assinado por seu responsável. Ainda assim a pesquisadora entrou em contato com aqueles que não trouxeram o documento e alguns disseram que não queriam participar ou porque seus responsáveis não assinaram a autorização ou porque consideravam que o relato sobre as suas vidas não seria útil para a pesquisa.

A coleta de dados foi realizada no dia e horário em que cada turma tinha aula de Desenho Técnico, sempre no horário oposto à aula, já que a turma é dividida em dois grupos. Assim que os estudantes terminavam a prova iam ao encontro da pesquisadora no laboratório de desenho que fica no mesmo andar da sala que estudavam.

#### **4.8 Instrumentos de coleta**

Como principal instrumento de coleta de dados, foi aplicada uma *ficha* individual e direcionada a cada participante intitulada “Eu e minha família”, na qual os estudantes eram incentivados a descreverem acontecimentos importantes ocorridos no seu ambiente familiar nos últimos oito anos. A escolha desse intervalo de tempo se deu por julgarmos mais provável que as recordações que se cultivam abaixo dos cinco anos de idade sejam mais difíceis de serem lembradas. O convite à participação da pesquisa foi direcionado a 40 estudantes repetentes, dos quais participaram 28 (70%). Os participantes eram estudantes repetentes integrantes do primeiro ano do Curso de Química distribuídos em quatro turmas matutinas. A fim de preservar o sigilo das identidades dos participantes, nominaremos as turmas como A, B, C e D.

Buscando preservar a identidade dos estudantes, utilizamos uma identificação alfa/numérica na qual nomeamos como estudantes todos os participantes e os identificamos com a letra E, acrescida de um número sequencial (que alude a posição do sujeito na ordem da coleta de dados). Desse modo, os estudantes participantes são identificados nesse trabalho como E1, E2, E3, E4, e assim por diante.

A fim de preservar o conteúdo em sua essência, não alteramos a escrita dos fragmentos utilizados. Antes, apresentamos na sua integralidade sem proceder nenhuma alteração, inclusive ortográfica.

#### **4.9 Descrição dos participantes**

Dos 28 estudantes que participaram da pesquisa, 18 (64,28%) eram do sexo feminino e 10 (35,71%) do sexo masculino. A presença maciça de estudantes do sexo feminino atualmente é um retrato característico do Curso de Química sendo o número de meninas superior ao de meninos. A presença de mulheres em cursos técnicos ligados a indústria, vem crescendo desde 2013, conforme apontam os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). De acordo com o Censo da Educação Básica (2019, p. 28) “existe uma predominância de matrículas de mulheres na educação profissional”.

O crescimento do interesse das mulheres nessa modalidade de ensino vem sendo explicada por muitos pesquisadores (VELOSO, 2013; RODRIGUES, 2008) como uma alternativa de profissionalização viável haja vista ABDI, 2011). A procura por cursos técnicos, de modo geral tem aumentado no que se refere às mulheres. No entanto, o Curso de Química integra a lista dos dez cursos mais procurados<sup>6</sup> por esse segmento no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

O técnico em química está apto para atuar em laboratórios de pesquisas e desenvolvimento; laboratórios de controle de qualidade e áreas afins; operar analisadores dispostos em linhas; controlar e operar diversos processos industriais químicos. Como habilidades esperadas, o técnico em química precisa realizar amostragem, fazer análises químicas, físico-químicas e microbiológicas, assim como participar do desenvolvimento de produtos e validação de métodos (IFBA).

Na realidade do IFBA, há alguns anos passados, o Curso Técnico em Química funcionava como um curso à parte do Curso Técnico de Processos Industriais Químicos. Geralmente, os estudantes interessados nessa modalidade eram do sexo masculino pois a empregabilidade ofertada pelo mercado era mais direcionada aos homens do que as mulheres.

---

<sup>6</sup>Conforme informações do Portal da Agência de Notícias CNI. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/listas/os-10-cursos-do-senai-mais-buscados-pelas-mulheres/>.



O interesse das mulheres pelo Curso de Química pode ser justificado não apenas pela remuneração (salário médio de R\$ 3.511,99<sup>7</sup>), atrativa para uma função de nível técnico, mas por razões ainda pouco estudadas. Apesar do avanço das áreas de Ciência e Tecnologia nos últimos anos, esses ainda são espaços dominados por homens. A baixa participação das mulheres nessas áreas pode ser explicada por falta de incentivo e participação destas em carreiras científicas e também por baixa representatividade.

De modo geral, as mulheres têm sido desencorajadas historicamente a seguirem carreiras que envolvam o estudo das ciências exatas. Essas habilidades são socialmente atribuídas aos homens. Apesar de serem mais escolarizadas que os homens (PNAD, 2016), as mulheres mantêm um processo de escolarização tardio em relação aos homens.

#### 4.9.1 Faixa etária dos participantes

Sobre a faixa etária, dos participantes, a amostra pesquisada apresenta um intervalo etário de 15 anos e de 18 anos; sendo que 46% desses estão compreendidos na faixa etária de 15 e 16 anos, 54% na faixa etária de 17 e 18 anos. Em suma, todos os participantes estão inseridos na segunda fase da adolescência. Nesse estudo, consideramos que a adolescência está dividida em três fases, conforme preconiza a OMS, sendo pré-adolescência, o período entre 10 e 14 anos, adolescência entre 15 e 19 anos completos e a juventude que vai de 15 a 24 anos.

No que tange a correspondência idade/série escolar, os estudantes que integram a amostra da pesquisa estão repetindo o primeiro ano. Podemos dizer que apenas um (3,7%) estudantes que tem 15 anos está na série correspondente, 24 (85,71%) que estão entre 16 e 17 anos estão defasados no que tange a relação idade/série e três (10,70%) que estão acima de 17 anos estão muito defasados. A lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 que regulamenta o novo Ensino Fundamental (com duração de nove anos).

---

<sup>7</sup> Conforme informações da Agência de Notícias CNI.

## 5 O IFBA COMO COMUNIDADE ESCOLAR

Neste capítulo, buscaremos nos aproximar do contexto interno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Para atingirmos esse objetivo, adentraremos os portões do IFBA a partir da sua História como instituição centenária, da leitura dos dados coletados nesta pesquisa, dos achados documentais. Para uma compreensão mais aproximada da totalidade dos sujeitos, utilizaremos os dados do PAAE, 2018.

Falar do Instinto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) é falar de celeiro da educação profissional do nosso Estado. Desta forma faremos um modesto resumo histórico nesse subitem a fim de apresentar a história dos cento e onze anos do IFBA Campus Salvador, local escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa.

### 5.1 Educação profissional: uma modalidade Histórica

Muita gente ao ouvir falar de ensino profissionalizante na Bahia, rapidamente é remetida a antiga Escola Técnica da Bahia (ETBA). A ETBA marcou gerações durante as muitas décadas em que formou profissionais qualificados e bem sucedidos para o mercado industrial. Era o sonho de muitos jovens fazer parte do alunato daquela escola e transitar pelas ruas de Salvador vestindo aquela camisa azul. A transição para Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA), Centro Federal de Educação Tecnologia da Bahia (CEFET) e mais recentemente Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFBA) não foi o suficiente, até os dias atuais, para as pessoas deixarem de se referirem ao IFBA como *Escola Técnica*. No entanto a história do atual IFBA está associada às muitas mudanças que têm sido compreendidas na educação profissional nos últimos anos.

No entanto, essa modalidade de educação é muito antiga. Na realidade o ensino profissional data da Idade Média na Europa com a criação das Corporações de Ofício<sup>8</sup>, que eram associações que regulamentavam as profissões e seus processos produtivos ainda artesanais nas cidades. Os artesãos se reuniam para

---

<sup>8</sup> O termo “ofício” permitia diferentes apreensões de sentido. Poderia significar desde um conjunto de práticas que caracterizavam uma profissão, passando também por um conjunto de praticantes de uma mesma atividade produtiva, além de designar o termo corporação que abrangeria mais de um ofício ou profissão (CUNHA, 1978).

exercer um mesmo ofício controlando a qualidade e a técnica de produção de utensílios a serem produzidos a serviço da sociedade. Dessa forma buscavam precisar procedimentos para a aprendizagem profissional além de preservarem o interesse econômico (LESSA, 2002).

No Brasil a educação profissional no primeiro século da sua colonização não tinha qualquer incentivo devido à existência de uma economia agrícola e do sistema escravista adotado naquela época. A tecnologia mais inovadora considerada era atribuída aos engenhos de açúcar que precisavam de pessoas com algum conhecimento prático, que fossem capazes de cuidar das propriedades produtoras. Lessa (2002) afirma que posteriormente, na fase pré-colonial, trabalhadores – como artífices, tecelões, mecânicos, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, revelaram-se na feitura de utensílios agrícolas, mobiliário e de iluminação. Naquele momento histórico, o sistema de ensino compreendia uma formação básica elementar, geralmente oferecida no turno da manhã e a aprendizagem dos ofícios acontecia nos próprios locais de produção. Assim dava-se início as primeiras práticas do ensino profissional no Brasil. Alguns conteúdos eram essenciais, além do ensino das primeiras letras, como desenho, escultura, aritmética, noções gerais de álgebra, geometria e mecânica (CUNHA, 1978).

No ano de 1826 surgiu a primeira lei que legitimou que as instituições estatais assegurassem atendimento prioritário aos "menores desvalidos", a fim de diminuir a "vagabundagem e a criminalidade" (LESSA, 2002; PILLOTTI; RIZZINI, 1995). Em 1909 diante do aumento da população nas cidades e para *facilitar* a luta da classe trabalhadora por sobrevivência, o Governo Federal, através do Decreto nº 7.566, criou em cada capital dos Estados da República, as Escolas de Aprendizes Artífices, destinadas ao ensino profissional primário e gratuito (FARTES; MOREIRA, 2009). Assim, a Escola de Aprendizes Artífices da Bahia, surgiu no ano de 1910 oferecendo os cursos de Alfaiataria, Encadernação, Serraria, Sapataria e Marcenaria. Essa escola estabeleceu-se a princípio no Edifício Centro Operário da Bahia e atendia um total de 40 alunos (LESSA, 2002).

As dificuldades para manter esses cursos eram desafiadoras e esta escola ficou conhecida como *escola do mingau*, a qual se faz referência até os dias atuais, por servir esse tipo de alimentação aos seus alunos, os *deserdados e desvalidos da sorte*. Neste sentido os jovens aprendizes precisavam "[...] ser necessariamente

órfãos, indigentes, expostos da Santa Casa da Misericórdia ou filhos de pais reconhecidamente pobres” (CUNHA, 1978, p. 3-4).

Lessa (2002) compactua desse pensamento ao afirmar que as Escolas de Aprendizes Artífices da Bahia tinham como característica principal a redenção dos males sociais, ou seja, o governo voltou às atenções para os excluídos socialmente, os órfãos e os abandonados no mundo com o propósito de formar mão de obra barata, especializada para atender a demanda momentânea (CARRERA, 2014).

O ensino profissional era predominantemente manufactureiro-artesanal, nada além do que se produzia na Bahia, por isso não se teve grandes avanços nem interesse em um maior investimento em outras regiões. Ao se transformar em Liceu Industrial de Salvador, criaram-se os parâmetros para o ensino industrial formado por escolas técnicas e chamadas de Escola Técnica de Salvador. Essas escolas passaram a fazer parte ao âmbito Federal após 23 anos, tendo então cada estado que adicionar a sua sigla na denominação. Em Salvador a Escola Técnica passou a ser chamada de Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA).

O prédio onde até os dias atuais funciona o atual IFBA, foi inaugurado no bairro do Barbalho em Salvador, no dia 1º de maio de 1926 oferecendo os cursos de Alfaiataria, Encadernação, Ferraria, Sapataria e Marcenaria. Neste período as escolas de Aprendizes eram vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e depois de alguns anos, mas precisamente em 1930 passaram a fazer parte do Ministério da Educação e Saúde Pública (LESSA, 2008).

Nesse período existiram alguns movimentos a favor das políticas educacionais a exemplo no ano de 1932 do Manifesto dos Pioneiros (VIDAL, 2013). Este manifesto foi escrito quando uma parte da elite intelectual que compactuava de concepções ideológicas diferenciadas acerca da educação pública, gratuita e laica, almejava interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista educacional. Neste manifesto participaram pensadores e educadores como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e o baiano Anísio Teixeira.

Deste modo as políticas educacionais tiveram uma nova organização no Brasil a partir de 1931, com a criação do Ministério da Educação e Saúde, na chamada Era Vargas, um período de muitas mudanças sociais e políticas no país.

Ainda nesse período, em 1937, na vigência do Estado Novo, surge o Liceu Industrial de Salvador, passando a chamar-se “Escola Técnica de Salvador” no ano de 1942. Foi nesse ano que se implantaram os cursos de Desenho, Arquitetura e

Desenho de Máquinas e de Eletrotécnica – primeiros cursos técnicos em função da Lei nº 4.127 de 27 de agosto de 1962 – que estabelecia as premissas da organização da rede federal dos estabelecimentos de ensino federal.

Outras instituições importantes surgiram no estado da Bahia na era de ouro do desenvolvimentismo (1940-1970) como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no ano de 1942 e a Petrobrás em 1953. Em 1959 as Escolas Industriais e Técnicas foram transformadas em autarquias e receberam o nome de Escolas Técnicas Federais. Desta forma essas Instituições ganharam autonomia didática e de gestão. Assim as formações técnicas intensificaram-se já que naquele momento, formavam uma mão de obra imprescindível<sup>9</sup>.

Já nas últimas décadas do século XX, visando atender a demanda do mercado, algumas escolas do país fundiram-se com escolas estaduais também de ensino técnico profissional. O “bum” das escolas técnicas ocorreu entre os anos de 1970 a 1980, com a expansão dos cursos como Mecânica, Metalurgia, Instrumentação, Estradas, Edificações, Geologia e Química (LESSA, 2002), motivadas pela criação de grandes parques industriais no Brasil<sup>10</sup>.

Já em 1993 a ETFBA juntou-se com o Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC), pertencente ao município de Simões Filho, que era uma escola de nível superior tecnológico dando origem ao Centro Federal de Educação (CEFET).

A partir de 2008, os antigos CEFET's, as Escolas Agrotécnicas e as Escolas Técnicas passaram a fazer parte da Rede Federal de Ensino Profissional, agora como Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). O Instituto é uma autarquia de regime especial, vinculado ao Ministério da Educação. Além da formação de profissionais qualificados nas modalidades de ensino Técnico, Subsequente e Superior, o IFBA tem como função realizar projetos de extensão, pesquisa e desenvolvimento tecnológico de novas técnicas para atender os setores produtivos da sociedade sempre atentos ao desenvolvimento sustentável e sua conservação. O IFBA se diferencia das antigas escolas técnicas porque além de formar profissionais para a área técnica também oportuniza uma trajetória

---

<sup>9</sup> Portal do MEC. Ministério da Educação Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf).

<sup>10</sup> O Centro Industrial de Aratu (CIA) foi fundado em 1967 e tornou-se o percussor simbólico da industrialização baiana. O processo de industrialização no Estado teve início em 1960, com a descoberta do petróleo, e sua evolução era lenta nos quesitos estruturais e econômicos. O polo Industrial de Camaçari iniciou suas operações em 29 de junho de 1978. Foi o primeiro complexo petroquímico planejado do País (SOUZA, 2014).

educacional, formando técnicos, engenheiros, professores, administradores, especialistas, mestres e doutores.

Desse modo o IFBA se faz presente em 119 cidades no Estado da Bahia, ou seja, em 30% dos seus municípios. O Instituto é dividido em 22 multicampi<sup>11</sup> espalhados pelo Estado, o que é importante tanto para o IFBA *campus* Salvador, quanto para os Institutos do interior ao dialogarem com a realidade local. Para isso é planejado e estudado as características e necessidades locais a fim de formar mão obra qualificada e ajudar não só no desenvolvimento da região, mas atingir o maior índice possível de empregabilidade.

O IFBA oferece suas atividades através de cursos presenciais em 17 cidades da Bahia e também no ensino à distância (EAD) em 38 cidades. Amplia sua representatividade ainda mais ao firmar ação em parceria com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), empenhando-se em desenvolver módulos para capacitação e apoio técnico à elaboração de minuta de Planos Municipais de Saneamento Básico em 41 municípios.

Atualmente o alcance educacional do IFBA é bastante vasto. Possui mais de 35 mil estudantes (em modalidades presenciais e a distância), 300 cursos presenciais (cerca de 90 cursos distintos, sendo 07 cursos de pós-graduação, 27 cursos superiores), 36 cursos técnicos e 03 cursos técnicos Educação de Jovens e Adultos (EJA), 17 cursos à distância (sendo 01 pós-graduação, 06 cursos superior e 06 cursos técnicos), cerca de 1.700 professores (aproximadamente 1.500 efetivos e 200 substitutos) e mais 1.000 técnicos administrativos. Com tantas possibilidades e presente em vários municípios, o público que estuda no IFBA igualmente é diverso e apresenta demandas socioeducacionais específicas.

O IFBA disponibiliza cursos de educação tecnológica profissional em vários níveis do sistema educacional (ensino médio, técnico, superior e pós-graduação), conforme estabelece a legislação pertinente. O ensino oferecido no IFBA atinge várias áreas do conhecimento, e os seus cursos e currículos seguem uma dinâmica que permite uma constante renovação frente às inovações pedagógico-

---

<sup>11</sup>A qualidade de Multicampi, deve ser entendida como instituição diferenciada daquela demarcada dentro de um único espaço geográfico como organização, local de estudo e formação humana e profissional. O modelo de ensino superior é redimensionado, desafiando a instituição a, sobretudo, refletir sobre sua missão, pois a Universidade apresenta-se como uma complexa rede de relações, de inter-relações e de conexões internas e externas (DELFRATE *et al.*, 2008, p. 178).

educacionais, bem como uma integração contínua às mudanças nos processos produtivos (novas tecnologias, sistemas de trabalho e de produção etc.).

Numa concepção de Educação abrangente, entendida como construção social, atualmente o IFBA em seu processo educativo visa empreender esforços que:

[...] qualifique o cidadão e o eduque em bases científicas, bem como ético-políticas, para compreender a tecnologia como produção do ser social, estabelecendo relações sócio históricas e culturais de poder. Assim, a educação desponta como processo mediador que relaciona a base cognitiva com a estrutura material da sociedade, evitando o erro de se transformar em mercadoria e de considerar a educação profissional e tecnológica como adestramento ou treinamento (IFBA; PPI, 2013, p. 33-34).

Nesta perspectiva, a formação almejada pelo Instituto é para além de instrumental. Visa “proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais”. (IFBA; PPC, 2013, p. 10), em consonância com o que preconiza a Resolução nº 06, de 20 de setembro de 2012 que define as diretrizes curriculares nacionais para a Educação profissional técnica e de Nível Médio.

## **5.2 Ingresso no IFBA: um símbolo de sucesso.**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Bahia, se tornou ao longo de sua história uma instituição de ensino, reconhecida que guarda muita tradição na cidade de Salvador. Quem não quer estudar no IFBA? Essa é uma pergunta rotineira ouvida nos corredores frequentemente reproduzida pelos calouros nos momentos de acolhimento. O sonho do IFBA circunda o pensamento de muitos adolescentes e jovens e suas famílias. Estudar no IFBA de Salvador é garantir status, respeito, admiração social e um futuro profissional mais seguro.

Considerado um feito vitorioso do adolescente e jovem que é aprovado, estudar no IFBA continua sendo sinônimo de êxito, de boa performance estudantil, mesmo que algumas mudanças nos critérios de seleção tenham sido empreendidas nos últimos anos, no sentido de tornar o acesso à instituição mais democrático, isto é, para todos.

Tais mudanças significaram na prática mais flexibilidade na seleção como, por exemplo, a ausência de redação, que nos últimos dois anos deixou de fazer parte da seleção de ingresso. Essa mudança se deu, quando o Departamento de Seção de Estudantes (DESEL) junto a uma comissão composta por professores e pedagogos do IFBA, realizou um estudo que concluiu que dentre os 33 (tinta e três) Institutos Federais, apenas cinco (incluindo o IFBA) realizavam prova de redação no seu processo seletivo.

Como resultado do Estudo, apontou-se que o processo seletivo do IFBA estava obsoleto e destoado das demais instituições federais de ensino técnico. Do ponto de vista qualitativo, tal análise revelou que o desempenho dos estudantes na redação, era abaixo de 60%, resultado que indica que a prova de redação não era determinante para selecionar qualitativamente os candidatos.

Ante essa experiência, faz-se necessário um estudo mais aprofundado a fim de se obter a real dimensão sobre o aproveitamento dos estudantes que ingressaram no IFBA nesses últimos dois anos em que não se realizou a prova de redação. No entanto, na prática, cada vez mais é perceptível pelos professores, dentro da sala de aula, o aumento das dificuldades e defasagens apresentadas por uma porção expressiva de estudantes ingressantes.

Análise dos critérios de acesso e de flexibilização é um fator importante que incide no processo de como o estudante adentra a instituição e impacta diretamente na sua performance futura. Se as bases da formação geral não estiverem devidamente solidificadas, as exigências impostas nos cursos técnicos serão repletas de obstáculos pois perseguição a especificidade.

As competências do ensino técnico alinham habilidades teórico-práticas que compreendam:

[...] o entrelaçamento entre as experiências vivenciais e os saberes necessários para o enfrentamento das situações nos diversos âmbitos – nas relações de trabalho, sociais, históricas e políticas –, implica na resignificação dos limites entre formação geral e formação profissional, e, portanto, na reestruturação do processo educativo de modo a contemplar as novas concepções de educação e de currículo (IFBA; PPC, 2013, p. 10).

Os critérios de ingresso do IFBA devem contemplar exigências que preservem a compreensão de sociedade do conhecimento, do desenvolvimento científico-tecnológico, mas também das habilidades e competências da sociedade



contemporânea que exigem um cidadão comprometido com a questão social, ambiental e econômica e principalmente que desenvolva alteridade e empatia no convívio com seus pares e demais atores da sociedade.

### **5.3 O IFBA visto por dentro**

#### **5.3.1 Características sociais dos estudantes do IFBA**

Visto por fora, o prédio do IFBA é um gigante imponente. Sua arquitetura atual remota a construção do prédio nos anos 1960. Localizado no Barbalho, bairro tradicional e uma das localidades mais antigas que integra o Centro Histórico de Salvador, encontra-se entre as regiões do bairro Santo Antônio Além do Carmo, da Liberdade, Macaúbas e Nazaré.

O IFBA avizinha o “Forte do Barbalho” e o Colégio Instituto Isaias Alves – ICEIA. Sua localização apesar de central está mais relacionada a uma área residencial, de moradores antigos e população predominantemente idosa. O Parque comércio da região, está totalmente associado a presença do IFBA, isto é, são pequenos comércios como lanchonetes, papelaria e pequenos restaurantes que visam atender ao grande volume de estudantes, professores e funcionários do Instituto.

“Passar” no IFBA representou para muitas gerações a empregabilidade e profissionalização tão sonhada. A gratuidade de ensino, a garantia de qualidade, a estrutura promovida pelo ensino federal, as oportunidades de pesquisa, ciência e extensão, os benefícios socioassistenciais são o grande atrativo e diferencial dessa escola.

Em Salvador, cidade com 2,667 milhões de habitantes (IBGE, 2017), e 22,3% da sua população em condições de extrema pobreza (IBGE, 2019), a possibilidade de acessar o ensino público de qualidade é o alvo de muitos adolescentes e jovens, sobretudo de famílias mais carentes. Góis e Rocha (2019), já analisaram que os estudantes que acessam a Rede Federal de Ensino, de modo geral guardam um perfil semelhante: são estudantes oriundos de contextos socioeconômicos complexos que, por acentuada condição de pobreza, terminam por estarem mais suscetíveis à evasão e abandono escolar.

De modo geral, o percurso do estudante brasileiro oriundo de escola pública é árduo e cheio de percalços. A trajetória escolar, a depender do público em questão, é marcada por obstáculos de natureza cultural, econômica e social. Para o estudante pobre, essa realidade ainda é mais implacável devido aos problemas enfrentados cotidianamente, como a ausência de recursos básicos para se manter na escola.

Uma boa alimentação, transporte, fardamento adequado e material escolar faz toda a diferença na performance estudantil. Tratando-se do estudante do IFBA que na sua grande maioria é formado por adolescentes pertencentes a famílias de baixa renda, que optam por essa escola não apenas por sua qualidade de ensino, mas também como um caminho mais curto para a inserção no mercado de trabalho, essas dificuldades se tornam um grande óbice para atingir esse objetivo.

A manutenção do estudante carente no Instituto perpassa pela inserção destes na política de auxílios que preveem apoios diversos, inclusive, a oferta de bolsas como o Auxílio para Iniciação Científica e Tecnológica ou para Programas de Monitoria. No entanto o programa de Assistência Estudantil de maior abrangência e que abarca o maior número de estudantes é o Programa de Assistência e Apoio ao Estudante (PAAE) que detalharemos a seguir.

#### **5.4 O Programa de Assistência e Apoio ao Estudante (PAAE)**

O PAAE teve como base para a sua criação o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) criado em 2010, por meio de Decreto nº 7.234. Concretizado no âmbito do Ministério da Educação, que tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, com características de política pública do governo federal, apoiando as ações de assistência estudantis priorizando a igualdade e o desempenho acadêmico dos estudantes (ROSA, 2014).

O Conselho Superior (CONSUP), órgão máximo da instituição, através da Resolução nº 194, 04 de dezembro de 2014 normatizou as Diretrizes e estabelecendo três atendimentos ao estudante: o Programa de Assistência de Apoio ao Estudante (PAAE), os *Programas Universais e Programas Complementares*<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup>Os Programas Complementares destinam-se a todos os estudantes matriculados. A contemplação, no entanto, está condicionada a questões socioeconômicas e meritocráticas. Esses programas

que disponibilizam ao estudante, desde que esteja condicionada a questões socioeconômicas, Auxílio como Mobilidade Acadêmica nacional ou internacional, Auxílio para Iniciação Científica e Tecnológica ou para Programas de Monitoria.

O PAAE é o único dentre os programas institucionais que exige seleção socioeconômica, dirigindo-se a estudantes em “situação de vulnerabilidade econômica”. Este programa<sup>13</sup> procura auxiliar e acompanhar tais estudantes buscando inseri-los, de acordo com o cruzamento da demanda e da oferta de vagas disponíveis, considerando o perfil e a realidade dos estudantes solicitantes.

No entanto o limite de cada bolsa ou auxílio dispensado ao estudante do Programa irá depender da verba proveniente, da quantidade de estudantes matriculados. Rosa (2014) afirma que o estudante pode acumular mais de um benefício desde que seja comprovada sua situação de vulnerabilidade. Desta forma, o beneficiário pode agregar uma das modalidades de auxílio ou bolsa com a bolsa alimentação, por exemplo, e/ou cota de cópias e impressão, para tanto o estudante necessita preencher alguns formulários de investigação socioeconômica no ato da inscrição e anexar cópias de documentos exigidos para comprovar a veracidade das informações fornecidas.

No que diz respeito aos auxílios disponíveis no PAAE, estão divididos nas modalidades abaixo:

- **Auxílio moradia:** modalidade que disponibiliza auxílio financeiro mensal para contribuir com despesas referentes à moradia do estudante. Para tanto o estudantes devem ser oriundos de outros municípios, tenham se mudado para este município em caráter provisório, para estudar no IFBA Campus Salvador e não estejam residindo com familiares. A sua apresentação no setor deve ser mensal munido do recibo do aluguel. A cobertura do aluguel não é total, e perfaz 50% do valor salário mínimo vigente;

---

visam atender os estudantes que mais precisam de custeio total ou parcial para viagens de mobilidade acadêmica nacional e internacional, auxílio pra iniciação científica e tecnológica ou auxílio para atuação de monitoria de disciplinas específicas ou projetos de extensão relacionados ao ensino. Os de benefícios de natureza Universal Destinam-se a todo e qualquer estudante regularmente matriculado no IFBA, sem critérios de seleção socioeconômica ou meritocráticos. As ações deste programa atendem estudantes de todos os níveis e modalidades de ensino, através de projetos que atendam aos critérios específicos.

<sup>13</sup> De acordo com as Diretrizes e Normas da Política de Assistência Estudantil do IFBA, aprovado no Conselho Superior do IFBA em 23/05/2016.

- **Auxílio Transporte:** Essa modalidade de auxílio corresponde a 20% do salário mínimo vigente e se destina a estudantes que residem em Salvador. Já os estudantes que residem em outro município, recebem 30% do salário mínimo vigente;
- **Auxílio Alimentação:** O Instituto disponibiliza em seu refeitório almoço e jantar. A frequência dos bolsistas é realizada semanalmente, não podendo ultrapassar mais de três dias de falta semanal, caso isso ocorra o estudante será desligado e sua vaga disponibilizada para outro que esteja na mesma condição;
- **Auxílio Cópia e Impressão:** disponibilizam-se para os estudantes bolsistas do Nível Superior com o objetivo de auxiliar na demanda com os materiais didáticos específicos do seu curso;
- **Almoxarifado Social:** disponibiliza-se também material de Desenho Técnico específico (compasso, esquadros, escalímetro, bloco A3, borracha, lapiseiras, pasta A3 ou tubo), fardamento escolar para que o estudante beneficiado possa desenvolver atividades técnicas específicas;
- **Atendimento Emergencial:** O atendimento em caráter emergencial destina-se a estudantes em situação de risco social encaminhados pelo corpo técnico e docente da instituição, para atendimento do Serviço Social ao estudante e sua família para entrega de documentação e Visita Domiciliar, e quando necessário, para avaliação socioeconômica.

O Programa também concede bolsas de estudo ou bolsas vinculadas a Projetos de Incentivo a Aprendizagem (PINA), as quais visam contribuir com a permanência na Instituição e com o desenvolvimento acadêmico haja vista, a grande dificuldade relatada por estudantes diante das adversidades enfrentadas em suas rotinas familiares, em aspectos financeiros, dentre outras.

A política de benefícios e diretos oferecida pelo IFBA é um diferencial que incide diretamente nas performances individuais dos estudantes e reverbera na família, não apenas na atenção as necessidades diretas de subsistência, mas também assegura a permanência dos segmentos mais carentes.

Uma pesquisa realizada no IFBA *campus* Eunápolis (SILVA, 2011), demonstra através de relatos de estudantes que evadiram durante a sua trajetória no Instituto, que dificuldades concretas enfrentadas no deslocamento/transporte, ou

por situações de ordem socioeconômicas ou mesmo dada necessidade de se trabalhar para ajudar a família, são os motivos mais incidentes sobre a evasão escolar naquela instituição. O autor afirma que, esses fatores refletem-se sistematicamente, formando um mosaico da condição socioeconômica de cada estudante atendido.

O Curso técnico público é uma modalidade de alto custo não apenas para o Estado, mas, também para o estudante e sua família, pois requer dedicação, disciplina pessoal, condições objetivas que permitam o acesso aos mínimos sociais, que possibilitem o bom êxito da formação (PEREIRA, 2005). A permanência no IFBA, para muitos estudantes que provêm das classes populares, está condicionada ao acesso a sua política de benefícios.

A demanda por acesso ao PAAE no IFBA Salvador é alta. No ano de 2018, cerca de 1.987 estudantes se inscreveram buscando algum tipo de benefício, porém nem todos os estudantes que se candidataram preencheram o formulário adequadamente, o que os impediu de estarem aptos a participarem da seleção do programa naquele ano. Já aqueles estudantes que preencheram o formulário de forma correta, corresponderam a um total de 920 estudantes.

Do percentual de estudantes inscritos nesse ano, quase 100% residem em bairros populares, alguns bem distantes da sede do IFBA situado no bairro do Barbalho. A distância geográfica entre a escola e o domicílio é sem dúvida, um fator que impacta bastante no dia a dia dos estudantes. No caso do IFBA, alguns residem, por exemplo, em bairros longínquos que integram o Subúrbio ferroviário de Salvador, em municípios situados no Litoral Norte ou na região da suburbana.

A distância perimetral entre a escola e o domicílio certamente é um fator que tem contribuído com a rotina exaustiva dos estudantes do IFBA junto às dinâmicas institucionais. Os longos trajetos e o acesso ao precário sistema de transporte público de Salvador se constituem como um desafio diário para muitos.

A distância entre o domicílio e a escola pode interferir, por exemplo, na participação em momentos de Atendimento ao Aluno (ATA)<sup>14</sup>, que é oferecido aos estudantes em turno oposto as aulas regulares, que pressupõem reposições de

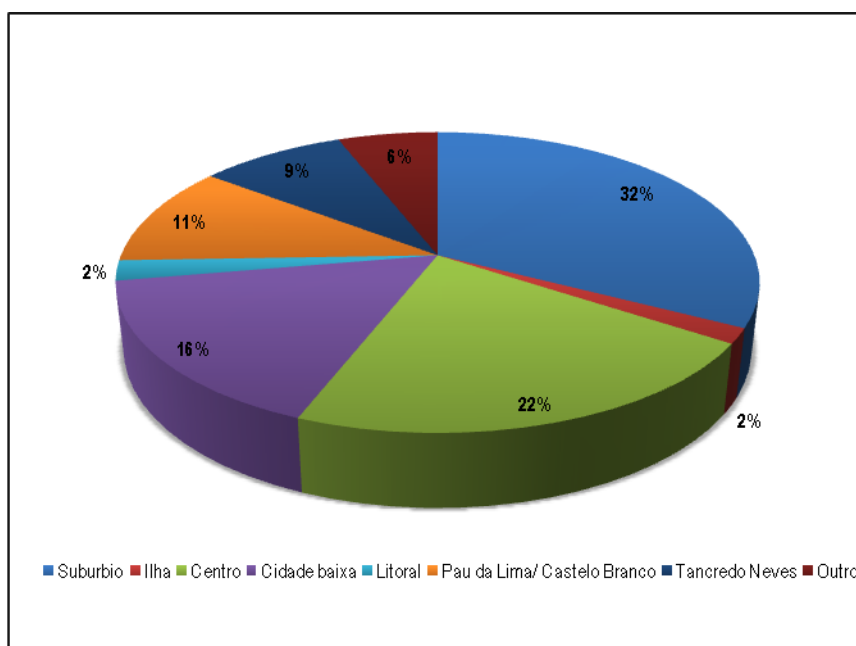
---

<sup>14</sup>A ATA integra a Carga Horária docente e é opcional ao discente. Trata-se da disponibilização do tempo /professor estudante, de modo que este possa ter atenção do seu professor sempre que necessitar. É oferecida em todos os componentes curriculares em turno oposto as aulas, correspondendo a 50 min para cada duas horas aulas de cada componente.

aulas quando necessárias e dependendo do curso, manutenção de aulas regulares também em turno oposto.

O gráfico abaixo demonstra os bairros dos estudantes escritos no PAAE no ano de 2018. É interessante notar que o maior percentual de estudantes reside na região distrital do subúrbio ferroviário. Essa é uma das regiões mais populosas de Salvador, abrangendo 22 bairros. A denominação da região alude a existência da linha férrea inaugurada em 1860, da Viação Ferroviária Leste Brasileira (Leste). A região do subúrbio ferroviário possui área de 4.145 habitantes. De acordo com Soares (2006) Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(2): 17-30 dezembro - 2006 (ISSN 1678—698X)<sup>15</sup>, a população dessa região caracteriza-se “[...] em sua maioria negros, pobres e com baixa escolaridade, vítimas da maior violência urbana” (p. 18).

**Gráfico I – Bairros dos estudantes escritos no PAAE no ano de 2018**



Fonte: Dados cedidos pelo PAAE dos estudantes inscritos no programa no ano de 2018.

Observa-se também, um destaque da prevalência de estudantes originários de bairros do centro da cidade, (22%), que certamente agrupam localidades mais próximas do Instituto. No entanto, outros bairros populares, populosos e distantes do IFBA aparecem listados nos endereços dos estudantes participantes da seleção do PAAE, tais como Pau da Lima/Castelo Branco. Regiões como Cidade Baixa, Litoral

<sup>15</sup>Portal Campos de Rio Claro. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Disponível em: [www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm](http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm).

Norte, Ilha, também aparecem na amostragem. Somados os percentuais, os bairros mais distantes e mais periféricos contemplam-se quase 80 por cento dos estudantes inscritos no PAAE.

Infere-se então, que os segmentos de estudantes mais carentes e demandantes dos programas e serviços de assistência estudantis, são aqueles que estão residindo em localidades periféricas e, portanto, mais propensas a precarização de serviços, a exposição a violência, a espoliação urbana. A possibilidade de estudar, ganha significados concretos de novas oportunidades e perspectivas de mudança de realidade no contexto social de adolescentes que vivem nessas regiões da cidade.

## **5.5 Situação familiar: um retrato do estudante**

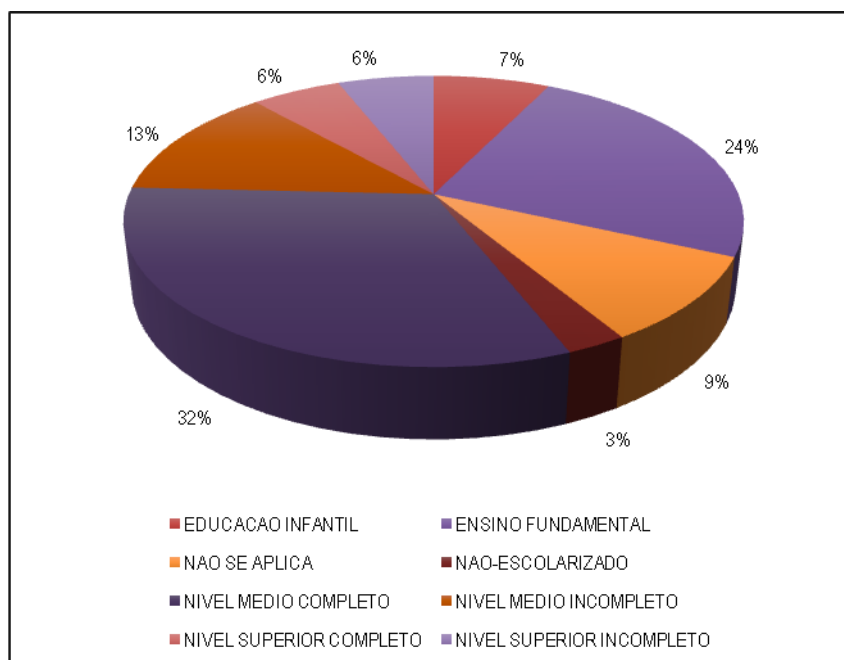
A transmissão do capital familiar é transgeracional. A família transmite de geração em geração o seu legado social, cultural econômico aos seus membros (PETRINI *et al.*, 2010). A família é responsável por assegurar as crianças e adolescentes o acesso à educação formal e acompanha-los em todo processo de desenvolvimento intelectual. No entanto, esse não é um processo automático e nem linear.

Nesse sentido, outra questão a ser observada é em relação à escolaridade dos familiares. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em 2017 uma pesquisa em que afirma que quando os pais são escolarizados a tendência é que os filhos também sejam: De acordo com essa amostra, 69% dos filhos cujos pais concluíram o ensino superior seguiram os estudos ingressando nessa modalidade de ensino. Por outro lado, quando os pais nunca frequentaram a escola, as possibilidades de um brasileiro alcançar o nível universitário são de apenas 4,6%. Logo filhos de pais que não concluíram o ensino fundamental provavelmente não conseguirão alcançar um diploma universitário.

O gráfico abaixo demonstra que 594 (32%) dos estudantes inscritos no PAAE declararam que seus pais têm o nível médio completo, 458 (24%) possuem o ensino fundamental e 105 (6%) possuem o nível superior completo. No entanto, 236 (13%) estudantes afirmam que seus pais não chegaram a completar o ensino médio e 136 (7%) que os pais frequentaram a escola apenas durante a educação infantil. A escolaridade familiar impacta certamente nos moldes de vida familiar, pois interfere

nos projetos de vida a curto, médio e longo prazo, interfere nas relações subjetivas, podem vir a impactar na renda familiar e aumenta o acesso a informação.

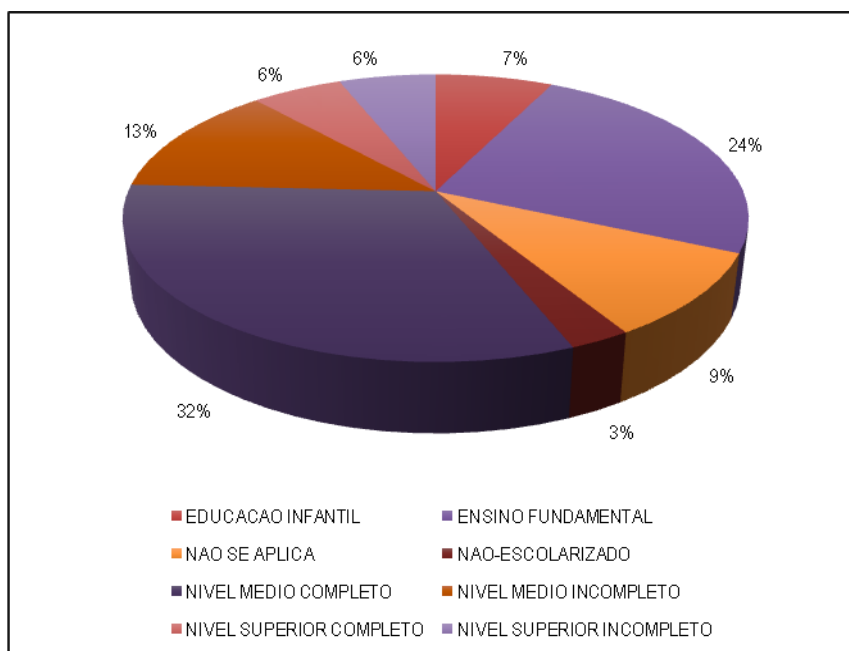
**Gráfico II – Escolaridade dos familiares dos estudantes inscritos no PAAE no ano de 2018**



Fonte: Dados cedidos pelo PAAE dos estudantes inscritos no programa no ano de 2018.

Outro dado que deve ser informado no questionário do PAAE para justificar o requerimento do auxílio estudantil, é a renda familiar e a do estudante, caso este exerça alguma atividade remunerada. É sabido que nem sempre o estudante tem acesso real à renda familiar, e alguns valores podem ter sido informados aleatoriamente. De toda forma, a partir dos dados informados no ano de 2018 e inseridos no gráfico a seguir, é possível observar que a maior parte da população atendida, ou seja, 45% das famílias vivem com renda mensal entre R\$100,00 e R\$300,00, outros 43% afirmam que a renda familiar é de até R\$ 4.500,00, 26% R\$ 1.100,00, seguidos de valores que variam entre R\$ 500,00, à R\$ 900,00. Dessa forma fica claro que a maioria dos estudantes do IFBA é oriunda de classe popular.



**Gráfico III - Renda familiar dos estudantes inscritos no PAAE no ano de 2018**

Fonte: Dados sistematizados a partir dos relatórios disponibilizados pelo PAAE no ano de 2018.

## 5.6 O IFBA: uma comunidade de diversidade

A inserção da política de cotas como ação afirmativa na seleção do IFBA, iniciada em 2006 promoveu o acesso de grupos étnicos que precisavam ser considerados nas suas particularidades e direitos. No IFBA, muitos estudantes ingressam a partir da política de cotas<sup>16</sup>. Muito se lutou para se garantir que as cotas para afrodescendentes, indígenas e índios descendentes fossem aprovadas no IFBA, o que somente aconteceu com a publicação da Resolução nº 10/2006 do Conselho de Direitos (pois a instituição ainda era CEFET) para que os grupos étnicos em suas diversidades pudessem ser aprovados nos processos seletivos de ingressos em todos os cursos, turnos e em todos os níveis (CHAVES, 2017).

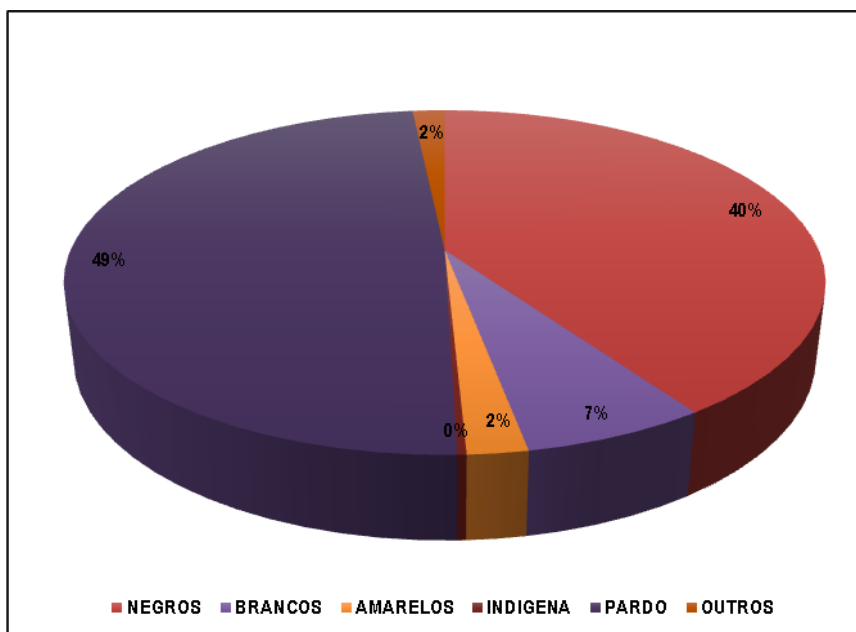
De modo geral, o alunato do IFBA revela muita diversidade e pluralidade na sua população. Há cada seleção o público atendido vai se revelando mais negro e pardo, o que é uma particularidade importante, pois desponta a característica principal da cidade de Salvador tem sua população afrodescendente.

Considerando os dados do PAAE do ano de 2018, que teve como inscritos cerca de 920 estudantes, 372 destes (40%) se autodeclararam negros, enquanto

<sup>16</sup> Não tivemos acesso aos dados oficiais sobre o número de alunos cotistas.

449 (49%) se autodeclararam pardos, enquanto 61 (7%) brancos e 20 (2%) amarelo. Consta-se através desta amostra que o grande público do IFBA é composto por negros e pardos como demonstra o gráfico abaixo.

**Gráfico IV – Distribuição por etnia estudantes escritos no PAAE no ano de 2018**



Fonte: Dados cedidos pelo PAAE dos estudantes escritos no programa no ano de 2018.

Ao contrário das décadas passadas, atualmente o IFBA é negro. Em razão do predomínio desta população, percebe-se maior empoderamento da juventude negra, seja através da estética presente nos cabelos crespos, cacheados, usados de várias formas, dos adereços e assessórios, no uso de torços e turbantes, da expressão da religiosidade de matriz africana, em roupas ritualísticas (predomínio da Umbanda na amostra do PAAE) presentes em comportamentos e simbolismos.

O IFBA é uma comunidade plural e democrática que acolhe as expressões religiosas e culturais da comunidade negra. Nesse sentido, se observa o crescimento de discussões étnico-raciais e eventos institucionais, inclusive, de projetos pedagógicos específicos, não apenas em semanas especiais como a Semana da Consciência Negra, mas previstos em sua jornada pedagógica, a “Jornada das Relações Étnicas e Raciais” momento em que se discutem temáticas de interesse.

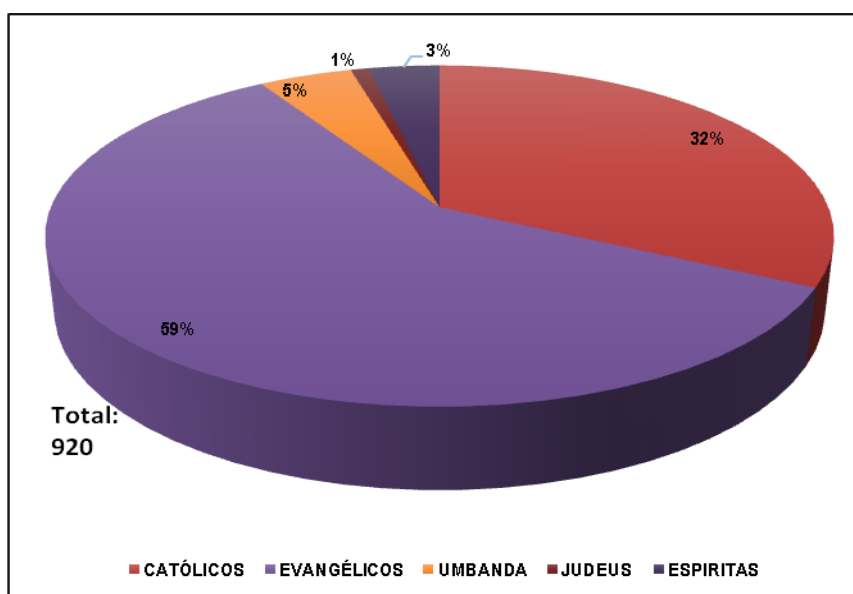
A representatividade dessa população se dá inclusive pelo grande número de professores negros e pardos, alguns egressos do próprio Instituto. A

representatividade negra tem sido muito debatida nas últimas décadas, pois se constitui como um elemento essencial à construção da identidade, de imagens e de representação social (FERNANDES; SOUZA, 2016). A representatividade dos grupos sociais é um fator positivo, pois produz sentidos e significados, capazes de interferir na dinâmica da realidade.

No âmbito prático, ser estudante negro no IFBA representa no imaginário social a superação de muitos processos de exclusão, discriminação e racismo que se constituem no processo de escolarização dessa população.

Sobre o quesito religião, o IFBA procura ser reconhecido socialmente como uma comunidade democrática e plural com vistas a defesa da laicidade da educação, respeitando o credo de seus estudantes. No gráfico abaixo, observa-se o desenho das religiões informadas pelos estudantes no ato de inscrição do PAAE no ano de 2018.

**Gráfico V** – Distribuição por religião estudantes escritos no PAAE no ano de 2018



Fonte: Dados cedidos pelo PAAE dos estudantes escritos no programa no ano de 2018.

De acordo com a figura, são as religiões cristãs as que mais se destacam (evangélicos e católicos) na amostra do PAAE, sobretudo as evangélicas que representam 59% do total de estudantes inscritos no ano de 2018. A religiosidade desse grupo é expressa no ambiente interno, através de comportamentos peculiares, do aglutinamento dos pares, que ocasionalmente se reúnem em horários de intervalo.

Outro segmento muito representado entre os estudantes de maneira geral são as pessoas com deficiência, isto é, de acordo com a Lei Federal nº 13.146/2015, que regulamenta internamente as disposições da Convenção da ONU:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Embora a política de inclusão institucional ainda seja insuficiente, observa-se em termos gerais, um empenho do IFBA em integrar os estudantes com deficiência, pois dentre esse segmento, destaca-se pessoas com deficiência auditiva, deficiência visual, ou pessoas com problemas diversos de mobilidade, inclusive, alguns cadeirantes.

No que diz respeito à acessibilidade, esse ainda é um ponto frágil da estrutura física mas, a instituição está se adequando as necessidades gradativamente e já se observam mudanças, como colocação de piso tátil e a instalações de elevadores nos pavilhões, estrutura que certamente contribuirá com a inclusão de muitas pessoas com deficiência.

Do ponto de vista pedagógico, a realidade da inclusão é muito difícil para os professores no que tange a construção de processos pedagógicos direcionados as necessidades dessa população. Apesar de não existirem programas de qualificação específicos que capacitem os professores para a atenção ao público com necessidades pedagógicas especiais, existe um setor de suporte para esses estudantes que é a Coordenação de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (CAPNE), responsável por todo acompanhamento dos estudantes no seu percurso acadêmico, orientando, adaptando materiais e intervindo em situações específicas.

Este setor viabiliza recursos pedagógicos, metodológicos e tecnológicos, a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizagem, a convivência com a diversidade e o desenvolvimento profissional dos estudantes. Auxilia o estudante no fornecimento de material específico, interpretes doação de cadeiras de rodas (inclusive motorizada), dentre outros instrumentos necessários para atender as necessidades desses estudantes.

O processo de inclusão da pessoa com deficiência é sem dúvida um desafio em qualquer contexto escolar, pois perpassa, primeiramente pela superação da negação histórica da educação como um direito para esse segmento populacional. A oferta de ensino inclusivo e de qualidade está prevista na Política Nacional de Educação Especial.

Também muitos estudantes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT's) têm sido aprovados nos IFBA e já se somam aos segmentos mais diversos. Em respeito a diversidade de gênero, os transgênicos são tratados pelo seu nome social fora e dentro da sala de aula. A caderneta eletrônica oficial inclui o nome social e essa identificação está ligada ao registro oficial do estudante no processo acadêmico.

## **5.7 Performances no Curso Técnico de Química do IFBA**

Como modalidade integrada ao Ensino Médio, o Curso de Química tem sido ofertado pelo IFBA, e suas versões congêneres, desde 1962, portanto, esse é um dos cursos técnicos mais antigos a serem oferecidos na cidade de Salvador (PPC IFBA ,2019). A procura da comunidade estudantil por essa formação, sem dúvida alancou seu apogeu na década de 1970, na vigência de implementação e crescimento industrial da Bahia. No entanto, mesmo com o processo de desindustrialização que assola o estado baiano na atualidade, a demanda por esse Curso continua significativa pelas razões que já explanamos.

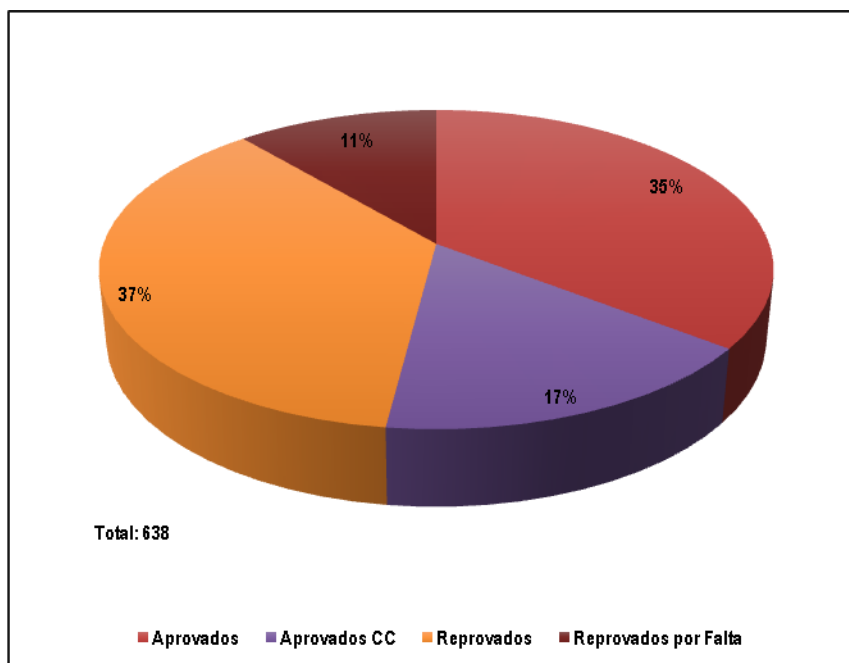
Ainda que este seja um curso de grande aceitação, de trajetória tradicional dentre os cursos técnicos oferecidos pelo Instituto, observa-se fenômeno marcante: um grande número de estudantes reprovados, repetentes e não concluintes.

Num comparativo da população geral dos matriculados, entre os quatro últimos anos da oferta do Curso de Química (2014<sup>17</sup>, 2016, 2017 e 2018), observa-se um total de 656 alunos concluintes, se somados esses períodos. Percebe-se que o percentual de estudantes aprovados e reprovados neste Curso é equiparado, haja vista que os alunos aprovados nesses quatro anos somam 35% e os reprovados 37%. Deste percentual, 17% foram aprovados pelo Conselho de Classe como demonstra o gráfico a seguir.

---

<sup>17</sup> Não foram disponibilizados os dados do ano de 2015.

**Gráfico VI** – Indicadores de aprovação (2014, 2016, 2017 e 2018) do curso integrado técnico em química



Fonte: Dados cedidos pelo PAEE dos estudantes escritos no programa no ano de 2018.

É importante salientar que muitos estudantes tiveram no Conselho de Classe, a sua média final de avaliações aproximada em um ou dois componentes curriculares, essa situação acontece desde que o estudante tenha sido reprovado em duas disciplinas com média equivalente até a nota cinco ou em uma disciplina com média equivalente até a nota quatro.

Ao analisarmos separadamente apenas o ano de 2018 do primeiro ano do Curso de Química, constatamos que foram matriculados 161 estudantes, destes, 143 (88,81%) concluíram o primeiro ano, 58 (40,6%) foram aprovados, 32 (22,4%) aprovados pelo Conselho de Classe e 53 (37,1%) reprovados conforme tabela abaixo.

**Tabela I** – Dados do Curso de Química do ano de 2018 das turmas A, B, C e D

Série	Turma	Matrícula Inicial	Concluintes do Ciclo	Aprovados	Aprovados por CC	Reprovados
1º Ano	A	40	38	21 (55,3%)	5 (13,2%)	12 (31,6%)
	B	40	37	14 (37,8%)	7 (18,9%)	16 (43,2%)
	C	41	32	14 (43,8%)	10 (31,3%)	8 (25%)
	D	40	36	9 (25%)	10 (27,8%)	17 (47,2%)
	<b>Total</b>	<b>161</b>	<b>143</b>	<b>58 (40,6%)</b>	<b>32 (22,4%)</b>	<b>53 (37,1%)</b>

Fonte: Dados do ano de 2018 cedidos pelo Departamento Pedagógico de Atenção ao Estudante (DEPAD).

Dentre os reprovados alguns foram jubilados, outros saíram da escola restando 40 (75,41%) alunos repetentes, público alvo dessa pesquisa dos quais 28 (70%) participaram conforme tabela acima:

Ainda nos aprofundando um pouco nesta análise, a partir da tabela acima, podemos observar que esses 161 estudantes foram distribuídos em quatro turmas matutinas, cada uma em média com 40 estudantes. Os aprovados corresponderam a 40,6% (58 estudantes) e os reprovados a 37,1% (53 estudantes). Esses percentuais são correspondentes entre si, o que é um fator preocupante na medida em que constatamos que os números de estudantes reprovados no ano letivo de 2018 correspondem a mais de uma turma, ou seja, mais do que  $\frac{1}{4}$  daqueles que se matricularam no ano de 2018. Esse número fatalmente impacta na redução de vagas oferecidas para os calouros já que mais de 50 alunos permaneceram ocupando as vagas do primeiro ano do Curso de Química em 2019.

Esses números se agravam ainda mais quando analisados de forma mais ampla, ou seja, quando além do Curso de Química se analisa os índices de reprovação das turmas de primeiro ano dos oito Cursos oferecidos pelo IFBA. Cada um deles possui três turmas (exceto Química). No ano de 2018 dos 919 estudantes matriculados apenas 788 (85,74%) concluíram o ano letivo. Destes 32,7% (258 estudantes) foram aprovados 29,4% (232 estudantes) foram aprovados pelo Conselho de Classe e 37,8% (298) foram reprovados.

O índice de reprovação ultrapassa o de aprovação quando comparado de forma individual, ou seja, desconsiderando aqueles estudantes aprovados pelo Conselho de Classe. Esses números integram o déficit educacional do Ensino Fundamental público de nossa região.

Como medida preventiva ao processo de reprovação, o Instituto procura através de cursos, reuniões, palestras, ou da instituição de Conselhos de Classe, dos Encontros Acadêmicos, criar alternativas para reverter esses indicadores. No entanto, como foi dito previamente, são muitos os fatores que influenciam na baixa performance estudantil.

Pesquisas demonstram que, uma das questões mais incidentes do abandono escolar no ensino médio no Brasil, se dá pela necessidade do jovem entrar no mercado de trabalho, ou para auxiliar no orçamento familiar, ou para assegurar seu próprio sustento (SILVA; NÓBREGA; NICOLELLA, 2014).

Desse modo, a renda salarial também é um agente determinante da manutenção e condição efetiva na escola. A renda familiar se constitui no valor agregado por todos os moradores de um domicílio, é um modo de sustentabilidade material das famílias.

Em se tratando da realidade dos estudantes do IFBA, a renda familiar decerto influencia na permanência e assiduidade do estudante carente durante o ano letivo, pois muitos não são inscritos no PAAE e não possuem meios de assegurar o deslocamento à escola, por falta de condições objetivas de locomoção ou de permanência no turno oposto.

Outro dado importante diz respeito a estudantes que trabalham e estudam. Dos 920 inscritos no PAAE/2018, cerca de 70 estudantes que equivale ao percentual de 7,6%, afirmaram estarem exercendo trabalho formal no ano de 2018 e um contingente de 101 que representa um percentual de 10,97% dos estudantes, desenvolvem trabalho informal.

No que tange o trabalho informal desenvolvido pelos estudantes, observam-se funções de menor remuneração e valorização social, tais como manicures, maqueiro, entregador, caixa de supermercado, babá dentre outros. Muitos estudantes não conseguem uma boa performance nos estudos pois têm dificuldades de conciliarem o trabalho informal (que muitas vezes pressupõem carga horária indefinida) com os estudos diários, que requerem além da disponibilidade de tempo, disciplina, organização, ambiente apropriado, e, principalmente disposição física e mental.

A conciliação entre trabalho e estudo é uma tarefa difícil em si mesma e é muito mais agravada quando se está na informalidade do mercado de trabalho. As condições objetivas terminam por favorecerem o abandono da instituição.

A Síntese de Indicadores Sociais – SIS (2017) – IBGE revelou que 39,6% dos trabalhadores ingressam no mercado de trabalho com até 14 anos. Para esses jovens o adentrarem ao mercado de trabalho tão precocemente é um grande desafio que torna mais difícil consolidar-se nele. Esse público certamente é mais fragilizado e propende a encontrar ocupações mais precárias, oneradas pela baixa escolaridade e fragilidade da formação educacional (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2013).

A PNAD Contínua (2017) comprovou através de pesquisas em domicílio que 1,3 milhões dos jovens que abandonaram a escola em 2017 tinham 15 a 17 anos



dos quais 52% não finalizaram o ensino fundamental. Este é o subgrupo mais desprotegido, pois são brasileiros que caso não voltem a estudar, certamente serão inseridos precariamente no mercado de trabalho, além de terem a educação básica negada.

Os estudos feitos com base no IBGE (2017) indicam que esse grupo de risco em geral é composto por jovens pobres, negros e que na sua grande maioria trocam a escola pelo trabalho precário. Quando comparado o gênero, as mulheres que nesta pesquisa equivalem a 610 mil, na sua grande maioria abandona os estudos porque ficaram grávidas. Apenas 2% do percentual de meninas grávidas retomam os estudos. Entre os homens 63% ou já estavam trabalhando ou procurando emprego.

## **5.8 Adolescência e Performance estudantil no contexto do IFBA**

### **5.8.1 O Desafio da entrada no campo de pesquisa**

Quando adentramos o campo de pesquisa, pensávamos que de forma objetiva, observaríamos os prazos previstos no cronograma, aplicaríamos o instrumento, coletaríamos os dados e iniciariamos a escrita. No entanto, a dinâmica da pesquisa envolve o movimento da realidade em suas múltiplas expressões (MACEDO, 2004). Para além da nossa expectativa de realizar a tarefa da pesquisa, estava a realidade concreta dos sujeitos que nos invadia a cada encontro.

Ao nos apresentarmos como pesquisadora, tivemos uma grande aceitação, pois, alguns estudantes das turmas que compunham a amostra, haviam sido nossos estudantes em outro momento, ou já mantiveram algum contato com a professora. Esses estudantes guardam certa referência da instituição por serem repetentes do primeiro ano de Química.

Ao apresentarmos o projeto de pesquisa, optamos por convidar os estudantes repetentes das quatro turmas do Curso de Química. A fim de identificarmos quem era os com esse perfil, utilizamos uma ferramenta disponível no sistema de informações do IFBA, o *SICADWEB*, de acesso exclusivo dos professores, em que era<sup>18</sup> possível identificar repetentes e não repetentes a partir do ano de matrícula<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Essa plataforma deixou de ser disponibilizada a partir de 2019.

<sup>19</sup> Cada estudante possui um número de matrícula seguido do ano de ingresso.

Ainda que já soubéssemos a quantidade de estudantes na condição de repetentes, adentramos as turmas de primeiro ano nas aulas de desenho – previamente acordado com o professor responsável – e explicávamos o nosso interesse de pesquisa, os objetivos, a relevância do objeto e a voluntariedade da participação.

Tal foi o nosso impacto ante a receptividade e aceitação dos estudantes! Ao ouvir sobre o tema e seus significados, muitos expressaram suas considerações. Nas quatro turmas visitadas, as manifestações foram variadas: muitos reagiam positivamente, ressaltando a importância de um estudo dessa natureza, outros se mantinham calados e apáticos, outros tiveram manifestações emotivas chegando inclusive a chorarem, o que demandou da pesquisadora o efetivo registro da informação e busca de apoio junto ao setor de psicologia<sup>20</sup> da instituição.

Nesse primeiro momento, nucleamos a amostra com os 40 estudantes repetentes. A esse grupo, entregamos o TCLE e estabelecemos um prazo para entrega. Ao passar o prazo, recebemos 28 termos devidamente assinados e entregamos o TALE. Ao tempo em que íamos recebendo os documentos, percebíamos que muitos estudantes que não entregaram a tempo se justificaram afirmando que perderam o documento, esqueceram de entregar aos pais, ou os pais não assinaram. Observamos que muitos procuravam meios de entregar o documento posteriormente, quando percebiam a participação de outros colegas.

Após o vencimento dos prazos de entrega, começamos a estabelecer um contato com os sujeitos selecionados para a composição da amostra. Eram um total de 28 estudantes, sendo 18 meninas e 10 meninos que se distribuíram nas quatro turmas de primeiro ano. Identificamos então, 11 repetentes na turma A, 11 repetentes na turma B, 7 repetentes na turma C e 11 repetentes na turma D. Somados os repetentes de todas as turmas, obteve-se um total de 28 repetentes participantes da pesquisa, o que corresponde a 70% do total de repetentes existentes nas quatro turmas. Na tabela abaixo, podemos identificar esses números seguidos de seus devidos percentuais e indicadores de participação por turma.

---

<sup>20</sup> Ressalte-se que todo o processo de pesquisa foi acompanhado pelos psicólogos do IFBA conforme preconiza o projeto de pesquisa aprovado no CEP de nº 14484719.8.0000.5628.

**Tabela II - Participantes da Pesquisa**

<b>Turma</b>	<b>Pesquisa de Campo</b>				<b>Total</b>
	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	
<b>Repetentes</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>40</b>
<b>Participantes</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>70%</b>
<b>Percentual de Participantes por Turma</b>	<b>64%</b>	<b>73%</b>	<b>100%</b>	<b>54%</b>	<b>28</b>

Fonte: Dados sistematizados a partir do levantamento feito no SICADWEB.

Um elemento que nos chamou atenção na entrada do campo, foi a reação de muitos professores de desenho sobre a relevância da temática que envolve a pesquisa. Recebemos muitos incentivos e cumprimentos de colegas pela escolha do tema e pelo compromisso de estudá-lo. Muitos ressaltaram a necessidade proeminente de se estudar temáticas que envolvam o extraclasse e a família. Em nossa compreensão, o interesse dos professores soou como alívio manifesto por eles, pois nas suas falas ressaltavam que a performance estudantil estava relacionada também, as relações sociais, as questões subjetivas, as condicionantes operativas da vida de seus estudantes.

Os professores se manifestavam como se esse trabalho fosse de alguma forma, ajudá-los a compreender a própria prática docente. Muitos inclusive ofereciam as suas turmas como amostra de pesquisa e relatavam casos de performances de seus estudantes que julgavam estarem relacionadas aos processos familiares vividos.

O apoio do Instituto foi fundamental na operacionalização dos processos de pesquisa, tendo sido disponibilizados documentos, acessos as bases de dados, auxílio logístico. Setores ligados à Coordenação Pedagógica, ao Serviço Social, ao setor de Psicologia, além do Apoio Operacional, demonstraram particular interesse ao receberem a notícia da pesquisa, haja vista que esses departamentos lidam diretamente com demandas pedagógicas específicas que perpassam as performances individuais dos estudantes.

### 5.8.2 Conhecendo os estudantes

As performances escolares estão atreladas aos desempenhos, não apenas nos campos cognitivos e sociais (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017), mas, também, aos processos afetivos que envolvem os sujeitos no seu cotidiano. Com essa concepção, adentramos o campo em busca de conhecer a dinâmica das

famílias dos estudantes e como estas interferem em suas performances. Na busca de responder as nossas inquietações de pesquisa, começamos a aplicar os instrumentos na esperança de que os seus conteúdos nos aproximasse dos estudantes em suas experiências familiares. Por isso, delimitamos que tais experiências fossem relatadas fazendo menção a fatos importantes que tenham ocorrido nos últimos oito anos da vida dos estudantes no seu ambiente familiar.

Quando iniciamos a aplicação do instrumento em seções que se procederam em ambiente reservado, os estudantes foram orientados a relatarem as suas experiências de forma livre e sem nenhum tipo de interferência da pesquisadora. As seções de aplicação do instrumento tiveram duração de aproximadamente 50 (cinquenta) minutos. Muitos estudantes utilizaram o tempo estimado mais outros respondiam com menor tempo.

### 5.8.3 Contextos familiares e Performance estudantil

Em busca de conhecer de que forma as dinâmicas familiares podem interferir na performance do estudante, começamos o tratamento dos dados a partir do aporte teórico que vimos construindo durante o período de estudos do nosso objeto. Na nossa perspectiva, performance estudantil “[...] nos possibilita pensar para além daquilo que tem sido tematizado como fracasso ou sucesso [...]” (ICLE, 2017) na escola. Por isso, pensamos que a performance estudantil está relacionada ao desempenho pessoal que é amplo e extrapola a atuação dos sujeitos no ambiente da escola. A performance é na vida. Por isso a família é um ente tão importante no desempenho dos papéis sociais dos seus membros.

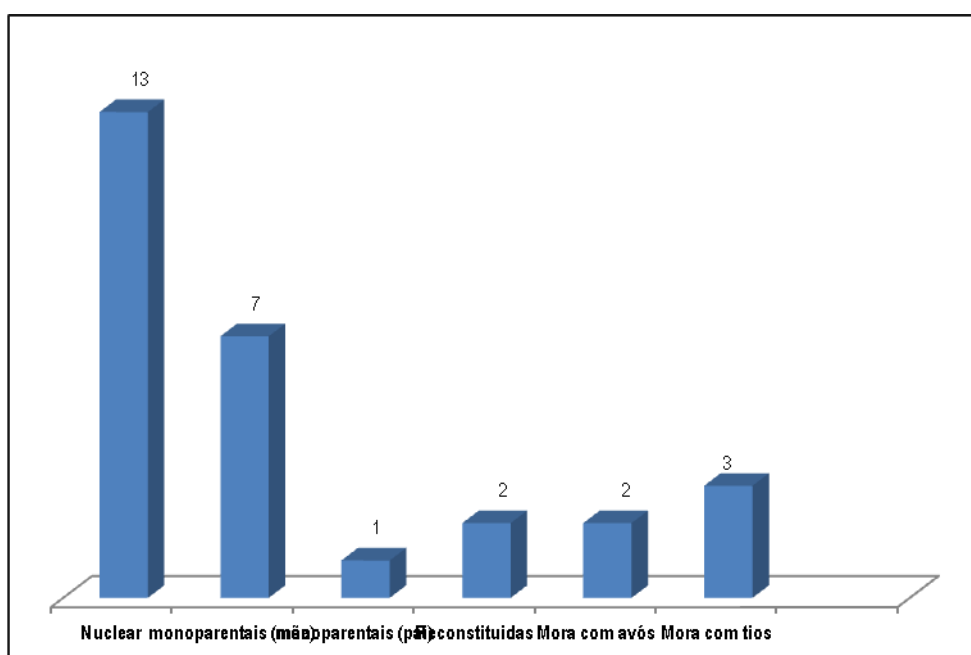
A família se organiza a partir de peculiaridades diversas nos seus modos de vida (MIOTO, 2006) e, portanto, constituem dinâmicas internas que são invioláveis no seu interior. Dessen e Polônia (2007), afirmam que as dinâmicas familiares oportunizam a formação do repertório de conduta, de atitudes e respostas frente aos problemas cotidianamente vividos entre o grupo.

O lar, a casa ou a moradia não é apenas o espaço físico e sim o lugar dos relacionamentos, do aconchego, dos laços e experiências positivas ou não. É nesse espaço que escrevemos a nossa história, que residem as nossas melhores memórias é o lugar que reflete o modo de ser e de viver dos seus habitantes. Podemos dizer que a casa representa o espaço de refúgio e proteção individual

(MAGALHÃES, 2016). Lá guardamos pertences e as lembranças acumuladas, por isso é muito difícil quando vivemos em vários locais com pessoas diferentes.

Dos 28 estudantes participantes desta pesquisa observou-se (conforme o gráfico a seguir), que a família nuclear, aquela composta por pais e filhos, tem uma maior representatividade, seguida pelas famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Observa-se também uma quantidade considerável de estudantes que afirmaram morar com avós e tios.

**Gráfico VII – Arranjos Familiares**



Fonte: Dados obtidos a partir do instrumento de pesquisa aplicado.

Esse é um fenômeno contemporâneo crescente. São vários os motivos relacionados aos pais, que levam os avós a assumirem a criação dos netos menores tais como, pais adolescentes despreparados para cuidar dos filhos, filhos desempregados, usuários de drogas, ou em conflito com a lei, portadores de doenças mentais, falecidos precocemente, separados, recasados sem aceitação da criança por parte do outro cônjuge ou ainda situações de abuso infantil e/ou abandono por parte dos progenitores (LOPES; NERI; PARK, 2005; OSÓRIO; SILVA NETO, 2008).

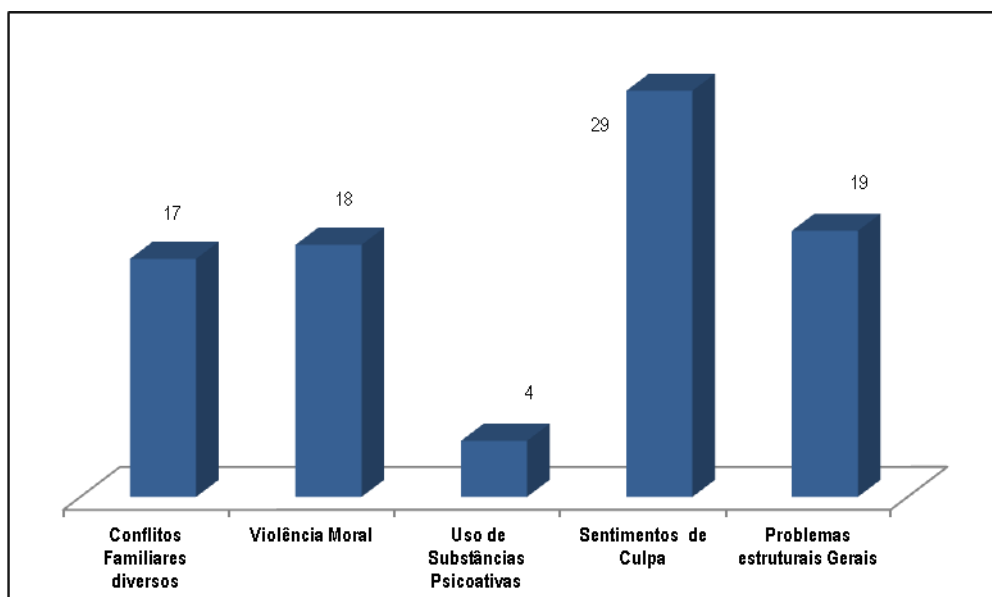
É no ambiente familiar que as crianças aprendem a lidar com os enfrentamentos, a comedir as emoções, a manifestar os diferentes sentimentos que permeiam as relações e a enfrentar a vida e seus impasses. Segundo Modin (2005),

os vínculos afetivos inerentes às famílias contribuem para o desenvolvimento emocional, pois é a partir desses vínculos que as crianças aprendem a enfrentar as diversas maneiras de enxergar o mundo construindo seus relacionamentos sociais.

Embora a família seja reconhecida como um reduto de proteção, no seu interior também podem ser produzidas violações de direitos, omissões, negligências (PEREIRA, 2005) dentre outras inconstâncias que afetam a proteção dos entes mais vulneráveis. Por se tratar de uma coletividade dinâmica, e exposta às mudanças da realidade, a família é um organismo vivo (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) que está sujeita as intempéries que envolvem as pessoas, mesmo no âmbito da sua proteção.

Não obstante persiga o consenso, a família é o lugar de conflitos e, conflitos, são esperados e vivenciados em qualquer relacionamento humano. Na compreensão dos estudantes participantes da pesquisa, as situações conflituosas vividas em seus ambientes familiares estão relacionadas às brigas familiares, aqui caracterizadas como desavenças gerais que envolvam os membros entre si e/ou os sujeitos individualmente. A Violência moral aparece através de circunstâncias que desqualificam os sujeitos em sua dignidade, isto é, a partir de condições diversas como *bullying*, praticados pelos próprios familiares, racismo, atribuição de culpa por situações outras, que acirram tensões psicológicas que afetam a autoestima.

No gráfico abaixo, é possível identificarmos as principais situações vivenciais apontadas pelos estudantes do primeiro ano de Química, no cotidiano das suas relações familiares:

**Gráfico VIII – Conflitos Vivenciados/ Sentimentos de Culpa**

Fonte: Dados obtidos a partir do instrumento de pesquisa aplicado.

Observa-se que na dinâmica familiar dos estudantes, destacam-se os processos que nomeamos como *sentimentos de culpa* (GUILHARDI, 2002). Tais sentimentos estão relacionados às atribuições deterministas que esses indivíduos sofrem no contexto dos seus relacionamentos familiares. Quando se desviam do padrão exigível da comunidade, quando desafiam regras sociais, que estejam ou não diretamente relacionados a fatos internos e externos inerentes a sua participação familiar, esses são julgados e assumem a culpa por sua participação nas situações familiares diversas (GUILHARDI, 2002).

Dentre os diversos sentimentos expressados pelos estudantes, a culpa aparece presente em torno da separação dos pais. Esse evento familiar específico aparece com muita ênfase nos relatos. Dos 28 adolescentes participantes (9), 32,14%. Desse percentual, muitos mencionam a atribuição do fato a eles próprios e/ou a seus irmãos.

Os participantes afirmam que a separação dos pais foi justificada a partir de brigas e agressões verbais entre o casal que reverberavam quase sempre, neles e nos irmãos. As brigas e agressões verbais envolvem não apenas os pais, mas principalmente os filhos que vivem em meio a conflitos aos quais não podem resolver. Decerto, os eventos que acontecem na vida de um adolescente se iniciam nos enfrentamentos dentro da sua estrutura familiar e posteriormente interferem nas suas relações sociais (GOULART; WAGNER, 2013). De acordo com os dados

analisados, 32,14% da amostra (nove estudantes) apontam as brigas entre os pais como o principal fator de conflito familiar.

A instabilidade do ambiente familiar é um elemento gerador de inseguranças, medos, por que a casa é o local da proteção. Na casa, habita a família que socialmente se atribui o encargo da proteção e segurança (PEREIRA, 2005). A inconstância da segurança familiar certamente é prejudicial às performances estudantis, porque incidem sobre as decisões, as escolhas, os relacionamentos e a participação na vida social como um todo.

Quando o ambiente familiar é inseguro, a probabilidade de haverem interferências na performance estudantil é maior, por que o sucesso e fracasso escolar está diretamente relacionado aos processos construídos intra e extra classe (PATTO, 2000). Em nossa amostra evidencia-se muita insegurança do ambiente familiar e processos de sentimento de culpa por situações relacionadas aos conflitos entre os pais.

Em um dos relatos coletados, o estudante E1, afirma que desde que se “entende como gente” seus pais brigam quase todos os dias e que “um dos irmãos sempre jogou a culpa dessas brigas nele”. Os processos de instabilidade afetam a performance diretamente, conforme observamos no fragmento de E1.

Meu pai nunca chegou a agredir a minha mãe, mas a pressão psicológica que eu e minha mãe sofremos é muito grande. Acho que meu pai só vem piorando. Ele sofre de ciúme patológico e ver coisas aonde não existe. Tudo isso vem atrapalhando meus estudos. Agora mesmo na primeira unidade entreguei a prova de química em branco porque não consigo me concentrar no que estou fazendo. Me sinto prostrado, sem coragem de fazer nada (E1, 17 anos).

Outra estudante, ao relatar os contextos de sua dinâmica familiar, demarcou o período de morte da sua mãe como o início de mudanças significativas que afetaram a sua relação com o pai e irmãos. Ao passar a conviver com esses entes e a sua madrasta, depois de idas e vindas em casas de outros parentes – em que presenciava muitas brigas e conflitos – nunca se sentiu acolhida e segura. Vejamos o fragmento de seu relato:

Na casa de meu pai eu não comia, às vezes passava o dia sem comer para evitar estar com as pessoas da casa. Lá eu me sentia muito triste. Me isolava no quarto, nem conseguia dormir direito. Tive muita crise de ansiedade, mas minha família não acreditava que eu estava passando mal



e ainda me culpavam pelas coisas que eu estava passando. Quando entrei no IFBA tudo piorou (E2, 18 anos).

A família deve se constituir para a criança e o adolescente o principal mecanismo de proteção (BRASIL, 1990), dada condição peculiar de desenvolvimento desses sujeitos. Se não há segurança no seio familiar, fatalmente tal condição será prejudicada. No fragmento, acima podemos perceber que a família não significou para E2, o ambiente propício a uma adolescência saudável.

O relato é muito significativo por ser a família a principal esfera de proteção, mas é preocupante percebermos que também a escola, como ente que representa o Estado, (componente da tríade societária constitucional de defesa da criança e do adolescente, Família, Sociedade e Estado)<sup>21</sup> está sendo apontada como instituição de agravo da vulnerabilidade dessa estudante.

De modo geral, a família é socialmente aceita como lócus do afeto, da empatia, da solidariedade e do respeito mútuo (MIOTO, 2006). Quando esse grupo social não representa o fortalecimento de vínculos positivos que contribuam para a formação das identidades, das individualidades, da aceitação e cooperação entre os seus entes, torna-se disfuncional em seus propósitos constituídos socialmente.

No fragmento abaixo, a adolescente relata experiências vivenciadas em seu ambiente familiar: hostilidade, constrangimento e desrespeito contribuíram para condições de afastamento e quebra de vínculo.

As brigas lá em casa eram constantes, pelo que lembro nunca teve momentos bons. Meu pai me batia muito e me humilhava. Eu sempre fui gordinha e minha mãe sempre fazia comentários pejorativos entre eles e me chamava de gorda. Em 2018 as brigas voltaram a ser frequentes e havia agressão verbal e xingamentos. Hoje as brigas diminuíram, porém me sinto só dentro de casa, não temos um contato muito próximo (E3, 16 anos).

A vinculação familiar pressupõe a abertura para o diálogo, compreensão, afetuosidade e escuta sensível capaz de fortalecer os vínculos parentais, de amizade e respeito entre os membros da família.

---

<sup>21</sup>Conforme o artigo 227 da Constituição Federal e o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente que afirmam: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

#### 5.8.4 A pressão de se estudar no IFBA

O IFBA é uma instituição bastante reconhecida socialmente quando se trata de mercado de trabalho. Como Instituto Federal, está sempre focando na qualidade não apenas no âmbito do Ensino, mas também da Pesquisa e Extensão. A razão de tal qualidade e confiabilidade reside na tradição histórica na formação de grande número de mestres e doutores, não só por seu quadro docente, mas também em seu quadro técnico, pois reúne grande número de pedagogos, assistentes sociais e psicólogos, que se tornam referência em seus campos de atuação.

As exigências pedagógicas do IFBA são conhecidas, pois, na sua excelência na área educacional, requer estudantes aptos à construção de conhecimentos – reunidos através de ampla quantidade de conteúdos e disciplinas – que demandam grande dedicação e esforço, resultando quase sempre em sobrecarga de conteúdos a qual, nem todos estudantes conseguem acompanhar.

A menção da estudante E2 (p. 87), de que “tudo piorou” quando entrou no IFBA se somou a muitos outros relatos sobre a pressão de se estudar nesta instituição. Como já dissemos anteriormente, a entrada no IFBA representa uma expectativa que está sempre alinhada ao sucesso escolar e a empregabilidade rápida – em se tratando do imaginário social.

“Tudo piorou”, é uma expressão fatalista que aponta para a mudança de rotina, aumento da responsabilidade, construção de uma nova disciplina de estudos pessoais que podem interferir na vida social dos adolescentes diretamente. A entrada no IFBA é cercada de expectativas, alegrias e vitórias. No entanto, a manutenção e sequência do Curso escolhido é sempre um elemento desafiador para alguns estudantes, em razão das novas mudanças na vida e na rotina de estudos que apontam para o autoconhecimento, para o amadurecimento e novas experiências grupais.

A reflexão de E4 é interessante. O estudante reconhece que a entrada na instituição trouxe alguma contribuição ao seu desenvolvimento pessoal: “Entrei no IFBA. Entendi como realmente funciona o mundo, percebi que a vida é mais difícil do que ela parece ser” (E4, 17 anos).

No entanto, a experiência de uma nova rotina de estudos, da cobrança social, da autodeterminação é muito marcante na adolescência. As formas como essas condições se processam podem interferir na autoestima, na segurança pessoal, na

construção da autoimagem. Por essa razão, o apoio familiar é determinante na construção de uma boa performance estudantil.

O relato de E5 evidencia como é relevante o acolhimento dos pais as dificuldades desse processo:

Entrei no IFBA em 2018. Foi muito difícil na verdade, porque parecia que todos os meus anos em escola pública não serviam pra nada. Mas quando soube que ia repetir [o ano] meus pais me deram apoio, pois eles vinham acompanhando o meu esforço (E 5, 16 anos).

Atento aos limites e dificuldades de adaptação dos seus estudantes, o IFBA mantém estratégias que visam atenuar o impacto que a entrada na instituição possa representar. Nesse sentido, oferece estrutura, programas e processos pedagógicos específicos capazes de acolher o estudante ingresso.

É importante ressaltar que processos como os Conselhos Diagnósticos – que são feitos com a presença de docentes, Diretoria de Ensino (DE), Pedagogos, Assistentes Sociais e Psicólogos, têm o intuito de mapear as necessidades individuais de cada estudante, não apenas os seus resultados quantitativos, mas também os qualitativos, bem como discutir os aspectos comportamentais e familiares – acontecem bimestralmente.

Nos Conselhos Diagnósticos, são ouvidos principalmente os professores e as suas impressões sobre cada estudante. Participam também, os psicólogos e pedagogos, de acordo com a necessidade de cada demanda. Igualmente os responsáveis são chamados em casos específicos. O IFBA disponibiliza acompanhamento psicológico, que é oferecido no próprio Instituto através de seus psicólogos.

Ainda que muitos estudantes vivenciem dificuldades de manutenção e aproveitamento nos Cursos do IFBA, a instituição mantém a tradição de oferecer egressos que se destacam no cenário local e nacional.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas atualmente pelas instituições públicas de ensino, o IFBA sempre obtém resultados satisfatórios e de destaque nos exames obrigatórios anuais como o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)<sup>22</sup>. No ano de 2017, por exemplo, o resultado divulgado pelo

---

<sup>22</sup>Também foram avaliados com desempenho satisfatório, os cursos de Engenharia e Licenciatura (Física, Geografia e Matemática) do IFBA – Campus Salvador. Do total de 21 cursos, com os

Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), demonstraram que os cursos do IFBA posicionaram-se no topo do *ranking nacional*: Engenharia Industrial Elétrica (1º lugar), Engenharia Química (1º lugar), Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (1º lugar) e Matemática (1º lugar) do campus Salvador e Ciência da Computação (2º lugar) - no campus Porto Segura – estando estes entre os mais bem posicionados do Norte/Nordeste (INEP, 2017).

#### 5.8.5 Processos adoecedores no IFBA e seu impactos na Performance estudantil

Na contemporaneidade, os adolescentes tem sido um segmento social representativo na população brasileira. Numericamente, esse grupo etário representa 68,8 milhões (0 a 19 anos) quando somados as crianças.

Sendo uma etapa do desenvolvimento que possui determinantes sociais, biológicos e psicológicos, a adolescência se constitui num processo de descobertas, definições, e busca pela identidade. Esse é um período de peculiaridades, que incidem em novas experiências e pressões sociais de diversas ordens que influenciam nos comportamentos gerando flutuações de humor e instabilidade emocional (CRIVELATTI; DURMAN; HOFSTATTER, 2006).

Essa fase também é mais propícia à existência de sofrimento psíquico. De acordo com o Ministério da Saúde, “metade de todas as doenças mentais começa aos 14 anos” Nessa etapa, muitos adolescentes também podem desenvolver comportamentos autolesivos e ideação suicida. Os chamados fatores de risco na adolescência (relacionados a comportamentos que colocam em risco a saúde física e mental) vêm sendo discutidos por alguns autores nas ultimas décadas (AMPARO; ALVES; CÁRDENAS, 2004; MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

As pressões da sociedade atual tem promovido maior exposição de crianças, adolescentes e jovens a fatores preditores para o sofrimento psíquico, tais como autolesão, depressão, ansiedade e ideação suicida. Essa temática vem sendo

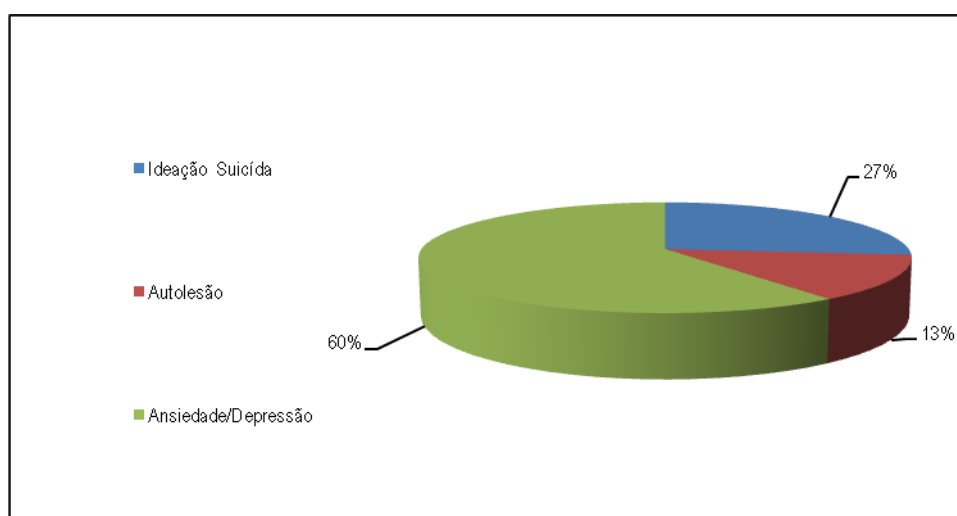
discutida em fóruns nacionais<sup>23</sup> e internacionais (MMFDH, 2020), como um alerta mundial a esses fenômenos cada vez mais frequentes.

Em nossa amostra chama a atenção que dos 28 adolescentes participantes, 15 (53%) tenham mencionado exposição a fatores de risco ao *sofrimento* psíquico. Conforme o gráfico, abaixo nota-se que a ansiedade e a depressão foram mencionadas como condição manifesta a esses sujeitos. Dentre os participantes 60% mencionaram sofrer de depressão ou *ansiedade*. Já 27% afirmaram já terem tido *ideação suicida* em algum momento da adolescência, e, 13% já praticaram autolesão.

Tal resultado nos surpreendeu, pois não havia no nosso instrumento, nenhuma sugestão ou questionamento sobre esses temas. A temática surgiu naturalmente nos relatos e não havia possibilidade (dentro do espectro da pesquisa) de se averiguar se a indicação de quadro depressivo ou de ansiedade mencionados adivinha de diagnóstico médico.

Aqueles que não falaram diretamente sobre doenças dessa natureza deixaram nas entrelinhas alguns relatos de sentimentos relacionados a processos fisiológicos e comportamentais que demandariam avaliação profissional especializada. Diante da análise dos relatos, de imediato recorreremos aos setores específicos de atendimento psicológico para atenção direta a esses sujeitos.

**Gráfico IX – Problemas emocionais**



<sup>23</sup>O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), junto com o Ministério da Saúde lançaram no dia 17 de setembro de 2019 uma campanha de valorização da vida e combate à depressão.

Fonte: dados sistematizados a partir do preenchimento do instrumento de pesquisa.

As doenças e transtornos mentais passaram a ser atribuídas a crianças e adolescentes mais recentemente, pois não se acreditava que esse grupo populacional fosse suscetível a problemas vivenciais (CRIVELATTI; DURMAN; HOFSTATTER, 2006). Desse modo, durante muito tempo a depressão nesse segmento deixou de ser tratada. Atualmente, os adolescentes e crianças integram os grupos expostos a essa doença que é classificada no Código Internacional de Doenças (CID).

O relato abaixo trata do fragmento de E6, que se sentiu profundamente triste e isolada, mas não foi ao médico falar sobre esses sentimentos. Segundo Crivelatti; Durman e Hofstatter (2006), o diagnóstico de depressão (que só deve ser obtido através de um médico) deve levar em consideração um conjunto de fatores relacionados a aspectos psíquicos, fisiológicos e comportamentais.

Tenho paralisia no braço direito e por isso sofri muito bullying na minha antiga escola. Apesar de meu irmão gêmeo estudar lá também sempre me senti sozinha. Em 2016 me sentia profundamente triste e isolada. Ficava trancada no quarto, me achava antissocial. Não sei dizer se era depressão porque não fui ao médico falar sobre isso (E6, 16 anos).

A preocupação com a depressão tem sido identificada em vários países em função das perspectivas do crescimento dos indicadores de incidência dessa doença nos próximos anos. Com essa preocupação, a Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou um relatório global demonstrando que o número de casos de depressão aumentou 18% entre 2005 e 2015. Tal número é alarmante, são 322 milhões de pessoas em todo o mundo, a maioria mulheres. No Brasil a depressão atinge 11,5 milhões de habitantes (5,8 da população) enquanto distúrbios relacionados à ansiedade afetam mais de 18,6 milhões de brasileiros (9,3% da população).

O estudante E7, também relatou já ter vivenciado num momento da vida, um processo depressivo:

Quando fui diagnosticada com ansiedade ela (mãe) alegou ser frescura e nada fez para me ajudar. Eu tinha crise toda semana, e brigas também, às vezes a ansiedade tirava meu sono, às vezes as brigas me faziam ir mal na matéria que mais tinha dificuldade. Eu odiava a minha turma, minha mãe.

Odiava ir para a monitoria, estudar horas e não ter resultado. Bicalorei<sup>24</sup> (E7 18 anos).

Os Problemas de saúde mental são responsáveis por 16% da carga global de doenças como depressão, ansiedade e lesões na faixa etária entre 10 e 19 anos (OPAS BRASIL, 2018).

São vários os motivos por trás desse panorama delicado que podem ser listados aqui, como por exemplo, questões sobre sexualidade, dificuldade de lidar com frustrações, bullying, além de pressão pela escolha da carreira e por um bom desempenho escolar (BERGAMOS, 2018).

A escola hoje pode ser considerada como um termômetro no que tange a questão da depressão na adolescência, já que os maiores números de atendimentos em saúde mental acontecem na idade escolar (MOREIRA; BASTOS, 2015). As causas da depressão são muitas como, por exemplo, grande sofrimento e disfunção no trabalho, na escola ou no meio familiar. A depressão é uma doença grave, pois pode levar ao suicídio.

Todos os anos são registrados cerca de 10 mil suicídios no Brasil e mais de um milhão em todo o mundo, afirma Rosa (2019). Mas afinal o que leva uma pessoa a decidir morrer? A pergunta é um tanto dura, mas é impossível afirmar que exista uma única resposta. Frustração? Angústia? Sofrimento ou negligência de algum aspecto de saúde mental? São vários os processos de ordem objetiva e subjetiva enfrentados por todos nós dia a dia.

Os autores Araújo, Vieira e Coutinho (2010) explicam que a ideação suicida não é uma condição da “pessoa deprimida” – isto é, nem todos os indivíduos diagnosticados com depressão vão recorrer à prática do suicídio, e nem toda tentativa de suicídio está relacionada ao quadro depressivo. Para a autora, a adolescência é um período da vida confuso e de muitas mudanças. Nesta perspectiva, afirma que pais, responsáveis e professores precisam participar intensamente da vida dos adolescentes de modo a promover a autoconfiança, a escuta sensível e o acolhimento.

O tema suicídio precisa entrar na pauta da família e da escola porque esse é um fenômeno crescente na atualidade e tem alta incidência sobre os mais jovens. Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano – sendo esta a segunda

---

<sup>24</sup>Bi calouro é um termo usado internamente que se refere ao aluno que perdeu de ano. “calouro pela segunda vez”.

principal causa de morte entre pessoas com idade entre 15 e 29 anos (OPAS BRASIL, 2018). Pesquisas indicam que entre 2006 e 2015 o índice de suicídios na adolescência aumentou (MOREIRA; BASTOS, 2015). O suicídio entre os adolescentes deve preocupar a escola.

Nos relatos analisados, chama a atenção o fragmento de E1: “Dos 9 aos 14 anos fiquei muito deprimido. Meus pais brigavam muito e ainda brigam, devido a esse clima **já tentei me suicidar 6 vezes**” (E1. 17 anos).

A sala de aula é um ambiente coletivo em que se processam relações sociais diversas. A vinculação entre os pares não é uma regra e não ocorrerá de forma generalizada em razão dos antagonismos, da competitividade e da ausência de cooperação que muitas vezes se processam ali. A sala de aula é lugar de performance, especialmente, em se tratando daquelas que reúnem adolescentes.

Por se tratar de um ambiente diverso, cercado de performances individuais, os processos de ordem subjetiva muitas vezes não são percebidos e/ou acolhidos por colegas de classe ou professores. Será que as angústias de E1, foram percebidas e acolhidas na sala de aula? As angústias de E1 refletiram nesse palco da competitividade, da objetividade, da competição e da produção de resultados? Como as angústias que levaram E1 a ideação suicida (por seis vezes!) refletiram na sua performance estudantil?

Para além do atendimento individualizado as demandas estudantis de natureza social, psicológica e pedagógica, o IFBA se organiza e se apresenta como uma escola que busca exercer o seu papel educativo<sup>25</sup> ante as demandas<sup>26</sup> de seus estudantes. Nesse sentido, a instituição busca dentro das suas possibilidades, desenvolver ações educativas<sup>27</sup> diversas com o intuito de debater junto à comunidade os problemas internos e os fenômenos de interesse da juventude.

---

<sup>25</sup> Além de campanhas e projetos em campi em todo interior, a exemplo de Valença, Vitória da Conquista, Eunápolis, Brumado, Irecê e tantos outros, o campus Salvador realizou no dia 10 de setembro de 2019 o I Colóquio sobre Saúde Mental, cujas mesas redondas e rodas temáticas orientaram reflexões da comunidade e suas demandas.

<sup>26</sup> O mês de setembro foi aberto pelo Instituto com palestras, conferência roda de conversas, oficinas, práticas integrativas e até um abraço coletivo em alusão ao Setembro Amarelo – mês da prevenção do suicídio.

<sup>27</sup> Anualmente são desenvolvidas ações educativas tais como, Campanhas Nacionais de temas de interesse do âmbito da saúde, como por exemplo, Setembro Amarelo, Outubro Rosa, Novembro Azul, dentre outras, afim de envolver a comunidade escolar num debate de grandes fenômenos sociais. Também são desenvolvidos trabalhos diversos de pesquisa no âmbito do *stricto sensu*, sobre temáticas que envolvam a busca de respostas e soluções de fenômenos de interesse de estudantes, funcionários e professores.



Outro estudante também escreveu em seus relatos que:

2017 foi um ano complicado pra mim. Fiz o processo seletivo do IFBA e melhorei a minha ansiedade. Tive grandes avanços na escola. Um menino espalhou mentiras sobre mim, parei de falar com meu pai e uma professora me humilhou em público. Tentei suicídio. (E8, 16 anos).

Nos dois relatos (E1 e E8), é interessante notar que a relação familiar aparece como eixo principal e motivador da crise pessoal que desencadeia os processos subjetivos. Sem o apoio familiar, quebram-se vínculos de afeto, confiança, segurança e a performance estudantil é afetada, porque a família é o ente construtor “do reconhecimento, confirmação e afetividade” (RIBEIRO; CIASCA; CAPELATTO, 2016, p. 165).

De acordo com Ribeiro, Ciasca e Capelatto (2016) a literatura sobre “desempenho escolar” passou a ser produzida a partir dos anos 1960, quando se buscou relacionar a família ao aproveitamento dos estudantes, não atribuindo a esta a responsabilidade final pelo resultado destes, mas, destacando-a entre “[...] inúmeras variáveis e fatores que se cruzam e se inter-relacionam com o desempenho escolar” (p. 164).

Nesse sentido, as produções sobre o conhecimento nessa área vêm reafirmando a influência da família como base da formação biopsicossocial da criança e do adolescente, mas também como base do afeto e da construção da alteridade, elementos fundamentais as relações pessoais e humanas (CIASCA; CAPELATTO, 2016).

Se a família não está sozinha nessa empreitada de contribuir com o bom desempenho escolar, certamente precisará contar com a escola. E quem é a escola? A escola é uma comunidade diversa que busca meios de conexão entre a família e a sociedade com vistas a exercer o seu papel de formar o cidadão.

Na análise dos fragmentos acima, que perpassam pelo histórico pessoal dos estudantes, observa-se que certamente o bom desempenho escolar está sustentado em bases sólidas que envolvem esses sujeitos em tramas objetivas e subjetivas, fundadas nas relações sociais, nas quais a família e escola não deixarão de fazer parte.

Se faz necessário também atentarmos para algumas frases pronunciadas pelos adolescentes, como por exemplo: “ninguém se importa se estou vivo ou

morto”, “queria desaparecer” ou “melhor seria se eu morresse”. Essas frases devem ser encaradas como um pedido de escuta para um sentimento de angústia incontornável.

O estudante E1 demonstra no fragmento abaixo, um senso de auto responsabilidade em apaziguar os conflitos vivenciados entre seus pais, depois que os irmãos mais velhos saíram de casa. “Hoje meus irmãos já estão casados e saíram de casa, sou eu que tenho que separar as brigas de meus pais. Tudo isso atrapalha meus estudos. A vontade que eu tenho é fugir pra sair do ambiente que vivo”. (E1, 17 anos)

Na análise do fragmento, identificamos que o estudante demonstra em suas palavras certo esgotamento emocional diante de tal situação e expressa a vontade de se ver livre desse ambiente que traz prejuízo aos estudos. É importante salientar que o estudante E1 já foi citado em outras seções, nas quais relata ter atentado contra a própria vida por seis vezes.

Outra situação associada à depressão é a autolesão, um comportamento causado por intenso desequilíbrio emocional. Silva e Siqueira (2017, p. 5) afirmam que:

A autolesão se caracteriza por ser um comportamento distinto da tentativa de suicídio, apresenta um cunho de forte dor emocional, onde se busca alívio imediato a uma situação que lhe desperte sentimentos negativos, os quais não conseguem expressar de outra forma, sendo essa a maneira que o indivíduo encontra de lidar com a sua dor, sentimentos ou situações desestruturantes, ocorrendo em contexto privado, devido ao forte sentimento de vergonha que causa em seus praticantes.

Jovens que narram o desejo de aliviar a dor tentam transferir para o corpo físico a dor psíquica. Nessa perspectiva, afirma a autora que, no mundo competitivo, no qual nos encontramos atualmente, sofremos pressão por resultados. A pressão social sobre os adolescentes é mais preocupante porque naturalmente, esses indivíduos são mais vulneráveis por se encontrarem em um período de amadurecimento psíquico e emocional.

No relato de E7, podemos observar que uma série de eventos experimentados no contexto escolar e familiar contribuiu para a sua baixa estima, para a vulnerabilidade e exposição à violência física, moral e social. Como deficiente física, a estudante não se sentia incluída no espaço escolar. Os eventos

circunstanciais que envolveram a família (que incluem a perda por morte de um ente ao qual se vinculava) a expuseram a situação de autolesão:

Em 2015 eu sai do meu antigo colégio por questões financeiras. No novo colégio que fui matriculado eu apanhava muito dos meus colegas porque eu era deficiente física. Escondia isso dos meus pais e dizia que os roxos eram por causa das constantes quedas que tomava. Tinha uma prima que me apoiava, mas ela foi pra São Paulo e faleceu no mesmo ano. Depois da morte dela, pensava em morrer também e aí me mutilava (E7, 16 anos).

A OMS (2014) vem tratando o tema autolesão como violência autoinfligida, ou seja, aquela praticada através do “uso intencional de força física real ou de ameaça contra si próprio”.

Geralmente os instrumentos utilizados para a prática da autolesão são facas, agulhas, lâminas de barbear, tesouras, cacos de vidros, qualquer objetos pontiagudos, ponta de cigarro acesa, entre outros (AZEVEDO *et al.*, 2019).

Essa prática costuma acontecer em lugares escondidos, onde o indivíduo possa ficar sozinho com certa privacidade. Quem pratica se envergonha, por isso procura lugares escondidos. Outra estratégia é o uso de roupas ou algum acessório e cortes que possam ser facilmente justificados como, por exemplo: arranhões do cachorro, tombos, cortes acidentais etc. (AZEVEDO *et al.*, 2019).

#### 5.8.6 Construção da orientação sexual e performance estudantil

Outro elemento que interfere nas performances estudantis é a identidade de gênero que se refere à experiência de uma pessoa com o seu próprio gênero. Nesse sentido, a identidade de gênero é diferente de orientação sexual. Como uma questão ascendente, atualmente há uma tendência mundial de afirmação da identidade de gênero, e do direito do exercício da orientação sexual no conteúdo das legislações nacionais e internacionais, isto é, em vários países tem se assegurado que as pessoas no exercício de sua liberdade individual, possam exercer qualquer orientação sexual, quer seja, heterossexual, homossexual, bissexual e assexual (DINIS, 2008).

Tal compreensão se pauta em que a sexualidade humana não se resume unicamente a reprodução. Campus (2015), afirma que a sexualidade vai além, é uma concepção pessoal/social que se desenha no decorrer da vida, de forma

contínua e difícil, articulando aspectos biológicos/fisiológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos, e é experienciada de diferentes formas quanto às orientações sexuais (hétero, homo e bissexualidade) e as identidades de gênero (percepção subjetiva de ser masculino ou feminino).

Castro, Abramoway e Silva (2004), coadunam com esse autor ao afirmarem que a sexualidade é fundada dentro de um marco cultural, demarcado por prejulgamentos e rituais. Esses rituais e preconceitos estão enraizados em todos os ambientes sociais, principalmente no ambiente escolar, local de formação do indivíduo, ainda que de forma superficial (CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2012).

Entre tantas especificidades pertinentes ao período da adolescência no que se refere ao desenvolvimento humano, não podemos deixar de considerar as transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais que ocorrem entre a infância e a fase adulta. Do ponto de vista da psicologia, nessa fase, a identidade adulta é o objetivo do indivíduo. Suas primeiras referências afetivas estão pautadas nas relações existentes no seu grupo familiar e posteriormente no meio em que vive, considerando os processos sociais e culturais que de certa forma conduziram a formação da sua identidade (PRATTA; SANTOS, 2007).

A maioria dos adolescentes passa grande parte do seu tempo na escola, convivendo com pessoas iguais e diferentes de si, com costumes, regras e valores diversos. É a escola o ambiente onde os adolescentes se socializam e afirmam a sua sexualidade. Este é um ambiente no qual o adolescente interage com o mundo e com as pessoas que o cercam.

Sofri muito bullying na escola por causa do meu cabelo crespo e meu rosto coberto por espinha naquela época o que aumentou a minha insegurança e por conta disso me tornei uma pessoa tímida e isolada. [...] fiz amizade com cinco meninas que me aceitaram sem preconceito e melhorou a minha autoestima (E8, 16 anos).

Também é na escola que as identidades de gênero e a orientação sexual podem se definir, por ser esse um ambiente de muitas transformações e descobertas, apartado do núcleo social e familiar e onde se é possível vivenciar performances variadas, de maneira mais livre e autônoma. A escola é um dos espaços do aprender a ser, e geralmente onde se experimenta e se ousa ser.

Depois de se inserir num grupo social em que foi aceita e acolhida, E8, descobriu e passou a exercer a sua orientação sexual: “Nesse mesmo ano me descobri bissexual, me apaixonei por uma menina” (E8, 16 anos).

A estudante E8 deixa claro que sofria bullying na escola diante da imagem preconcebida e estereotipada prevalente no seu ambiente escolar. O preconceito e a exclusão são muito comuns entre os adolescentes e desencadearam sentimentos de insegurança, isolamento e introspecção pela não aceitação entre seus pares.

Em sua experiência pessoal, a estudante E8, relata que quando passou a ser acolhida por um determinado grupo social que não a rotulou, melhorou a sua autoestima, o que certamente contribuiu para a descoberta de sua orientação sexual.

A literatura aponta que na adolescência há uma tendência maior dos indivíduos a se relacionarem em grupos sociais estruturados a partir das afinidades entre os pares, haja vista que nesta fase da vida há uma ampliação das relações sociais (CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2012). Nesse sentido, em razão da socialização, da vivência grupal, adolescentes sentem-se mais acolhidos quando estão inseridos em grupos em que possam exercer a sua própria identidade social.

O exercício da identidade de gênero e da orientação sexual apesar de se processarem no âmbito das liberdades individuais é de natureza complexa e tem envolvido muitos preconceitos. Beraldo (2003), afirma que apesar da revolução sexual, da globalização e dos meios de comunicação terem contribuído para a transformação das atitudes morais, os assuntos referentes ao sexo e a sexualidade sempre foram vistos como inconvenientes gerando preconceitos até a atualidade.

Já Maia (2010) aponta que, atualmente, apesar da vida sexual se iniciar cada vez mais precocemente, as informações sobre sexo e sexualidade para os adolescentes ainda são insuficientes e muitas vezes chegam através da mídia, salvo exceção, e, corroboram para a desinformação. Na compreensão de Maia (2010) banalizaram-se os contextos relacionados à sexualidade, fragilizando as relações afetivas e levando os jovens a se envolverem de forma conflituosa com os outros e com a própria sexualidade. Na perspectiva do autor, muitos jovens, para se sentirem aceitos por seus grupos sociais, adotam comportamentos de risco como consumo de álcool, drogas e comportamentos sexuais sem estarem realmente conscientes do que desejam.

Também a adolescência é um período de experimentações que permitam a definição da identidade de gênero e da orientação sexual:

Eu conheci uma menina que me ajudou a me aceitar e me assumir bissexual. Meus pais não aceitaram e tivemos muitos conflitos. Meu primeiro beijo foi em uma menina e depois namorei um menino, mas ele não me fez muito bem, ele me fez sofrer psicologicamente. Eu terminei o namoro com ele [...] (E7, 16 anos).

Na adolescência o corpo modifica-se, os desejos sexuais emergem e se relacionam as muitas mudanças físicas, psicológicas e sociais que caracterizam essa fase. Também na adolescência, geralmente se vivenciam as primeiras experiências amorosas e sexuais que se processarão como um rito de passagem, natural para a vida adulta, proporcionando o autoconhecimento, as dimensões relacionais e as diferenças de gênero (CEDARO, 2012).

Apesar de a sexualidade começar a se processar na adolescência e ser considerada um elemento natural do desenvolvimento humano, o seu exercício gera grande inquietação para a família talvez por que a maturidade física do adolescente nem sempre está alinhada com a maturidade psicológica o que implica na possibilidade de exposições a fatores de riscos (Gravidez, exposição a infecções sexualmente transmissíveis, dentre outros).

Muitas vezes envoltas em valores morais e religiosos, tabus e preconceitos, algumas famílias acreditam que os jovens precisem aguardar sempre mais do que o necessário para serem considerados adultos apesar de estarem prontos fisicamente. Essa é uma situação dual, presente na caracterização da adolescência: não é maduro o suficiente para ter atitudes de adultos, nem infantil para agir como criança (BOCK, 2007).

Ademais, os comportamentos sociais que levamos para vida toda são estabelecidos na adolescência, dentre os quais os que figuram o campo da sexualidade. A adolescência é uma fase de inúmeras alterações biopsicossociais, em que ocorre à iniciação sexual, muitas vezes sem a diretriz de um adulto responsável, o que inviabiliza a realização de escolhas conscientes, envolvendo os desejos, os prazeres e os riscos (CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2012).

As famílias são corresponsáveis pelas performances que se relacionam processo de amadurecimento dos seus adolescentes, pois segundo Campos (2018, p. 19):

A formação e as mudanças comportamentais, corporais, relacionais, de escolhas, desejos e 'performances', não são de responsabilidade apenas das decisões decorrentes do amadurecimento das pessoas, em esfera individual tão somente. Estão interligadas aos contextos familiares, sociais e educacionais (formal e não formal), pelas relações de poder e de desigualdade, assim como pelas atitudes e valores adstritos ao uso dos corpos, como territórios de expressão, de ser, de aprender e de (con) viver, tanto no apego às normas e regras mais tradicionalistas possíveis ou ao extremo dos desejos e aspirações de mudanças, subvertendo os padrões hegemônicos. São construções identitárias processuais, individuais e relacionais.

Lidar com os processos que envolvem o exercício das identidades sexuais, da orientação sexual, da sexualidade na adolescência é um desafio para a escola e para a família. Como já afirmamos, tais instituições são socialmente incumbidas de proteger os seus membros, independente das orientações sexuais destes. No entanto, contraditoriamente essas instituições podem se configurar em lócus de manutenção de violações e discriminações (CAMPOS, 2018) conforme experimentou E9: “Em 2018 eu descobrir que sou bissexual e foi muito difícil e confuso porque meus tios sempre fizeram piadas sobre isso” (E9, 16 anos).

Campos (2018), afirma ainda que nesses espaços podem predominar atitudes preconceituosas em torno da exposição máxima de desrespeito ao indivíduo que, em se tratando de adolescentes, não conseguem lidar com tais situações e acabam desenvolvendo conflitos internos que certamente irão refletir em performances incompreendidas socialmente.

#### 5.8.7 Luto na adolescência: uma dor mais profunda

Quando pensamos em adolescência logo remetemos essa fase às muitas descobertas, transições e desafios as quais os adolescentes estão sujeitos. Nunca caracterizamos a adolescência como um tempo passível de perdas profundas. Os adolescentes assim como os adultos sofrem com as perdas impostas pela dinâmica da vida em movimento. Uma das primeiras mudanças enfrentadas por esses indivíduos nessa fase é demarcada a partir da busca da própria independência que

necessariamente implicará, em muitos momentos, no afastamento gradativo da intervenção familiar. Esse processo é natural e necessário (TANIS, 2009).

As perdas relacionadas a morte são difíceis de serem assimiladas pelos adolescentes. Diante da morte de uma pessoa próxima esse momento é de fracionamento para estes, o que certamente implicará no reconstruir da sua vida. O adolescente vivencia o luto com dificuldades, pois essa “é uma experiência complexa que transcende o âmbito individual” (DOMINGOS, 2003, p. 577).

Para Bowlby (1982) o luto é uma resposta à quebra de um elo afetivo que se manifesta em adolescente e criança. Para este autor, o vínculo está ligado à vida e quando uma criança ou um adolescente perde alguém para a morte o sentimento é de desamparo e solidão, podendo esses sentimentos se apresentarem através de ansiedade e de pânico.

A morte dos pais ou dos responsáveis diretos representa um dos eventos familiares mais difíceis para uma pessoa adolescente. Este é um dos maiores desafios que um adolescente pode enfrentar, podendo afetar seu processo de aquisição de independência e autonomia. A morte paterna ou materna é um acontecimento difícil a ser superado no período da adolescência, pois quase sempre esta perda é representada como imprevista inesperada e injusta (HURD, 2004; PEREIRA, 2004; MALUF, 2003), além de algumas vezes interferir de maneira objetiva na vida e na sua reinserção familiar e comunitária, observa-se no relato da estudante E1:

Minha mãe morreu quando eu tinha 11 anos, eu e minhas irmãs (tenho duas irmãs) fomos morar com minha avó e meu tio. Logo depois minha avó também faleceu o que me deixou muito triste. Fomos morar com outro tio, depois com outra tia (E1, 18 anos).

A estudante E1 perdeu sua mãe ainda na pré-adolescência, uma fase caracterizada essencialmente por mudanças físicas, as quais provocam uma série de alterações psíquicas e que requerem cuidados e o apoio dos pais principalmente da figura materna (MOTA, 2008).

Quando E1 perdeu a sua mãe ela e suas irmãs foram morar com a avó e um tio, no entanto pouco tempo depois ocorreu uma nova perda de uma pessoa importante, sua avó, tendo mais uma vez que morar com outros parentes. Segundo



o fragmento de E1, em seus novos núcleos familiares vivenciava uma série de conflitos entre os membros o que a marcou até os dias atuais.

Em 2012 eu ficava muito sozinha e isolada e minhas irmãs e meu tio brigavam muito. Fomos morar com outra tia. No início foi bom pois mudar daquele ambiente fez bem pra mim. Fiquei sem amigas físicas só virtuais e vivia no computador e isso chateou bastante minha tia e nós duas brigamos muito por conta disso. Em 2016 já estava morando com outro tio e uma irmã, mas ele não tava dando conta das dívidas e tudo mais e sempre havia muitas brigas entre ele e minha irmã. Nesse mesmo ano fui morar com meu pai, sua esposa e um meio irmão. Não me sentia a vontade porque eu não tinha intimidade com eles e depois descobrir que meu meio irmão não gostava de mim. Até hoje quando ouço gritos fico nervosa (E1, 18 anos).

Outros fragmentos da estudante E1 já foram mencionados anteriormente em outras situações. Esta adolescente relata problemas de depressão desde muito cedo. A estudante conta que depois do falecimento da avó, ela e as irmãs tiveram que morar com outros parentes, inclusive com o pai, o qual não teve nenhuma espécie de convivência desde o seu nascimento. Pelo intervalo estabelecido entre todos esses acontecimentos, é possível notar que se dão em um curto espaço de tempo. Certamente tais experiências vivenciadas contribuem para o amadurecimento precoce.

Segundo Mota (2008) quando se vivencia a morte durante a adolescência, se faz necessário um olhar mais atento e cuidadoso, pois nessa fase os sentimentos são mais intensos podendo representar fator de risco. Para esse autor, o sentimento do adolescente ante a morte é transpassado por culpa, autoacusação, ira, melancolia, medo, vontade de juntar-se a pessoa que morreu, dentre tantos outros sentimentos. É imprescindível que a família independente dos vínculos relacionais estabelecidos, promova meios capazes de acolher a dor adolescente de modo que assegure a privacidade e a vivência do luto.

O tipo de morte influencia muito na vivência do luto adolescente. Se a morte for repentina, violenta ou prolongada por uma doença, pode oferecer implicações para a autoestima e o equilíbrio emocional. Na experiência do luto do adolescente, perder um amigo, um primo ou um irmão é perder alguém semelhante a si mesmo, o que pode promover a sensação de vulnerabilidade (MOTA, 2008).

O estudante E10 demonstra em seu relato o quanto a perda do irmão afetou a dinâmica familiar: “Eu, meus pais e minha irmã morávamos em São Paulo, mas minha irmã morreu aos 3 anos. Isso abalou muito meus pais e resolveram vir pra

Salvador. Minha mãe sofreu muito e ela não conseguia ficar só. Foi muito difícil” (E10, 17 anos).

Apesar de a morte ser uma experiência presente no cotidiano da vida humana, esse tema é pouco discutido e promove-se a intenção de mantê-lo afastado do mundo dos vivos (MOTA, 2008). De modo geral, quando há a perda de um irmão, o adolescente procura apoio emocional na figura dos pais. No entanto, os pais estão vivenciando naquele momento o rompimento da perda de um filho e dificilmente conseguirão atender as necessidades emocionais individuais.

O luto afeta toda a família, mas seu impacto sobre o adolescente é intenso por sua capacidade de se somar a outras circunstâncias preexistentes, como se observa no fragmento de E11.

Em 2016 eu me sentia muito triste, me isolava dentro do quarto. Sofri bullying na escola e nesse mesmo ano minha irmã morreu de câncer e isso me marcou muito, quando eu penso nisso não sei nem decifrar o que sinto (E11, 16 anos).

Por fim o luto é uma experiência sofrida individualmente e tal vivência vai depender de inúmeros fatores. Apesar de causar dor e sofrimento inclusive em adultos, quando se é adolescente a perda de um ente querido, se não for cercada de atenção e cuidados necessários, certamente pode acarretar em consequências futuras como tristeza intensa, revolta, sensação de desamparo, angústia, dentre outros sentimentos, que podem reverberar em performances diversas de modo a interferir no futuro do adolescente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como tentamos demonstrar, as questões e implicações que envolvem as performances estudantis insatisfatórias estão atreladas as complexidades que compreendem o plano objetivo, isto é, a ordem social, política e econômica, e cultural presentes na nossa sociedade e também, as questões de ordem subjetiva que envolvem os relacionamentos humanos, as experiências simbólicas ou não, que invadem a intimidade do ser. Portanto, o resultado das performances estudantis está relacionado ao contexto das relações sociais e humanas mais amplas de modo a reverberarem em duas instituições de extrema importância para a formação dos indivíduos: a escola e a família.

O ponto fulcral desta pesquisa foi investigar se as dinâmicas familiares interferem na performance do estudante, tendo como partida o olhar do educando de um Instituto Federal de Educação. Assim, neste trabalho, a performance estudantil foi atrelada ao desempenho escolar do estudante do 1º ano do Curso de Química do IFBA Campus Salvador. A nossa inquietação se deu a partir do momento em que percebemos um alto índice de estudantes reprovados no primeiro ano deste Curso, que além de ser mais concorrido no processo de ingresso, possui o histórico de média mais alta dentre os outros.

Apresentamos as principais reflexões, sem, contudo, existir a ambição de delinear desfechos ou conclusões, haja vista se tratar de um tema amplo, que carece de uma imersão maior, em se tratando de pesquisas qualitativas no campo da família /escola.

Como professores, acompanhamos diariamente o desenrolar de várias performances estudantis, o que nos faz refletir se tais desempenhos realmente estão relacionados às situações inerentes as dinâmicas escolares, como por exemplo, base escolar deficitária, baixa frequência escolar, falta de assiduidade, desorganização pessoal e/ou a não priorização dos estudos, fenômenos que conseqüentemente, podem conduzir os estudantes a um rendimento aquém do esperado.

Ante a essas inquietações, procuramos nesta pesquisa investigar se existem outras situações que impliquem em baixo rendimento escolar reprovação e evasão, que de alguma forma possam interferir na performance dos estudantes.

Neste sentido, foram identificados como elementos fundantes destas performances, além dos eventos habitualmente relacionados ao fracasso escolar, (à alta pressão existente no IFBA, que ocorre através de cobranças, carga horária intensa, a densidade de disciplinas e de conteúdos dentre outros), a interferência das condições socioestruturais das famílias, vez que o IFBA é composto na sua grande maioria por estudantes de classes populares, (que muitas vezes necessitam de apoio dos programas assistenciais oferecidos pela instituição, mas que, nem sempre, contemplam a demanda, conforme demonstrado no percurso dessa pesquisa) mas também de elementos subjetivos.

A ansiedade e a depressão também foram mencionadas ao longo da pesquisa, em razão de nove dos 28 participantes, mencionarem sofrerem de tais transtornos, o que representa 1/3 dos entrevistados. Neste sentido identificamos que tais doenças (classificadas assim, internacionalmente) estão, cada vez mais, presentes no imaginário e na realidade do ambiente escolar, se manifestando de diferentes formas e poucas vezes são identificadas, diagnosticadas, investigadas ou reconhecidas.

Ademais, estes transtornos podem desencadear outras tantas doenças, tão preocupantes quanto as anteriores, tais como a autolesão e a ideação suicida, questões que também apareceram ao longo desta pesquisa e cada vez mais se materializam nas instituições escolares e na sociedade como um todo.

Cumprе destacar, ainda, que a separação dos pais e irmãos, os conflitos entre os pais, entre os pais e filhos ou entre parentes diversos, figuram os resultados da pesquisa, pois correlacionam os estudantes a outros problemas vivenciados no ambiente familiar, como a violência verbal, o bullying a não aceitação a orientação sexual, que terminam por penetrar o ambiente escolar, e, conseqüentemente às performances estudantis.

Em suma, compreendemos que a família é considerada o mais enfático agente de socialização e tende a ser reconhecida como uma unidade de proteção, transmissora de valores, suporte emocional e criadora de recursos de proteção para seus integrantes. Contudo, analisamos que situações de vulnerabilidade, violação de direitos, negligência, omissão, dentre outras, também integram os contextos familiares e interferem diretamente nas performances estudantis.

Espera-se que de algum modo, a discussão aqui apresentada colabore para um debate na esfera acadêmica não se encerrando como conclusão, mas como discussão iniciada, capaz de inspirar outras pesquisas em Família e Educação.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. Transformações Econômicas e sociais no Brasil dos anos 1990 e seus impactos no âmbito da família. *In*: SALES, M. A.; MATOS, M. C. de; LEAL, M. C. **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALTMAN, Raquel. **Cenário da infância e adolescência no Brasil**. Fundação Abrinq, 2019. Disponível em: <http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Cenario-2017-PDF.pdf>. Acesso em: 15 fev.2019.

AMPARO, D. M.; ALVES, P. B.; CÁRDENAS, C. J. Pertencimento e identidade em adolescentes em situação de risco de Brasília. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo Brasil, v. 14, n.1, p. 1-13, 2004.

ANDRADE, W. Autores dos assassinatos de 8 pessoas em Suzano eram ex-alunos da escola. **Voz da Barra**. Barra de São Francisco, 13 mar. 2019. Disponível em: <http://www.vozdabarra.com.br/autores-dos-assassinatos-de-8-pessoas-em-suzano-eram-ex-alunos-da-escola/>. Acesso em: 20 out.2019.

ANTUNES, R. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ANTUNES, R.; POCHMANN, M. Dimensões do desemprego e da pobreza no Brasil. **Interfacehs – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**. v. 3, n. 2, Tradução abr./ago. 2008. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/trad-2008-2.pdf>. Acesso em: 10 dez.2019.

ARANDIA, A. K. O mercado de trabalho frente à crise dos anos 80 e aos Planos de Estabilização. **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 148-164, 1991. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/380/612>. Acesso em: 10 dez.2019.

ARAÚJO, L. C.; VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L. Ideação Suicida na adolescência. **Psico-USF**. v. 15, n. 1, p. 47-57, jan./abr. 2010.

ARIÈS, P. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

ARROYO, M. Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em Aberto**. Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-40, jan. 2000.

ATIÉ, Lourdes. Editorial. **Pátio-Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 3, n. 10, p. 3, ago/out, 1999.

AZEVEDO, A. E. B. I. *et al.* **Guia Prático de Atualização Departamento Científico de Adolescência**. Autolesão na adolescência: como avaliar e tratar. Codajic. Recife-PE, 2019. Disponível em:

<http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/48.%20Autoles%C3%A3o%20na%20adolesc%C3%Aancia%20como%20avaliar%20e%20tratar.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BALTAR, P.; LEONE, E. T. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 233-249, jul./dez. 2008.

BARROS, R.; HENRIQUE, R.; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 15, n. 42. fev. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092000000100009&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092000000100009&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 12 nov. 2019.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poética e Performance como perspectiva crítica sobre a linguagem e a vida social. **ILHA Revista de Antropologia**. 185, vol. 8 n. 1 e 2. Departamento de Antropologia, UFSC. Disponível em: [https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/0\\_poetica\\_e\\_performance\\_Baum\\_Briggs\\_trad\\_vania\\_luci.pdf](https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/0_poetica_e_performance_Baum_Briggs_trad_vania_luci.pdf). Acesso em: 19 nov. 2019.

BERALDO, F. N. Sexualidade e Escola: Um Espaço de Intervenção. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.). v. 7, n. 1, Campinas, 2003.

BERGAMO, K. Depressão na Adolescência é Coisa Séria. **Revista Saúde**. 11 out. 2018. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/familia/depressao-na-adolescencia-e-coisa-seria/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BIANCARELLI, A. M. A Era Lula e sua questão econômica principal: crescimento, mercado interno e distribuição de renda. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 58, p. 263-288, 2014.

BOCK, A. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. v. II, n. I, jan/jul., 2007. p. 63-76.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BRANCO, V. R. C. **Os efeitos da globalização na economia**: sua relação com o emprego, a educação e a família brasileira. 2004. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/producao-academica/os-efeitos-da-globalizacao-na-economia-sua-relacao-com-o-emprego-a-educacao-e-a-familia-brasileira/3231/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 12 dez. 2019.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPUS, L. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação (Bauru)**. v. 21, n. 4. Bauru. Dec./2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132015000400001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132015000400001). Acesso em: 21 nov. 2019.

CAMPUS, P. R. **Juventude em trânsito**: conflitos e subversões do (cis) tema heteronormativo no contexto familiar e escolar em Salvador. 2018, 137f. Dissertação (Mestrado em Família) - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, na UCSAL, Salvador, 2018.

CANÊDO, L. B. **A família, a escola e a questão educacional**. 1993. Disponível em: <https://leticiaabcanedo.wordpress.com/1993/07/01/a-familia-a-escola-e-a-questao-educacional/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

CARRERA, G. O. **Educando os invisíveis**: Trajetória histórica dos internatos para preservação e reforma de menores da Bahia (1933/1950). 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

CARRERA, G.; FREITAS, J. Adolescências e Privação de Liberdade: antogonismo de um encontro impositivo. In: **Adolescentes & Adolescências**: família, escola e sociedade. Curitiba: CRV, 2018. p. 414-437.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVALHO, I. M. M. de; ALMEIDA, P. H. de. Família e proteção social. **São Paulo Perspectiva**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-122, jun. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 nov. 2019.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. **Ser jovem hoje no Brasil**: desafios e possibilidades. Programa de prevenção à violência nas escolas. 2015. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

CEDARO, J. J.; VILAS BOAS, L. M. da S.; MARTINS, R. M. Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho - RO. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2012, v. 32, n. 2 [cited 2020-02-29], p. 320.

CEDARO, J.; VILAS BOAS, L.; MARTINS, R. Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho – RO. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 32, n. 2, Brasília, 2012. Disponível em:



[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200005). Acesso em: 19 nov. 2019.

CHARLEAUX, J. O que faz a desigualdade ser tão persistente no Brasil. **Nexo Expresso**. 27 set. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/09/25/O-que-faz-a-desigualdade-ser-t%C3%A3o-persistente-no-Brasil>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia**. v. 10, n.3, p.431-440, 2005.

COSTA, M. O professor PDE e os desafios da Escola Pública Paranaense. **Produção Didática Pedagógica**. v. 2, Curitiba-Pr, 2010.

CRIVELATTI, M. M. B.; DURMAN, S.; HOFSTATTER, L. M. **Sofrimento psíquico na adolescência**. Florianópolis, 2006, p. 64-70.

CUNHA, L. A. Aspectos sociais da aprendizagem de ofícios manufatureiros no Brasil Colônia. In: **Fórum Educacional**. 2. ed., p. 31-65. Rio de Janeiro, out./dez., 1978.

DEDECCA, C. S. Desregulação e desemprego no capitalismo avançado. **São Paulo em Perspectivo**. São Paulo, v. 10, n. 1, 1996. Disponível em: [http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n01/v10n01\\_02.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n01/v10n01_02.pdf). Acesso em: 08 nov. 2019.

DELFRATE, C. R. C.; SANTOS, S. A. G. dos; TUPICH, S. B. Política multicampi da UEPG: um estudo de caso. In: PEIXE, B. C. S.; HILGEMBERG, C. M. de A.; MELATTI, G. A. (org.). **Gestão de Políticas Públicas no Estado do Paraná**. Curitiba: Progressiva, 2008.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2007000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2007000100003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 02 nov. 2019.

DINIS, N. Educação, relação de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.** Campinas, v. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia Reflexão e Crítica**. 16. ed. p.577-589, 2003.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUARTE, L. F. D. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, I. (org.). **Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, 1994, p. 23-41.

DURHAM, E. R. Família e casamento. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ABEP, 1982. v. 1, 1982, p. 31-50.

EPSTEIN, J. L. **School, Family, and Community Partnerships: preparing educators and improving schools**. Baltimore, Johns Hopkins University: Westview Press, 2011.

FAGNANI, E. A política social do governo Lula (2003-2010): perspectiva histórica. In: Política Social no Governo Lula em perspectiva. SER Social: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Política Social**. Universidade de Brasília. Departamento de Serviço Social. Brasília, v.13, n. 28, jan./jun. 2011.

FAGNANI, E. **Política social perspectiva histórica (2003-2010)**. UNICAMP, 2011.

FARTES, V. L. B. V.; MOREIRA, V. C. (org.). **Cem anos de educação profissional no Brasil: História e memória do Instituto Federal da Bahia: (1909-2009)**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FARTES, V.; MOREIRA, V. (orgs.). **Cem Anos de Educação Profissional no Brasil**. História e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009). Salvador, EDUFBA, 2009.

FERNADES, V.; SOUZA, M. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63, abr. 2016.

FERREIRA, M. J. B.; SARTI, F. Diagnóstico: base industrial de defesa brasileira. **Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial**. Campinas: ABDI; NEIT-IE-UNICAMP, 2011.

FERREIRA, T.; FARIAS, M.; SILVARES, E. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Abr-Jun, 2010, v. 26, n. 2, p 227-234. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 18 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GESTA Engajamento Escolar. 14 causas do abandono escolar no Brasil. **Politize!**. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/abandono-escolar-causas/>. Acesso em: 15 fev.2019.

GÓIS, L. S.; ROCHA, G. S. A atuação do gestor escolar no enfrentamento da evasão no Instituto Federal da Bahia – IFBA. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 5, n. 14, 2019.

GOLDANI, A. M. As Famílias Brasileiras: Mudanças e Perspectivas. **Cad. Pesq.** São Paulo, n. 91, p. 7-22, nov. 1994.

GOMBATA, M. Novas famílias, velhos problemas. **Carta Educação**. 17 ago. 2015.

GOMES, M. Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem. **Revista Educação Pública**. jul. 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/14/fatores-que-facilitam-e-dificultam-a-aprendizagem>. Acesso em: 16 jan. 2020.

GONÇALVES, F. do N. Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação. **Logos 20**: Corpo, arte e comunicação. Ano 11, n. 20, 1º sem. 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/14676/11144>. Acesso em: 16 jan. 2020.

GONÇALVES, P. I. D. **Interdisciplinaridade**: Desenho e Geometria Descritiva. 2018. 200f. (Mestrado em Ensino de Artes Visuais) - Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35810/1/ulfpie053108\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35810/1/ulfpie053108_tm.pdf). Acesso em: 19 nov. 2019.

GOULART, V. R.; WAGNER, A. Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. **Arquivo Brasileiro da Psicologia**. Rio de Janeiro, 3 ed. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v65n3/06.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

GUILHARDI, H. J. Análise comportamental do sentimento de culpa. In: TEIXEIRA, A. M. S. et al. (orgs.). **Ciência do comportamento**: conhecer e avançar. p. 173-200. Santo André: ESETec., 2002.

GUIMARÃES, A.; ALMEIDA, M. Os jovens e o mercado de trabalho: Evolução e desafios da política de emprego no Brasil. **TEMAP – Temas de Administração Pública**. v. 8, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/temasadm/article/view/6845/4926>. Acesso em: 23 jan. 2019.

HURD, R. C. A Teenager Revisits Her Father's Death During Childhood: A Study in Resilience and Healthy Mourning. **Family Therapy**, San Diego, v.31n n.3, 2004, p. 167-184.

ICLE, G. Da Performance na Educação: perspectivas para a pesquisa e a pratica. In: PEREIRA, M. A. (org.). **Performance e Educação**: (des) territorializações pedagógicas. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 9-22.

ICLE, G. Para apresentar a Performance à Educação. **Educação & Realidade**. v. 35, n. 2, p. 11-21 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/15861/9473>. Acesso em: 13 de ago. 2019.

ICLE. G.; BONATTO, M.; PEREIRA, M. Performance e Escola. **Caderno Cedes**. Campinas, v. 37, n.101, p. 1-4, jan.-abr. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622017000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622017000100001). Acesso em: 16 ago. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Brasília, 2011. Microdados.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Síntese de Indicadores Sociais (SIS)**. Rio de Janeiro, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Estatística de Gênero** 2017. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,43,432220,432360,432345,431550,430690,430930&cat=128,-15,-16,55,-17,-18&ind=4704>. Acesso em: 19 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Mobilidade Social Ocupacional – 2014. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. 2014. Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/331e3fd38ba3dce6411dfe876b4c0f76.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/331e3fd38ba3dce6411dfe876b4c0f76.pdf). Acesso em: 19 nov. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA. **Portal IFBA**. Disponível em:

<http://www.portal.ifba.edu.br/component/option/Itemid,category/>. Acesso em: 22 set. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA. **Portal IFBA**. Diretrizes para a Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Disponível em:

<http://www.portal.ifba.edu.br/institucional/politica-de-assistencia-estudantil-noifba.html>. Acesso em: 12 nov. 2019.

IFBA. **Resolução n.º 10 de 1º de junho de 2006**. Estabelece reservas de vagas para afrodescendentes, índios e índios descendentes, nos cursos do CEFET-BA realizados através de Vestibular/Seleção. Disponível em:

[http://www.ifba.edu.br/informativo/resolucoes/RE\\_10-2006\\_Sobre\\_COTAS.pdf](http://www.ifba.edu.br/informativo/resolucoes/RE_10-2006_Sobre_COTAS.pdf). Acesso em 20 jan. 2016.

KINZO, M. A democratização brasileira um balanço do processo político desde a transição. **São Paulo em Perspectiva**. 4. ed. 2001. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000400002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400002). Acesso em: 15 dez. 2019.

LEITE, G. O CONCEITO DA ADOLESCENCIA. **Jusbrasil**, 2016. Disponível em:

<https://giseleleite2.jusbrasil.com.br/artigos/348595255/o-conceito-da-adolescencia>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LESSA, J. S. **CEFET–BA – Uma resenha histórica**: da escola do mingau ao complexo integrado de educação tecnológica. Salvador: CCS/CEFET-BA, 2002.

LEVINAS, E. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

LEVINSKY, D. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. *In*: SHAPIRO, H. L. **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1956.

LINO, M. V. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. **Revista IGT na Rede**. v. 6, n. 10, p. 2-13, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/SusaneSantos/Downloads/IGTnR-2009-240.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

LOPES, E. S. L.; NERI, A. L.; PARK, M. B. Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos sobre Envelhecimento**. 2. ed, 2005, p. 30-32.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e Multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Edufba, 2000.

MACEIA, F. V. D. **Investigando a reprovação e o abandono escolar no ensino secundário geral em Moçambique**: um estudo de caso no colégio marista de manhiça. 2019, 119f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades na linha de Pesquisa, Formação, Políticas e Práticas em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

MAGALHÃES, J. A influência da moradia nas relações familiares: uma análise das famílias em risco social. **4º Simpósio Mineiros de Assistentes Sociais**. 2016. Disponível em: <https://cress-mg.org.br/hotsites/Upload/Pics/d6/d6ec3ae3-ac4f-46ef-9f9c-4bf610b8a60c.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

MAIA, A. C. B. Os jovens e os dilemas da sexualidade. *In*: AMARAL, E. *et al.* **Novas palavras, nova edição**. São Paulo: FTD, 2010. Disponível em: [https://www3.faac.unesp.br/nos/sexualidade/sexualidade\\_texto\\_html.htm](https://www3.faac.unesp.br/nos/sexualidade/sexualidade_texto_html.htm). Acesso em: 19 set. 2019.

MARQUES, R. **Professores, família e projecto educativo**. Porto, PT: Asa Editores, 2001.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com famílias. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. ano 4, 2004, p.66-77.

MATTOSO, Jorge. **O Brasil desempregado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MELCHIORI, L.; DESSEN, M.; BOAS, A. Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**. v. 62. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672010000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200009). Acesso em: 25 nov. 2019.

MELO, R. A. Família e escola, responsabilidades compartilhadas na garantia de uma educação de qualidade. **Plataforma do Letramento**. 2017. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-coluna-detalle/1163/familia-e-escola-responsabilidades-compartilhadas-na-garantia-de-uma-educacao-de-qualidade.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MINUCHIN, P. Families and individual development: provocations from the field of family therapy. **Child Development**. v. 56, p. 289-302, 1985.

MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes, 1980.

MIOTO, R. Novas propostas e velhos princípios: a assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sociofamiliar. In: SALES, M. A.; MATOS, M. C. de; LEAL, M. C. (org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MONTEIRO, K.; LAGE, A. A depressão na Adolescência. **Psicologia em Estudo**. v. 12, Maringá, maio/ago. 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200006). Acesso em: 19 nov. 2019.

MOREIRA, L.; BASTOS, P. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. SP. v. 19, n. 3, set/dez. 2015, p. 445-443.

MOTA, Monica Maria. **O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental**. 2008. 203 f. Tese (Doutorado– Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NURMI, J. E. How do adolescents see their future? A review of the development of future orientation and planning. **Developmental Review**. ano 11, 1991, p. 1-59.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAUJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 nov. 2019.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: UNESP / Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf>. Acesso em: 21 set. 2019.

OLIVEIRA, N. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Serviços Sociais) – Programa em Serviços Sociais da faculdade de História, Direito e Serviço Social – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca – SP 2009. Disponível em: [https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/tese\\_nayara\\_pdf.pdf](https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/tese_nayara_pdf.pdf). Acesso em: 19 nov. 2019.

OPAS BRASIL - ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Jovens e saúde mental em um mundo em transformação**. Dia Mundial da Saúde Mental. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5777:dia-mundial-da-saude-mental-2018&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5777:dia-mundial-da-saude-mental-2018&Itemid=839). Acesso em: 29 jul. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre a prevenção da violência**. São Paulo- SP: Fapesp, 2014.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S. O valor dos avós na sociedade brasileira. **Partes Revista Virtual**. 2008. Disponível em: [www.partes.com.br/terceiridade/ovalordosvos.asp](http://www.partes.com.br/terceiridade/ovalordosvos.asp). Acesso em: 19 nov. 2019.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer**: Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PACHECO, A. L. P. de B. **Mulheres pobres e chefes de família**. 2005. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. de (org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-21.

PARO, V. H. Estrutura da escola e prática educacional democrática. **30ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu-MG, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT05-2780--Int.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

PAROLIN, I. **Professores formadores**: a relação entre família, a escola e a aprendizagem. Série: práticas educativas. Curitiba: Positivo, 2007.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**. Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PEREIRA, A. **Sucesso escolar de alunos dos meios populares**: mobilização pessoal e estratégias familiares. 2005, 216f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.

PEREIRA, P. A. P. Centralização e exclusão social: duplo entrave à Política de Assistência Social. **Ser Social**. Brasília, n. 3, p. 119-133, jul./dez. 1998.

PEREIRA, P. A. P. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania. In: BOSCHETTI, I. et al. (orgs.). **Política Social no Capitalismo**: tendências contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2009.

PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 507-518, abr. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232009000200019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232009000200019&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 ago.2019.

PESQUISA nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015. **IBGE**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

PETRINI, G.; FONSECA, R.; PORRECA, W. Pobreza, capital humano, capital social e familiar. **Memorandum**. ano 19, p.184-197, 2010. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Nplvn\\_jwtyAJ:https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6580/4157/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Nplvn_jwtyAJ:https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6580/4157/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 15 ago.2019.

PETZOLD, M. The psychological definition of “the family”. In: CUSINATO, M. (org.). **Research Family: Resources and needs across the world**. Milão: LED- Edizioni Universitarie, 1996, p. 25-44.

PINEAU, E. L. Teaching is Performance: reconceptualizing a problematic metaphor. In: ALEXANDER, B. K.; ANDERSON, G. L.; GALLEGOS, B. P. **Performance Theories in Education: Power, Pedagogy and the Politics of Identity**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, p. 15-39.

PINTO, Tales dos Santos. "Governo Itamar – Economia". **Brasil Escola**. 2014. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/itamar-economia.htm>. Acesso em: 09 set. 2019.

POIRIER, M. O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. **Fundo das Nações Unidas para a Infância**. Brasília, DF: UNICEF, 2011.

POZZOBOM, M.; MAHENDRA, F.; MARIN, A. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**. SP. V. 21, n. 3, set./dez. 2017.

PPC - Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Química. **Portal IFBA**. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/> Acesso em: 13 nov. 2019.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudos**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 set. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REALI, A. M. de M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, p. 239-247, ago. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2005000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000200011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 set. 2019.

REGO, T. C. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

REICHENHEIM, M.; HASSELMANN, M.; MORAES, C. Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de



propostas de ação. **Ciência e Saúde Coletiva**. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81231999000100009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81231999000100009&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 ago. 2019.

RENDWANSKI, Mariana. **O Conceito Jurídico de Família a Partir da Pluralidade de Figuras Existentes no Ordenamento Brasileiro atual**. 2012. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais) – Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54306/000854060.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 set. 2019.

RIBEIRO, R.; CIASCA, S. M.; CAPELATTO, I. V. Relação entre recursos familiares e desempenho escolar de alunos do 5º ano do ensino fundamental de escola pública. **Rev. psicopedag.** [online]. v. 33, n. 101, 2016, p. 164-174.

RIBEIRO, S. **Percepção da Pressão de Pares na Tomada de Decisão dos Adolescentes**. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia, Lisboa, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4856/1/ulfpie039628\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4856/1/ulfpie039628_tm.pdf). Acesso em: 14 out. 2019.

RIZZINI, I.; PILOTTI, F. **A Arte de Governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUES, A. M. O outro no trabalho: a mulher na indústria. **Psicol. USP** [online]. v. 5, n.1-2, 1994, p. 221-244.

ROSA, L. **Dificuldade de Permanência de Alunos Vinculados à Assistência Estudantil no IFBA de Jacobina**. 2014. 111f. Dissertação (Mestre em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SALOMON, M. L. O. **Alguns mecanismos de produção de percursos escolares acidentados nos meios sociais favorecidos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2001.

SANTOS, G. P. G. dos. Desemprego, informalidade e precariedade: a situação do mercado de trabalho no Brasil pós-1990. **Pro-Posições**. Campinas, v. 19, n. 2, p. 151-161, maio/ago. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072008000200011&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200011&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 01 dez. 2019.

SANTOS, I. M. M. dos; SANTOS, R. da S. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 714-719, dez. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 dez. 2019.

SANTOS, J. E. F. **Travessias: a adolescência em Novos Alagados: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

SANTOS, L.; TONIOSSO, J. A importância da relação escola-família. **Caderno de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro-SP, 2014. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074149.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**. ano 3. 2004, p. 11-28.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHECHNER, R. **Performance: teoria & practicas interculturales**. Buenos Aires: Libro de Rojas, 2000.

SCHRAM, S.; CARVALHO, M. **O pensar educação em Paulo Freire para uma pedagogia de mudança**. Secretaria de Educação. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2019.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERAPIONI, M. **O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais**. Fortaleza, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000500025](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000500025)> Acesso em: 10 dez. 2019.

SILVA, L.; FERREIRA, T. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**. v. 5, n. 2. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Carlos/Downloads/415-1420-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Carlos/Downloads/415-1420-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 12 nov. 2019.

SILVA, M. O. S. Desigualdade, pobreza e programas de transferência de renda na América latina. Editorial. São Luís. **Revista de Políticas Públicas**. V. 13. n. 2. p. 157 a 159. jul./dez. 2009.

SILVA, M.; SIQUEIRA, A. O perfil de adolescentes com comportamento de autolesão identificados nas escolas estaduais de Rolin de Moura – RO. **Revista Farol**. Edição V. 3, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/38>. Acesso em: 19 nov. 2019.

SILVA, R. C. B. da; NÓBREGA, M. C.; NICOLELLA, A. C. Apropriação dos resultados do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) pelos gestores escolares: um estudo de caso envolvendo duas escolas do interior do Ceará. *In: Casos de gestão: políticas e situações do cotidiano*

educacional. [S.l: s.n.], v. 1. FEARP, 2014. Disponível em: <http://www.mestrado.caeduff.net/wp-content/uploads/2014/09/2014-Livro-Casos-de-Gesta%CC%83o-livro.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2019.

SILVA, L; FERREIRA, T. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**. v. 5 , n. 2, 2014.

SILVA, R.; LOPES, R. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar**. São Carlos, jul./dez. 2009, v. 17, n. 2, p 87-106. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SILVA, W. F. Evasão Escolar nos cursos Técnicos Integrados do IFBA campus Eunápolis. *In*: Políticas Públicas e Gestão da Educação: construção histórica, debates contemporâneos e novas perspectivas - Programas e Trabalhos Completos. **XXV Simpósio Brasileiro, II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação, USP/PUC**. São Paulo/SP: Biblioteca Anpae, 2011. v. 11. p. 1-19.

SÍNTESE de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019. **IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

SOUZA, D. **Centro Industrial de Aratu**: uma história cronológica das vicissitudes. 2014. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Econômicas) – Faculdade de Economia da UFBA, Salvador, 2014.

SOUZA, M. **FAMÍLIA/ESCOLA**: A importância dessa relação no desempenho escolar. 2009, 25f. Artigo. Programa de Desenvolvimento Educacional. Universidade Estadual do Norte do Paraná, Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>. Acesso em: 12 nov.2019.

SUDBRACK, M. F. O. Terapia familiar sistêmica. *In*: SEIBEL, Sérgio Dario; TOSCANO Jr., A. (org.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001, p. 403-415.

TANIS, Bernardo. Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**. V. 43, n. 3, 39-50, 2009.

TAVARES, E. A. A evolução da ideia e do conceito de família. **Jusbrasil**. 2015. Disponível em: <https://advocaciatpa.jusbrasil.com.br/artigos/176611879/a-evolucao-da-ideia-e-do-conceito-de-familia>. Acesso em: 02 ago.2019.

TEIXEIRA, S. Família na política de Assistência Social: avanços e retrocessos com a matricialidade sociofamiliar. **Rev. Pol. Públ.** São Luiz, v. 13, n 2, p. 255-264 jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/4769>> Acesso em: 10 dez.2019.

TEIXEIRA, S. M. **A família na política de assistência social: concepções e as tendências do trabalho social com família nos CRAS de Teresina-PI.** 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2016.

TERUYA, M. T. **A Família na Historiografia Brasileira: Bases e Perspectivas Teóricas.** 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira.pdf>. Acesso em: 20 out.2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNICEF. **Situação das crianças e dos adolescentes no Brasil.** 2016. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/situacao-das-criancas-e-dos-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 20 out.2019.

VELOSO, A. M. da C. **Gênero, poder e resistência: as mulheres nas indústrias culturais em 11 países.** 2013. 305 f. Tese (doutorado) - UFPE, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação. Recife, 2013.

VIDAL, D. **80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate.** Universidade de São Paulo, SP, Brasil. V. 39, n 3, p 577-588, jul/set. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022013000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000300002). Acesso em: 20 out. 2019.

VILLAE, F. Performances. **Revista da Fundarte.** Ano 16, n. 32, Jul./ Dez., 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/431>. Acesso em: 15 ago. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAGNER, A. *et al.* Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 147-156, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721999000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 ago. 2019.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal.** Petrópolis: Vozes, 2015.

ZANE, A. D. de S. **A função da família na educação escolar.** 2013. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Polo UAB do Município de Goioerê, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeiras, 2013.

## APÊNDICES

## APÊNDICE I – Termo de Anuência



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA  
CAMPUS DE SALVADOR

Salvador, 20 de maio de 2019

Ao Comitê de Ética em Pesquisa /IFBA

Eu Allan Edgard Silva Freitas, Diretor-Geral em Exercício do campus de Salvador do Instituto Federal da Bahia, autorizo a mestranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Andréa Cláudia Pimentel Nunes, docente efetiva do IFBA, a realizar no âmbito do campus de Salvador, desde que *autorizada por este Comitê*, à pesquisa sobre Dinâmicas familiares e performances estudantis: o olhar do educando de um instituto federal de educação, que ora está sendo submetida a este mesmo Comitê, podendo para isso contatar coordenadores, professores e estudantes do curso Técnico em Química e utilizar a sala do laboratório de Informática do Departamento Acadêmico de Desenho, desde que não coincida com os horários de atividades acadêmicas ali praticadas, para a aplicação do seu instrumento de pesquisa.

Atenciosamente,

ALLAN EDGARD SILVA FREITAS

Diretor Geraldo em Exercício do Campus de Salvador/IFBA

Prof. Allan Edgard Silva Freitas  
SAPE 130751

## **APÊNCIDE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

### **TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **PARA O RESPONSÁVEL LEGAL**

O seu filho está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada: DINÂMICAS FAMILIARES E PERFORMANCES ESTUDANTIS: O OLHAR DO EDUCANDO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, que será desenvolvida pela pesquisadora Andréa Cláudia Pimentel Nunes, aluna do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e professora do componente curricular Desenho Técnico do (IFBA) Instituto Federal da Bahia – Campus Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo Investigar de que forma as dinâmicas familiares podem interferir na performance do estudante do 1º ano do curso de química do IFBA. A participação do (a) seu (a) filho (a) no estudo consiste em preencher uma ficha intitulada “Eu e minha família”, onde ele irá pontuar acontecimentos bons ou não tão bons que tenham acontecido no seu âmbito familiar nos últimos oito anos, no intuito de pesquisarmos se questões familiares podem de alguma maneira interferir na performance (desempenho) escolar de alunos em sala de aula.

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso seu (a) filho (a) não se sinta à vontade em participar voluntariamente da pesquisa, poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a identificação do (a) seu (a) filho (a) será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance do nome dele (a) ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo, as quais serão posteriormente

analisadas e mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a pesquisa não identificada guardará o conteúdo por cinco anos.

- A participação do (a) seu (a) filho (a) não implica em nenhum custo financeiro.
- O estudo apresenta benefícios que consistem ajudá-lo(a) a refletir sobre de que forma as dinâmicas familiares podem influenciar na performance do estudante. Além disso, como benefícios indiretos, a investigação ampliará o conhecimento científico sobre aspectos agradáveis e desagradáveis sobre esse assunto.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a ficha abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a atividade será interrompida e seu(a) filho(a) será encaminhado(a) para atendimento psicossocial no próprio Instituto com os psicólogos Nadija Brunelli Santana , CRP 03/4641 e Deivid Cassiano dos santos, CRP 03/8992 . Os contatos dela são (71) 21029461 / 2102-9503 e e-mail: [ngbrunelli@ifba.ed.br](mailto:ngbrunelli@ifba.ed.br) e [deivid@ifba.edu.br](mailto:deivid@ifba.edu.br).
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o(a) senhor(a) e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio de endereço/telefone/e-mail.

Andréa Cláudia Pimentel Nunes – Telefone (71) 99400-6101.

[andreacpnunes@gmail.com](mailto:andreacpnunes@gmail.com)

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador – BA, CEP: 40.231-902.

Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo o telefone é: (71) 3203-8913.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável legal do aluno \_\_\_\_\_ autorizo, voluntariamente a participação deste estudo, estando ciente de que ele está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do/da responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_



### **APÊNCIDE III – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada: DINÂMICAS FAMILIARES E PERFORMANCES ESTUDANTIS: O OLHAR DO EDUCANDO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, que será desenvolvida pela pesquisadora Andréa Cláudia Pimentel Nunes, aluna do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e professora do componente curricular Desenho Técnico do (IFBA) Instituto Federal da Bahia – Campus Salvador.

Queremos saber se as dinâmicas familiares interferem nas performances dos estudantes em sala de aula. Caso você queira participar, terá que preencher uma ficha a qual chamamos de “EU e minha família”. Nela é solicitado que você relate de forma simplificada acontecimentos bons ou não tão bons que tenham acontecido no seu ambiente familiar nos últimos oito anos.

Não se preocupe que não será necessário que você se identifique. Apenas precisamos saber sua idade e sexo. Se preferir também pode colocar um pseudônimo, ou seja, escolher um nome ou uma letra para futuramente, caso você queira ter acesso a essa pesquisa, ter como se identificar. Assim não haverá chance alguma de ninguém saber seu nome ou de seus pais ou responsáveis, nem a nenhuma informação que possa identifica-lo. Dessa maneira buscamos saber a sua percepção sobre esse assunto.

Ao decidir participar dessa pesquisa esclareço que:

- Você não é obrigado a participar dessa pesquisa e a qualquer momento pode desistir da mesma, mesmo que já tenha iniciado o preenchimento da ficha sem nenhum prejuízo. Mas caso queira participar, essas informações fornecidas poderão ser utilizadas para trabalhos científicos, onde você terá a oportunidade de nos ajudar a entender se as dinâmicas familiares, ou seja, os acontecimentos internos do nosso núcleo familiar também podem interferir

de alguma maneira no desempenho de jovens nas escolas, e assim ajudar a escola, aos professores e a toda equipe que trabalha não só na sua escola, mas quem sabe em outras também a procurarem meios para ajudar a identificar essas situações e tentar resolvê-la de alguma maneira, para que esse tipo de situação seja identificada de maneira que possa ajudar a colegas que passem por situações parecidas e talvez não tenha percebido que elas de alguma maneira podem estar interferindo nos seus resultados escolares.

- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo, as quais serão posteriormente analisadas e mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a pesquisa não identificada guardará o conteúdo por cinco anos.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a ficha abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a atividade será interrompida e você será encaminhado (a) para atendimento psicossocial com a psicóloga Nadija Brunelli Santana, CRP 03/4641 e Deivid Cassiano dos santos, CRP 03/8992 . Os contatos dela são (71) 21029461 / 2102-9503 e e-mail: [ngbrunelli@ifba.ed.br](mailto:ngbrunelli@ifba.ed.br) e [deivid@ifba.edu.br](mailto:deivid@ifba.edu.br). no próprio Instituto.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio de endereço/telefone/ e-mail.

Andréa Cláudia Pimentel Nunes – Telefone (71) 99400-6101.

[andreacpnunes@gmail.com](mailto:andreacpnunes@gmail.com)

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador – BA, CEP: 40.231-902.

Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo o telefone é: (71) 3203-8913.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável legal do aluno \_\_\_\_\_ autorizo, voluntariamente a participação deste estudo, estando ciente de que ele está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do/da participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE IV – Ficha de Pesquisa

<b>Pesquisadora:</b> <b>Andréa Cláudia</b> <b>Pimentel Nunes</b>	 <b>Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea</b>
<b>FICHA DE PESQUISA LIVRE SOBRE: a dinâmica familiar e performance (desempenho) do aluno na escola</b>	
<b>EU E MINHA FAMÍLIA – Linha da Minha História</b>	
<b>Idade:</b>	<b>Sexo: (M) (F)</b>
<b>Relate de forma simplificada na linha da sua história acontecimentos importantes que acometeram você e sua família nos últimos oito anos.</b>	
<b>2012</b>	<b>2013</b>
<b>2014</b>	<b>2015</b>

2016	2017
2018	2019

--	--

## ANEXO V – Termo de Compromisso para Utilização de Dados Secundários



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA

### TERMO DE COMPROMISSO PARA UTILIZAÇÃO DE DADOS SECUNDÁRIOS

Eu, Andréa Cláudia Pimentel Nunes, aluna envolvida no projeto intitulado: DINÂMICAS FAMILIARES E PERFORMANCES ESTUDANTIS: O OLHAR DO EDUCANDO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO , comprometo-me a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos do (IFBA) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador , bem como a privacidade de seus conteúdos como estabelece a Resolução 510/16.

Informamos que os dados a serem coletados dizem respeito a investigação documental através da análise do questionário socioeconômico desses estudantes, análise do histórico escolar e caderneta escolar do ano anterior, Atas dos conselhos de classes e registros do setor pedagógico.

Salvador, 23 de maio de 2019.

  
.....  
Andréa Cláudia Pimentel Nunes

Andrea Claudia Pimentel Nunes  
Professora  
Matricula no SIAPE: 2863393